LUMEN FLUENS · ESTUDO COMPARADO V

LUMEN FLUENS E O EXISTENCIALISMO

Onde nos tocamos, onde nos separamos — Estudo Comparado V

VERSÃO 1.1 — COM AS DECISÕES DO FUNDADOR

NOVEMBRO DE 2026

Gênero: Estudo Comparado · Nível: avançado · Parte do cânon: todo o cânon, em diálogo externo — em especial a Lux (a luz "anterior a qualquer conquista ou circunstância" diante de "a existência precede a essência"; a luz que "se revela" diante do homem que se inventa; a Integridade diante da má-fé e do "a gente"), a Bússola ("Posso estar lá inteiro, sem me trair?"; o veto, "a própria Luz", sem voz externa, diante da voz da consciência de Heidegger; a escolha, lugar da pessoa), o Flumen ("ninguém começa do zero" diante do estar-lançado e da circunstância; o rio de herdeiros diante do absurdo), o Corpus (o corpo vivido de Merleau-Ponty), a Vigília (a noite diante da angústia, das situações-limite, do ser-para-a-morte e de Sísifo), o Abrigo e as Águas Comuns ("ninguém navega um rio privado" diante de "o inferno são os outros" e de "eu me revolto, logo somos"; a solicitude que "salta adiante"), o Examinar (diante do "escolher-se"), a Regra de Vida (a repetição, três homônimos), a Independência confessional (Kierkegaard crê, Sartre não, Heidegger e Jaspers não decidem — e o cânon não decide por ninguém)

Princípio da série — Comparar não é competir. Cada estudo honra a doutrina visitada apresentando-a em sua melhor forma, e só então marca as fronteiras. Uma filosofia que precisa diminuir as outras para existir não confia na própria luz.

Versão 1.1, 6 de novembro de 2026 — com as decisões do fundador (ver o Prólogo). Versão 1.0, para validação: 6 de novembro de 2026.

Prólogo — O estado da questão e o método

O existencialismo é a casa que mais fala da pessoa e menos concorda sobre o que ela é. Sartre fixou em 1945 a fórmula que ficou: os existencialistas têm em comum "que a existência precede a essência" (*O existencialismo é um humanismo*, p. 17; ver 1.2) [V-fr; V-pt: Guedes], e dela tirou a consequência que só ele tira: "o homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo" (p. 22) [V-fr; V-pt: Guedes; tradução do estudo]. O cânon diz, do valor de cada pessoa, que é "intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância", e que "a luz não se acende — ela se revela" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", I). A tese central da casa fica perto da tese central do cânon, e com o verbo trocado: onde o cânon diz que a luz se revela, Sartre diz que o homem se inventa [leitura do estudo].

A Ficha de outubro viu isso e disse assim: "Invenção vs. revelação: para Sartre a existência precede a essência; para nós a luz precede a existência vivida." A primeira metade é letra de Sartre; a segunda não é letra do cânon, que não tem "existência" nem "essência" como termos da doutrina e não diz que uma precede a outra: diz que a luz é anterior a qualquer conquista ou circunstância (3.1) [leitura do estudo]. A correção é pequena e muda a fronteira de lugar.

O que o cânon recusa não é a liberdade nem a responsabilidade, que ficam com a casa; é a condição de que o que a pessoa é, ou vale, dependa de ser inventado. E a fronteira vale em cheio diante de Sartre, muda de forma diante de Kierkegaard, para quem o eu "escolhe a si mesmo, ou melhor,

recebe a si mesmo" (*Ou–ou*, II, SKS 3, 172–173; ver 1.5) [V-da; tradução do estudo], e diante de Camus, que afirma que "há uma natureza humana" (*O homem revoltado*, cap. "O homem revoltado"; ver 1.2) [V-fr via secundária; tradução do estudo; página a confirmar]. A casa tem quem negue a natureza humana e quem a afirme; o estudo diz de qual fala, em cada linha.

Este é um estudo refeito, o quinto dos seis. O Estudo V existia desde outubro de 2026 como Ficha na Biblioteca do site, com cinco linhas: três toques ("Contra a vida por papéis: a má-fé (Sartre) e o 'a gente' (Heidegger) nomeiam a ferida do Pilar I"; "Bússola e autenticidade: não ir aonde eu precisaria me trair"; "Kierkegaard, a ponte: querer uma só coisa") e duas fronteiras ("Invenção vs. revelação: para Sartre a existência precede a essência; para nós a luz precede a existência vivida"; "Absurdo vs. pertencimento: o rio não é indiferente — é a companhia de todos que já atravessaram") [Ficha, não cânon].

Em 3 de novembro de 2026 o fundador decidiu refazer os Estudos I a VI no formato completo da série — integral, resumo trilíngue, fórmula e decisões —, dois por vez, na ordem da numeração, antes do Estudo XIV. Os Estudos I e II foram refeitos, validados e publicados em 3 de novembro; os Estudos III e IV, em 4 de novembro; o Estudo VI, sobre o taoísmo, é escrito em paralelo a este. A numeração é a da série, mas a escrita vem depois do Estudo XIII e dos quatro primeiros refeitos: este estudo herda todas as decisões do fundador, de 17 de outubro a 4 de novembro de 2026, e a letra dos Estudos VII a XIII e I a IV, e trata a Ficha de outubro como ponto de partida a testar, não como autoridade. O que a conferência das fontes confirmou, confirma-se com a letra; o que corrigiu, corrige-se e registra-se (3.15 e 5.1), e a Ficha vale até o fundador dizer outra coisa.

Dois registros da série pesam aqui mais do que nos outros refeitos. O Estudo III fixou que, no lugar de "pecado", o cânon diz a luz encoberta, a noite e o lobo (decisão n.º 8 de 4 de novembro de 2026 sobre o Estudo III), e Kierkegaard chama de pecado o desespero "diante de Deus" (*A doença para a morte*, II, SKS 11, 191; ver 1.4) [V-da; tradução do estudo]: a ferida que as duas casas descrevem tem fundos diferentes, e o estudo os mede (3.2) [leitura do estudo]. E o Estudo X fixou que "o veto da Bússola é a própria Luz na pessoa, sem voz externa" (decisão n.º 7 de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo X), enquanto o chamado da consciência, em Heidegger, "vem de mim e, no entanto, sobre mim" (*Ser e tempo*, §57, p. 275 da edição alemã; ver 1.5) [V-de; tradução do estudo]: o estudo lê os dois ao lado e diz a fronteira, sem reabrir a decisão (3.5).

A tese de partida, que o estudo testou: o existencialismo e o cânon descrevem a mesma ferida — a vida por papéis, a luz encoberta "por adaptação às expectativas alheias" (Tratado da Luz Interior, "Objeção provável e resposta breve") — e divergem no que está debaixo dela e no que a cura.

Heidegger escreve que "cada um é o outro e ninguém é ele mesmo", e que "a gente" é "o Ninguém" a quem cada um já se entregou (*Ser e tempo*, §27, p. 128 da edição alemã; ver 1.4) [V-de; tradução do estudo]; Sartre dá a cena do garçom que "joga a ser garçom" (*O ser e o nada*, I, 2; ver 1.4) [V-fr; V-en: Barnes; tradução do estudo]. Debaixo da ferida, em Heidegger, está o poder-ser; em Sartre, uma

liberdade sem natureza; no cânon, uma luz de alguém — "a Lux é de alguém" (decisão n.º 3 de 3 de novembro de 2026 sobre o Estudo I). E a cura, na casa, é a escolha; no cânon, a decisão "é sempre de quem caminha", e a Bússola "apenas veta" (Catecismo, 24) [leitura do estudo].

A resposta curta, que o estudo inteiro desdobra: o existencialismo entra no Lumen Fluens pela ferida e pela escolha, e encontra oito fronteiras, das quais quatro se dizem aqui — a da invenção, a do fundo da ferida, a da escolha e a da noite; a da morte, a do outro, a do pecado e a da casa dividida ficam para 5.4 e 6.1.

Entra pela ferida, porque "a gente" e a luz encoberta "por adaptação às expectativas alheias" dizem o mesmo lugar da vida em duas casas (2.1); porque a má-fé de Sartre e "eu sem a minha luz sou uma mentira" (Cânon v1.2, "A Bússola") descrevem a mesma mentira (2.2); porque "a pureza de coração é querer uma só coisa" (Kierkegaard, SKS 8, 138; ver 1.5) [V-da; tradução do estudo] e a Integridade pedem o mesmo (2.3).

Entra pela escolha, porque "escolhe a si mesmo, ou melhor, recebe a si mesmo" e "Posso estar lá inteiro, sem me trair?" são duas perguntas a quem vai partir (2.4); porque o chamado que "vem de mim e, no entanto, sobre mim" e o veto "sem voz externa" vêm do mesmo lado (2.5); porque o estar-lançado de Heidegger, "eu sou eu e a minha circunstância" (Ortega; ver 1.5) [V-es via secundária: Lara; tradução do estudo] e "Ninguém começa do zero" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", II) dizem que ninguém escolhe de onde parte (2.6).

Entra ainda pela noite e pelo outro, porque as situações-limite de Jaspers e Sísifo feliz ficam ao lado de "há escuridões que nenhuma bússola veta" e de "uma luz acesa dentro da noite" (2.7, 2.8); porque a solicitude que "salta adiante" em vez de "saltar em seu lugar" (*Ser e tempo*, §26; ver 1.8) [V-de; V-en: Macquarrie–Robinson; tradução do estudo] e o Abrigo que "não vai até a substituição" (decisão n.º 4 de 19 de outubro de 2026 sobre o Estudo VIII) têm o mesmo limite (2.10); e porque "eu me revolto, logo somos" (Camus, *O homem revoltado*, p. 38, segundo Alves; ver 2.11) [V-fr via secundária: Alves; tradução do estudo] e "ninguém navega um rio privado" (Cânon v1.2, "As Águas Comuns") saem do singular para o plural (2.11) [leitura do estudo].

Encontra a fronteira da invenção, porque para Sartre o homem "se define depois" e para o cânon o valor não espera definição alguma (3.1). Encontra a fronteira do fundo da ferida, porque o que "a gente" encobre é o poder-ser, o que a má-fé encobre é a liberdade, e o que o cânon diz encoberto é uma luz de alguém (3.2). Encontra a fronteira da escolha, porque na casa a escolha faz ou recebe o si mesmo, e no cânon a Bússola "não escolhe os caminhos por ninguém; apenas veta os que exigiriam apagar a luz para percorrê-los" (Catecismo, 24): a escolha é lugar da pessoa, não função da Bússola (3.3).

Encontra, enfim, a fronteira da noite, porque a angústia é, em Kierkegaard, "a vertigem da liberdade" (*O conceito de angústia*, SKS 4, 365–366; ver 1.3) [V-da; tradução do estudo], e a noite do

cânon é "o mal que ninguém causou" (Cânon VI.2, "A Vigília"): a casa descreve uma noite que a liberdade abre, o cânon uma noite que ninguém escolheu (3.6).

Cinco correções à Ficha de outubro saem dessa resposta, e o estudo as diz como correção, sem ironia (3.15, 5.1). "A ferida do Pilar I" não é frase do cânon; a letra do encobrimento é a do Tratado da Luz Interior, e "ferida", no Tratado, é outra coisa. "Autenticidade" não ocorre no cânon, e em Heidegger não é valor moral: a letra do cânon é "sem me trair" e Integridade. "A ponte" de Kierkegaard não dizia entre quê: é entre "querer uma só coisa" e a Integridade, com a fronteira do "diante de quem". "A luz precede a existência vivida" não é letra; a letra é "anterior a qualquer conquista ou circunstância". E "o rio não é indiferente — é a companhia de todos que já atravessaram" não é letra: "absurdo" não ocorre no cânon, "companhia" nunca se diz do rio, e a letra vizinha é "Ninguém começa do zero".

Um achado vem primeiro. A casa não nomeia a luz e também não a dissolve: põe a pessoa no centro, como o cânon, e por isso a fronteira não é sobre a pessoa, mas sobre o que a faz, inventada ou revelada. É uma fronteira de verbo, não de substantivo [leitura do estudo].

O estudo propõe ao fundador, e só ele pode adotá-la, uma fórmula: **o Lumen Fluens aceita do existencialismo a escolha e recusa a invenção** (6.2). Aceita a escolha como lugar da pessoa — "a decisão é sempre de quem caminha" —, não como função da Bússola, que só veta; e a palavra é das duas casas, com o homônimo declarado (3.3). Recusa a invenção como condição: que o que a pessoa é, ou vale, dependa de ser inventado — "escolha, isto é, invente" (*O existencialismo é um humanismo*, p. 46; ver 1.5) [V-fr; V-pt: Guedes] —, e não a liberdade nem a responsabilidade, que ficam com a casa. A fórmula vale em cheio para Sartre e, por ele, para a casa; diante de Kierkegaard, para quem o eu recebe a si mesmo, e de Camus, que afirma uma natureza humana, a fronteira muda de forma, e o estudo o diz na mesma frase.

O estudo pesou outras letras e as deixou de lado (3.15): "aceita a angústia e recusa o nada", porque "o nada" nomearia a Luz por contraste, a razão que a decisão n.º 1 de 3 de novembro de 2026 sobre o Estudo II deu para "a centelha nomeada" (estendê-la à casa é [hipótese do estudo]), e tocaria a n.º 7 de 31 de outubro de 2026 sobre o Estudo XII; "aceita a ferida e recusa a solidão", porque a ferida é comum às duas casas e a fórmula apagaria a fronteira de 3.2, e "solidão" recusaria uma experiência, não uma condição; "aceita a pergunta e recusa o salto", porque desloca o eixo para Kierkegaard e deixa fora Sartre e Camus. A escolha é a pergunta (cs) de 6.3 [leitura do estudo].

Uma tensão fica dita na primeira página, porque só o fundador a resolve. A Arquitetura do cânon chama a Bússola de "a decisão" e põe "a escolha" entre as palavras dos elementos (Cânon VI.2, "A Arquitetura"); a Bússola "não escolhe os caminhos por ninguém" e "a decisão é sempre de quem caminha" (Catecismo, 24). A glosa da fórmula — "a escolha como lugar da pessoa, não como função da Bússola" — lê as duas letras como uma só: a Bússola é a decisão de onde não ir, e a decisão de ir é de quem caminha. Que essa leitura seja a certa é [leitura do estudo], e a pergunta (cs) a inclui.

Uma última cautela de doutrina. A casa não concorda sobre Deus: Kierkegaard crê, Sartre dispensa Deus, Heidegger e Jaspers não decidem. O cânon também não decide por ninguém: "A filosofia não decide isso por ninguém; exige apenas fidelidade à luz, seja qual for o nome que cada um lhe dê" (Cânon v1.2, "Independência confessional"). O estudo não toma partido na pergunta sobre Deus; mede o que a casa diz da pessoa, e nenhuma aproximação nem fronteira dos capítulos supõe resposta a ela [leitura do estudo].

Como ler este estudo

Três vozes atravessam o texto e permanecem separadas. O existencialismo diz o que está nos textos, citado e localizado, sempre com o nome de quem escreveu: Kierkegaard pela edição *Søren Kierkegaards Skrifter* (SKS), por volume e página; Heidegger por parágrafo e página da edição alemã de *Ser e tempo*; Sartre pela página da edição Gallimard ou Nagel, com Barnes ou Guedes nomeados; Camus pela edição Gallimard, ou por intermediário nomeado quando a edição não foi aberta; Merleau-Ponty por Smith; Beauvoir pela edição de 1949; Jaspers, Marcel, Ortega e Unamuno pelas edições que as Fontes dizem. "O existencialismo diz" não se escreve: a casa não concorda o bastante, e cada frase vai com o nome de quem a escreveu (1.1).

A tradição lê o que um intérprete nomeado faz dos textos: Levinas, Ricoeur, Arendt, Kaufmann, Safranski, Grassi, Pugeda, Vela, Teixeira, Lara, Longo, Almeida, Dunzweiler, Alves e os que os Estudos anteriores citaram. Os tradutores (Schuback, Barnes, Macquarrie e Robinson, Guedes, Smith) entram pelo nome, ao lado do original, onde a passagem foi conferida na tradução.

O cânon responde com as palavras do Cânon v1.2, dos três Tratados, da Disputatio, do Catecismo, das Meditações Práticas, do Glossário validado e das decisões do fundador, sempre pelo nome do elemento: Lux, Flumen, Mutatio, Corpus, Bússola, Abrigo, Vigília, Águas Comuns, a margem, Regra da Misericórdia, Acender, Portar, Examinar, Revisão do rio, sabbath do fluxo. As Fichas dos Estudos I a VII são apontamentos do fundador, não cânon, e se citam como tais; os Estudos VII a XIII e I a IV entram como leitura anterior e se citam pelas seções. Levinas foi lido no Estudo VIII, Ricoeur no IX, Arendt no XIII, Kierkegaard diante de Hegel no VII: citam-se por eles e não se refazem (4.1 a 4.3, 4.7).

O que passa das três vozes é do estudo, e vem marcado: [leitura do estudo], [inferência do estudo], [hipótese do estudo]. O estudo não decide: propõe e pergunta. Chama-se aqui homônimo à palavra que o cânon e a casa escrevem igual e entendem de modo diferente; o capítulo 1 os reúne (1.13), e cada capítulo avisa quando um aparece.

As citações trazem marcadores de verificação, e este estudo tem limites que convém declarar na primeira página. Kierkegaard foi conferido no dinamarquês da SKS e vem em tradução do estudo; Lowrie entra sempre como intermediário nomeado. Heidegger foi conferido no alemão de *Ser e tempo*, com Macquarrie e Robinson ao lado e Schuback onde a tradução brasileira foi vista; a

palavra *das Man* vai como “a gente”, e “pre-sença”, termo de Schuback para *Dasein*, não entra na tradução do estudo, que deixa *Dasein* e explica uma vez (1.2).

Sartre foi conferido no francês da conferência de 1945 e, para *O ser e o nada*, em Barnes, com as páginas da Gallimard onde as houve; a letra de 1943 é “estou condenado a ser livre”, no singular, e a forma plural corrente não é letra de obra alguma (1.3). Camus foi lido em *O mito de Sísifo* e *A peste* no francês; *O homem revoltado* chega por via secundária, com página a confirmar. Merleau-Ponty vem por Smith; Beauvoir, no francês, com páginas a confirmar.

Marcel e Jaspers pertencem ao Estudo XIV, por decisão da série, e entram aqui só pelo essencial (1.11) e onde a casa os pede. Marcel chega por Grassi e Pugeda, e a *disponibilité* fica registrada como homônimo da Disponibilidade, sem glosa e com a medição no XIV. A frase sobre o corpo que não seria instrumento, que corre como de Marcel, não tem letra conferida e não se cita. Jaspers chega por Vela, no castelhano, e por *A questão da culpa*, no alemão; nas situações-limite, a *Introdução à filosofia* dá o desespero e a restauração, não o naufrágio, como segunda reação (1.6). Ortega e Unamuno vêm só por secundárias. A frase sobre Deus e o ateísmo que corre como de Camus não tem letra conferida e não se cita; a frase de Dostoiévski que a casa repete não está nos *Karamázov* na forma corrente e vai como [atribuição a confirmar] (1.10).

Por isso [V-de], [V-fr], [V-da], [V-es] indicam que a passagem foi conferida no original; [V-en: tradutor] e [V-pt: tradutor], na tradução nomeada; [V via secundária: autor], que a passagem foi lida dentro de outro texto. [tradução do estudo] diz que o português é do estudo, com o original nas Fontes. [paráfrase] diz que há a tese sem a letra. [tese a confirmar], [localização a confirmar], [página a confirmar] dizem o que falta conferir, e [atribuição a confirmar] diz que a frase circula, mas o estudo não achou a passagem. [Ficha, não cânon] marca as frases da Ficha de outubro. Preferimos uma lacuna marcada a uma citação falsa.

Cuidados de vocabulário, os homônimos de que o estudo se guarda (a lista em 1.13), que cada capítulo repete onde trabalha. “Autenticidade” é *Eigentlichkeit*, “propriedade”, e em Heidegger não é valor moral; o cânon não tem a palavra e diz Integridade e “sem me trair”. “Angústia” é, em Kierkegaard, vertigem da liberdade e, em Heidegger, *Angst* diante do ser-no-mundo; o cânon não tem a palavra e diz “noite” e “o mal que ninguém causou”. “Escolha” é, na casa, o que faz ou recebe o si mesmo; no cânon, a decisão é de quem caminha e a Bússola só veta. “Cuidado” é *Sorge*, estrutura do *Dasein*; o cânon diz Portar.

“Presença” é *Dasein* em Schuback e, no cânon, “presença, não vitória”. “Disponibilidade” é a virtude do Pilar III; *disponibilité* é de Marcel. “Repetição” em Kierkegaard, em Heidegger (§74) e na Regra de Vida são três homônimos. “Absurdo” é de Camus e não ocorre no cânon. “Instrumento”, dito do corpo, é letra do Pilar IV e não é frase de Marcel. “Eterna” e “imortal” não se dizem da Lux fora da Antífona, que o estudo só nomeia; “atemporal” é letra (decisão n.º 12 de 4 de novembro de 2026 sobre o Estudo IV).

Quando um capítulo diz que a casa não trata de algo, a afirmação vale só para os textos que o estudo leu. Quando diz que a letra do cânon não traz uma palavra, vale com a extensão que o estudo conferiu, por contagem repetida sobre o Cânon v1.2, os Tratados, a Disputatio, o Catecismo, as Meditações Práticas e o Glossário: “autenticidade”, “autêntico”, “angústia”, “absurdo”, “situação”, “essência”, “existência” como termo, “inventar”, “invenção” e “mistério” não ocorrem nessa letra; “papéis” ocorre só como título de parte; “indiferença” e “companhia” ocorrem uma vez cada, e nunca do rio.

O estudo segue a regra da série: comparar não é competir. O existencialismo é exposto primeiro em sua melhor forma, por autor e por tema, na ordem do pensamento (capítulo 1), e o que a casa deixa dito com clareza — a solidão, a política, a mulher — é dito no mesmo capítulo, sem acusar e sem desculpar, com a tradição ao lado; a biografia não é doutrina (1.12). Só depois se procura onde o cânon já anda ao seu lado (capítulo 2), e onde se separa dele (capítulo 3). O capítulo 3 numera as perguntas, de (cs) a (db), e o capítulo 6 as reúne numa só lista com as herdadas (g), (j) e (k).

O capítulo 4 pergunta o que cada casa que a série já visitou disse do existencialismo, ou o que ele disse dela: Hegel e Kierkegaard; Levinas contra Heidegger e Sartre; Ricoeur em quatro lugares; Sócrates e Platão; Aristóteles; Agostinho; Arendt, filha da casa; a Stoa; o budismo e Heidegger, sem relação; o cristianismo; o Vedanta; o taoísmo, apontado; Marx, porta de (k); Taylor, porta do Estudo XV. Dele sai um padrão: a casa aparece como alvo, como leitor e como porta, e nunca é medida inteira (4.15).

O capítulo 5 mede a Ficha de outubro frase a frase, recolhe as decisões que lhe mandaram matéria, relê as seções em que os Estudos VII a XIII e I a IV falaram da casa e propõe ao fundador uma Ficha reescrita, com oito toques e oito fronteiras, “inventar-se × revelar-se” no lugar de “a luz precede a existência vivida” (5.4). O capítulo 6 reúne a síntese, a fórmula, as questões abertas numa só lista, o que o existencialismo oferece à Lux, à Bússola, à Vigília, ao Abrigo e às Águas Comuns, ao Flumen, ao Corpus e à série, e a lamparina. Seguem as fontes do Prólogo e as de cada capítulo, a bibliografia, as conferências pendentes e o painel de verificação.

As decisões do fundador de 17 de outubro de 2026 (numeradas como no Prólogo do Estudo VII, n.º 1 a 7), de 19 de outubro (como no Prólogo do Estudo VIII, n.º 1 a 12), de 23 de outubro sobre o Estudo IX (n.º 1 a 13) e sobre o Estudo X (n.º 1 a 10), de 31 de outubro sobre o Estudo XI (n.º 1 a 11), sobre o Estudo XII (n.º 1 a 11) e sobre o Estudo XIII (n.º 1 a 12), de 3 de novembro sobre o Estudo I (n.º 1 a 12) e sobre o Estudo II (n.º 1 a 12), e de 4 de novembro sobre o Estudo III (n.º 1 a 12) e sobre o Estudo IV (n.º 1 a 12) valem como palavra dele e não são reabertas; as listas de dias com mais de um estudo vão sempre com o nome do estudo. Nenhuma delas nomeia o existencialismo; várias o tocam de perto, e o capítulo 5 as recolhe (5.2).

Quando o estudo relaciona ao existencialismo as decisões, pergunta se a leitura vale, e marca. Toda extensão de decisão à casa vem como [hipótese do estudo] ou [leitura do estudo]. As relacionadas

são estas: “uma luz acesa dentro da noite, que não precisa do fim para valer” e “a irreflexão não é noite” (n.º 2 e n.º 5 de 17 de outubro sobre o Estudo VII); o Abrigo que “revela e nada exige”, que “não vai até a substituição” e a assimetria “de posição, não de valor” (n.º 3, n.º 4 e n.º 5 de 19 de outubro sobre o Estudo VIII); o veto como a própria Luz, sem voz externa (n.º 7 de 23 de outubro sobre o Estudo X).

Seguem a Bússola que percebe o particular (n.º 4 de 31 de outubro sobre o Estudo XI); “nenhuma pessoa está fora da Lux” e o padrão das fronteiras (n.º 6 de 31 de outubro sobre o Estudo XII; n.º 7 de 31 de outubro sobre o Estudo XI); a margem como “estar consigo”, o caso que inclui os outros e a irreflexão como figura do lobo (n.º 4, n.º 6 e n.º 7 de 31 de outubro sobre o Estudo XIII).

Seguem “a Lux é de alguém” e “há noite” (n.º 3 e n.º 6 de 3 de novembro sobre o Estudo I); “a centelha nomeada”, “consentir ao destino”, “presença, não vitória” e o padrão estendido à Stoa (n.º 1, n.º 3, n.º 7 e n.º 11 de 3 de novembro sobre o Estudo II); a consciência como voz de Deus, a luz encoberta no lugar de “pecado”, o padrão estendido e (g) aberta (n.º 7, n.º 8, n.º 11 e n.º 12 de 4 de novembro sobre o Estudo III); o padrão estendido ao Vedanta e “atemporal” (n.º 11 e n.º 12 de 4 de novembro sobre o Estudo IV).

O que a Ficha dizia e o que a série já disse

A Ficha de outubro está em 5.1, frase a frase, com o veredito de cada uma: das cinco, nenhuma é letra inteira; “sem me trair”, “querer uma só coisa”, “a existência precede a essência” e “a má-fé” e “a gente” têm letra, da casa ou do cânon; “a ferida do Pilar I”, “autenticidade”, “a ponte”, “a luz precede a existência vivida”, “o rio não é indiferente” e “a companhia de todos que já atravessaram” são da Ficha. O que a série já disse da casa está em 5.3 — o Estudo VII, 4.5 e 5.1; o VIII, 4.2; o IX, 4.2 e 5.5; o X, 4.4; o XI, 4.4; o XII, 4.5; o XIII, 4.6; o I, 4.6 e 4.8; o II, 4.7; o III, 4.10; o IV, 4.9 — e o capítulo 4 o retoma casa a casa. A Ficha reescrita está em 5.4, como proposta.

Decisões do fundador (versão 1.1, 6 de novembro de 2026)

O fundador leu a versão 1.0 e respondeu ao que o estudo lhe perguntava. As decisões valem como palavra dele e são numeradas à parte das de 17 de outubro (Estudo VII), das de 19 de outubro (Estudo VIII), das de 23 de outubro sobre os Estudos IX e X, das de 31 de outubro sobre os Estudos XI, XII e XIII, das de 3 de novembro sobre os Estudos I e II, das de 4 de novembro sobre os Estudos III e IV, e das de 6 de novembro sobre o Estudo VI, tomadas no mesmo dia; as listas de 6 de novembro vão sempre com o nome do estudo: as desta lista são citadas como “decisão n.º N de 6 de novembro sobre o Estudo V”. Não alteram o texto do Cânon v1.2: fixam como o cânon deve ser lido nos pontos em que o estudo perguntou, e substituem a Ficha de outubro pela Ficha reescrita. No corpo, cada questão decidida leva a marca “[Decidida pelo fundador em 06/11/2026 (Estudo V, n.º N): …]”.

1. **A fórmula** está adotada: o Lumen Fluens aceita do existencialismo a escolha e recusa a invenção. A escolha entra como lugar da pessoa — "a decisão é sempre de quem caminha" (Catecismo, 24) —, não como função da Bússola, que só veta; a palavra é da casa e também do cânon, e o homônimo fica declarado. A glosa lê a Arquitetura, que chama a Bússola de "a decisão", e o Catecismo, 24, como uma só letra: a Bússola decide onde não ir; quem caminha decide ir. A invenção recusada é a condição de que o que a pessoa é, ou vale, dependa de ser inventado — "a existência precede a essência"; "escolha, isto é, invente" —, não a liberdade nem a responsabilidade, que ficam com a casa; a letra do cânon do outro lado é "a luz não se acende — ela se revela". Vale em cheio diante de Sartre e, por ele, diante da casa; diante de Kierkegaard, que se escolhe diante de Deus, e de Camus, que afirma uma natureza humana, a fronteira muda de forma. Caem "aceita a angústia e recusa o nada" (nomearia a Luz por contraste), "aceita a ferida e recusa a solidão" e "aceita a pergunta e recusa o salto".
2. **"A gente", a má-fé e a luz encoberta** (questão (ct)): "a gente" de Heidegger e a má-fé de Sartre leem-se ao lado da luz "encoberta — por medo, por hábito, por adaptação às expectativas alheias", como leitura, com a fronteira dita na mesma frase — o que se encobre: em Heidegger, o poder-ser; em Sartre, a liberdade; no cânon, uma luz de alguém (decisão n.º 3 de 3 de novembro sobre o Estudo I). A Ficha reescrita troca "a ferida do Pilar I", que não é frase do cânon, pela letra do Tratado da Luz Interior, e registra o desespero como pecado diante de Deus × a luz encoberta como fronteira — no lugar de "pecado", o cânon diz a luz encoberta, a noite e o lobo (decisão n.º 8 de 4 de novembro sobre o Estudo III).
3. **"Querer uma só coisa" e a Integridade** (questão (cu)): o discurso de Kierkegaard lê-se ao lado da Integridade e do "vive dividido" (Catecismo, 8), como leitura, com a fronteira na mesma frase — o Bem diante de Deus × a Integridade, que não diz diante de quem. "A pergunta decisiva é uma só" e "a única coisa que hoje não pode ficar sem luz" ficam declaradas homônimas, sem ponte. Da Ficha sai "a ponte" sem complemento; sai também "autenticidade", que não ocorre no cânon e em Heidegger não é valor moral — a letra é "sem me trair" e Integridade.
4. **A voz da consciência e o veto** (questão (cv)): o chamado que "vem de mim e, no entanto, sobre mim" (*Ser e tempo*, §§54–60) lê-se ao lado do veto da Bússola, como leitura, com a fronteira dita na mesma frase — chama ao poder-ser e à culpa × só veta —, sem reabrir a decisão n.º 7 de 23 de outubro sobre o Estudo X (o veto é a própria Luz, sem voz externa) nem a n.º 7 de 4 de novembro sobre o Estudo III.
5. **A noite** (questão (cw)): a angústia (Kierkegaard, Heidegger), as situações-limite (Jaspers) e Sísifo feliz (Camus) leem-se ao lado de "há escuridões que nenhuma bússola veta" e de "uma luz acesa dentro da noite, que não precisa do fim para valer" (decisão n.º 2 de 17 de outubro sobre o Estudo VII), como leituras, com as fronteiras ditas na mesma frase — vertigem da liberdade × noite não escolhida; naufrágio × presença; revolta lúcida × luz de alguém no rio de todos. "Angústia" não é palavra do cânon; a parte de Jaspers mede-se no Estudo XIV.

6. **A morte e a vigília** (questão (cx)): o ser-para-a-morte de Heidegger lê-se ao lado de velar na noite, como leitura, com a fronteira dita na mesma frase — a morte como o que ninguém delega × a noite como lugar de uma presença —, sem dizer nada do depois. A fronteira é deste estudo; o Estudo XIII, 4.6, não a tem, e a natalidade não se reabre.
7. **Os outros** (questão (cy)): o absurdo e o rio, "o inferno são os outros" e o olhar, e a solicitude que "salta adiante" em vez de "saltar em seu lugar" (*Ser e tempo*, §26) leem-se ao lado do Abrigo e da letra do rio, como leitura, com a fronteira na mesma frase — o outro que objetiva, o que toma o lugar, o que devolve a si × o Abrigo que "revela e nada exige" e "não vai até a substituição" (decisões n.º 3 e n.º 4 de 19 de outubro). O "absurdo" fica sem ponte, porque o cânon não o diz; da Ficha sai "o rio não é indiferente — é a companhia de todos que já atravessaram", que não é letra, e entra "Ninguém começa do zero" e "Ninguém navega um rio privado".
8. **O corpo** (questão (cz)): "o corpo é o nosso meio geral de ter um mundo" (Merleau-Ponty; Marcel, com cautela) lê-se ao lado do Pilar IV, com o homônimo "instrumento" como hipótese do estudo e sem aspas de Marcel — a frase "meu corpo não é meu instrumento" não foi achada e não se cita; a *disponibilité* de Marcel fica registrada como homônima da Disponibilidade do Pilar III, sem ponte e com a medição no Estudo XIV.
9. **Moriá recebe uma leitura** (questão (j)): diante de *Temor e tremor* — a suspensão teleológica da ética, "creu pelo absurdo", o cavaleiro da fé —, a pergunta do Estudo VII, 5.1 ("Se o Singular está acima do Universal, como lê *Temor e tremor*, a Bússola vetaria o monte Moriá? A pergunta é sobre essa leitura, não sobre o relato") recebe a leitura que o estudo propôs: a Bússola "apenas veta os que exigiriam apagar a luz para percorrê-los", e o veto é a própria Luz, sem voz externa. A pergunta não é reescrita; (j) fica registrada com essa leitura, como leitura do estudo adotada.
10. **A Ficha reescrita está aprovada** (questão (da)): como proposta em 5.4 — oito toques e oito fronteiras, com as cinco correções à Ficha de outubro ("a ferida do Pilar I", "autenticidade", "a ponte", "a luz precede a existência vivida" e "o rio não é indiferente" não são letra) e as entradas que a Ficha não tinha (o chamado e o veto; o estar-lançado e "ninguém começa do zero"; a noite; a solicitude e o Abrigo; o corpo; a morte; o pecado; Beauvoir); substitui a Ficha de outubro na página dos estudos do site.
11. **O padrão das fronteiras fixadas para os clássicos estende-se ao existencialismo** (questão (db)): a obra lida, a biografia anotada (decisão n.º 7 de 31 de outubro sobre o Estudo XI; n.º 11 de 3 de novembro sobre o Estudo II; n.º 11 de 4 de novembro sobre os Estudos III e IV) — Heidegger em 1933, Sartre diante do stalinismo e Kierkegaard sobre as mulheres ficam como biografia, não doutrina, sem defender nem acusar ninguém; e aqui o padrão muda de lado, porque a casa escreveu a crítica: Beauvoir, "ninguém nasce mulher: torna-se mulher", fica do lado da disputa, ao lado de "nenhuma pessoa está fora da Lux" (decisão n.º 6 de 31 de outubro sobre o Estudo XII).

12. **Registros adotados**: a “medida” de Camus e *A questão da culpa* de Jaspers entram como matéria do tratado da justiça ((g) segue aberta até o tratado); a porta para Marx — Sartre, *Crítica da razão dialética*; Camus, *O homem revoltado*; a culpa política e metafísica de Jaspers — fica registrada, e (k) segue aberta até o estudo de Marx; Marcel e Jaspers entram só pelo essencial e medem-se no Estudo XIV; “atemporal” é letra do cânon, e “eterna” e “imortal” não se dizem da Lux. **Publicação** como o Estudo IV: integral, resumo trilíngue e nota de decisões; a Ficha reescrita vai à página dos estudos nas três línguas.

1. O existencialismo em sua melhor forma

1.1 O percurso em vinte linhas

Esta seção põe os marcos da casa, com as datas e com o aviso sobre o nome, antes de qualquer exposição.

"Existencialismo" é o nome de uma casa que não tem fundador e não concorda sobre quem mora nela. Walter Kaufmann escreveu que o existencialismo "não é uma filosofia, mas um rótulo para várias revoltas muito diferentes contra a filosofia tradicional", e que a maioria dos existencialistas vivos repudiou o rótulo (*Existentialism from Dostoevsky to Sartre*, "O existencialismo de Dostoiévski a Sartre", 1956) [V-en via secundária: Dunzweiler; tradução do estudo; página a confirmar]. Por isso este capítulo não escreve "o existencialismo diz": a casa não concorda o bastante, e cada frase vai com o nome de quem a escreveu. O estudo usa o nome como a tradição o usa.

Antes do nome há precursores: Pascal (1623–1662) e Dostoiévski (1821–1881), a quem Sartre e Camus voltam (ver 1.10). Kierkegaard (1813–1855) é o primeiro a escrever como existente: *Ou–ou*, *Temor e tremor* e *A repetição* saem em 1843; *O conceito de angústia*, em 1844; os discursos de 1847, entre eles o da pureza de coração; *A doença para a morte*, em 1849. Nietzsche (1844–1900) é lido como porta da casa por Jaspers, Heidegger e Camus; o *amor fati* é dele — "*Amor fati*: que seja este, de agora em diante, o meu amor!" (*A gaia ciência*, §276) [V-en: Common; tradução do estudo] —, como fixou a decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo II, e não da Stoa.

Unamuno (1864–1936) publica em 1912 *Do sentimento trágico da vida*; Ortega y Gasset (1883–1955), em 1914, as *Meditações do Quixote*; Buber (1878–1965) escreve *Eu e Tu* em 1923. Jaspers (1883–1969) publica *Filosofia* em 1932; Heidegger (1889–1976), *Ser e tempo* em 1927; Marcel (1889–1973), *Ser e ter* em 1935 e *Homo viator* em 1944.

Depois vêm Sartre (1905–1980), Frankl (1905–1997), Beauvoir (1908–1986), Merleau-Ponty (1908–1961) e Camus (1913–1960). A década decisiva corre de 1942 a 1951: *O mito de Sísifo* (1942); *O ser e o nada* (1943); a *Fenomenologia da percepção* (1945); a conferência de Sartre, de outubro de 1945, publicada em 1946; *A questão da culpa*, de Jaspers (1946); a *Carta sobre o humanismo*, de Heidegger, escrita em 1946 e publicada em 1947; *A peste* (1947); *O segundo sexo* (1949); *O homem revoltado* (1951). No verão de 1952 Camus e Sartre rompem nas páginas de *Les Temps modernes*.

Dos marcos passa-se ao ponto em que a casa mais fala de si: o que é existir, e o que se segue disso (1.2).

1.2 A existência e a essência

A pergunta que reúne a casa é o que quer dizer existir; as respostas começam a separar-se na primeira linha.

Heidegger a põe no §9 de *Ser e tempo*: "O ser deste ente é cada vez meu" (§9, p. 41 da edição alemã) [V-de; tradução do estudo], e logo adiante: "A 'essência' deste ente reside em seu ter-de-ser" (p. 42) [V-de; tradução do estudo]. A palavra *Jemeinigkeit* ("ser cada vez meu") diz que o *Dasein* (o ente que cada um de nós é) não é um exemplar de uma espécie. O texto abre então a alternativa que atravessa a casa: esse ente pode, em seu ser, "escolher-se" a si mesmo, ganhar-se, e pode também perder-se (pp. 42–43) [V-de; tradução do estudo]. A impropriedade (*Uneigentlichkeit*), previne Heidegger, "não diz 'ser' menos nem um grau 'inferior' de ser" (p. 43) [V-pt: Schuback]; a palavra que Schuback verte por "propriedade" é a que o uso corrente chama de "autenticidade" (ver 1.4).

Sartre fixa a fórmula que ficou: os existencialistas, diz ele em 1945, têm em comum "que a existência precede a essência, ou, se se preferir, que é necessário partir da subjetividade" (*O existencialismo é um humanismo*, p. 17) [V-fr; V-pt: Guedes], e explica: "o homem existe primeiro, encontra-se, surge no mundo, e se define depois" (p. 21) [V-fr; tradução do estudo]. Disso sai a consequência que só ele tira: "não há natureza humana, pois não há Deus para concebê-la", e "o homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo" (p. 22) [V-fr; V-pt: Guedes; tradução do estudo]. A frase vale, diz ele, para os dois tipos de existencialistas, mas o ateu, que ele representa, é "mais coerente" (p. 21) [V-fr; tradução do estudo].

Heidegger, na *Carta sobre o humanismo*, chama a tese de Sartre de inversão metafísica (*Wegmarken*, pp. 159–160) [V-en: Capuzzi; paráfrase]. Os dois dizem "existência" e não dizem a mesma coisa: em Heidegger é o modo de ser de um ente que tem de ser, em Sartre é o que precede qualquer definição de um sujeito [leitura do estudo].

Kierkegaard é o mais antigo: "O eu é uma relação que se relaciona consigo mesma" (*A doença para a morte*, I, A, SKS 11, 129) [V-da; tradução do estudo]. Camus discorda de Sartre pela raiz: "a análise da revolta leva pelo menos à suspeita de que há uma natureza humana, como pensavam os gregos, e contrariamente aos postulados do pensamento contemporâneo" (*O homem revoltado*, cap. "O homem revoltado") [V-fr via secundária; tradução do estudo; página a confirmar]. A casa tem quem negue a natureza humana e quem a afirme.

Da pergunta pelo ser passa-se ao afeto em que ela se faz sentir: a angústia, e a liberdade que ela revela (1.3).

1.3 A angústia e a liberdade

A angústia é o afeto em que a casa reconhece a liberdade; cada um a descreve de um lugar diferente.

Kierkegaard a compara à vertigem: "A angústia pode comparar-se à vertigem [...]. Assim a angústia é a vertigem da liberdade [...]. Entre esses dois instantes está o salto, que nenhuma ciência explicou nem pode explicar" (*O conceito de angústia*, cap. II, §2, SKS 4, 365–366) [V-da; tradução do estudo]. O salto, nesse lugar, é o salto qualitativo para o pecado. Heidegger separa a angústia (*Angst*) do medo pela pergunta "diante de quê": "Aquilo diante de que a angústia se angustia é o ser-no-mundo como tal" (*Ser e tempo*, §40, p. 186 da edição alemã) [V-de; tradução do estudo]. As duas palavras, "angústia" em Kierkegaard e *Angst* em Heidegger, são homônimas (palavras iguais com sentido diferente), e a diferença se mede no capítulo 3.

Sartre dá à liberdade o nome mais duro. Em 1945 diz que estamos "sós, sem desculpas" e que "o homem está condenado a ser livre. Condenado, porque não se criou a si mesmo, e como, no entanto, é livre, uma vez que foi lançado no mundo, é responsável por tudo o que faz" (*O existencialismo é um humanismo*, p. 37) [V-fr; V-pt: Guedes; tradução do estudo]. A letra de 1943 é a mesma no singular: "estou condenado a ser livre" (*O ser e o nada*, IV, 1, pp. 515–516 da edição Gallimard; Barnes, p. 439) [V-fr; V-en: Barnes; tradução do estudo]. A forma plural corrente, "estamos condenados a ser livres", não é a letra de nenhuma das duas obras. Para Sartre a angústia é a consciência da responsabilidade que a escolha de cada um carrega para todos (*O existencialismo é um humanismo*, p. 27) [paráfrase].

Merleau-Ponty responde de dentro da fenomenologia: "Não é apesar desses motivos, nem aquém deles, que sou livre, mas por meio deles" (*Fenomenologia da percepção*, "A liberdade", Smith, pp. 454–455) [V-en: Smith; tradução do estudo]. Estamos, diz ele, "condenados ao sentido" (Prefácio) [V-es: Cabanes; V-en: Smith; tradução do estudo]. A liberdade é vertigem para Kierkegaard, condenação para Sartre e liberdade situada para Merleau-Ponty [leitura do estudo].

Da liberdade passa-se a quem a perde sem notar: a vida por papéis, que a casa chama de "a gente" e de má-fé (1.4).

1.4 "A gente" e a má-fé

A casa descreve com precisão o que é viver como todo mundo; esta seção dá a letra das três descrições mais fortes e das que se lhes juntam.

Heidegger escreve no §27 de *Ser e tempo*: "Cada um é o outro e ninguém é ele mesmo. A gente [*das Man*], com que se responde à pergunta pelo quem do *Dasein* cotidiano, é o Ninguém a quem todo *Dasein*, no conviver, já sempre se entregou" (§27, p. 128 da edição alemã) [V-de; tradução do estudo]. A gente está em toda parte, "mas de modo que já sempre se esgueirou dali onde o *Dasein* urge por decisão" (p. 127) [V-de; tradução do estudo]; a mediania, o nivelamento e a publicidade são os seus traços. Heidegger previne, a propósito da decadência (*Verfallen*), que o termo "não exprime nenhuma avaliação negativa" (§38, p. 175) [V-de; V-en: Macquarrie–Robinson; tradução do estudo]: a decadência não é, em *Ser e tempo*, pecado nem culpa moral.

Sartre desce da estrutura à cena. O garçom de café "joga a ser garçom", e a sua condição é "toda de cerimônia" (*O ser e o nada*, I, 2, "A má-fé", pp. 98–99 da edição Gallimard) [V-fr; V-en: Barnes; tradução do estudo]. A mulher do primeiro encontro deixa a mão inerte entre as do companheiro, "sem consentir nem resistir, uma coisa", e "esta mulher está de má-fé" (*mauvaise foi*) (Barnes, pp. 55–56) [V-en: Barnes; tradução do estudo].

A fórmula geral é a do para-si (*pour-soi*, o modo de ser da consciência): ser o que não se é e não ser o que se é (Barnes, p. 70) [V-en: Barnes; tradução do estudo]. Sartre nomeia numa nota a "recuperação de si" a que chama "autenticidade", e acrescenta que a sua descrição "não tem lugar aqui" (Barnes, p. 70, n. 9) [V-en: Barnes; tradução do estudo]; mais adiante critica a classificação de Heidegger em projeto "autêntico" e "inautêntico", "tingida de preocupação ética" e fundada na atitude diante da própria morte (pp. 651–652 da edição Gallimard; Barnes, p. 565) [V-fr; V-en: Barnes; tradução do estudo].

Ortega diz o mesmo em castelhano, com outra ênfase: "Mas quem faz o que se faz? Ah! Pois a gente. Bem, mas quem é a gente? Ah! Pois todos, ninguém determinado" (*O homem e a gente*, *Obras completas*, VII) [V-es; tradução do estudo; página a confirmar]. Que *la gente* seja o *das Man* em castelhano é [hipótese do estudo]. Kierkegaard dá à mesma ferida o nome de desespero: "Pecado é: diante de Deus [...] desesperadamente não querer ser si mesmo, ou desesperadamente querer ser si mesmo" (*A doença para a morte*, II, SKS 11, 191) [V-da; tradução do estudo]; o desespero é aí categoria teológica (ver 1.10).

Do que se perde passa-se ao que se faz com o que resta: a escolha e a responsabilidade (1.5).

1.5 A escolha e a responsabilidade

Se a vida por papéis é a perda, a casa responde com a escolha; as respostas diferem no que é escolhido e em diante de quem.

Kierkegaard abre o caminho no segundo tomo de *Ou–ou*, pela voz do assessor Wilhelm: "o eu escolhe a si mesmo, ou melhor, recebe a si mesmo" (*Ou–ou*, II, "O equilíbrio", SKS 3, 172–173) [V-da; tradução do estudo]. O texto corrige-se a meio caminho: "escolher-se" vira "receber-se". E o paradoxo fica à vista: "Este 'eu' não existia antes, pois veio a ser pela escolha, e no entanto existia" (SKS 3, 207) [V-da; tradução do estudo]. O discurso de 1847 acrescenta o outro lado: "A pureza de coração é querer uma só coisa" (SKS 8, 138) [V-da; tradução do estudo], e só o Bem é uno em sua essência (SKS 8, 143–144) [V-da; tradução do estudo]. O discurso, que tem por motivo Tiago 4, 8, põe esse Bem diante de Deus.

Heidegger faz a escolha passar pela consciência. O chamado "vem de mim e, no entanto, sobre mim" (*Ser e tempo*, §57, p. 275 da edição alemã) [V-de; tradução do estudo], e quem o ouve assume a resolução (*Entschlossenheit*): "o projetar-se calado e disposto à angústia sobre o ser-culpado mais

próprio" (§60, pp. 296–297) [V-de; tradução do estudo]. Sartre devolve a escolha à cena do dever: ao jovem que hesitava entre a mãe e a Resistência ele só tinha uma resposta, "você é livre; escolha, isto é, invente. Nenhuma moral geral poderá indicar-lhe o caminho a seguir; não existem sinais no mundo" (*O existencialismo é um humanismo*, p. 46) [V-fr; V-pt: Guedes]. E a escolha é de todos: "escolhendo-me, escolho o homem" (p. 27) [V-fr; V-pt: Guedes], de modo que o homem, "sem apoio e sem ajuda, está condenado a inventar o homem a cada instante" (p. 38) [V-fr; V-pt: Guedes].

Beauvoir, em *Por uma moral da ambiguidade*, escreve que "querer o desvelamento do mundo, querer-se livre, é um só e mesmo movimento" (p. 31) [V-fr via secundária: Teixeira; tradução do estudo]. Ortega põe a circunstância no centro: "eu sou eu e a minha circunstância, e se não a salvo, não me salvo eu" (*Meditações do Quixote*, *Obras completas*, I, p. 322) [V-es via secundária: Lara; tradução do estudo]. A escolha é, então, o gesto comum da casa, e a pergunta é o que se escolhe, e diante de quem.

Da escolha passa-se ao que a limita e a ilumina de uma só vez: a morte e as situações de que não se pode sair (1.6).

1.6 O ser-para-a-morte e as situações-limite

A morte e o sofrimento são o que a escolha não alcança; esta seção reúne Heidegger e Jaspers, que fizeram deles o centro, e os que lhes respondem.

Heidegger escreve no §47: "Ninguém pode tirar do outro o seu morrer" (*Ser e tempo*, §47, p. 240 da edição alemã) [V-de; tradução do estudo]. A morte é o que é cada vez meu até o fim, e o §52 a define: "A morte, como fim do *Dasein*, é a possibilidade mais própria, irrelativa, certa e, como tal, indeterminada, insuperável, do *Dasein*" (pp. 258–259) [V-de; tradução do estudo]. A ordem dos adjetivos é a do alemão. O *Sein zum Tode* ("ser-para-a-morte") é o modo de existir que se deixa singularizar por essa possibilidade em vez de fugir dela.

Jaspers parte de uma lista: "tenho de morrer, tenho de sofrer, tenho de lutar, estou sujeito ao acaso, enredo-me inevitavelmente na culpa. Estas situações fundamentais de nossa existência chamamos situações-limite [*Grenzsituationen*]. Isto é, são situações além das quais não podemos ir, que não podemos mudar" (*Introdução à filosofia*, p. 18) [V-de; tradução do estudo]. Às situações-limite reagimos, diz ele, "ou pelo encobrimento ou [...] pelo desespero e pela restauração" (p. 18) [V-de; tradução do estudo]; e o que elas mostram é o naufrágio (*Scheitern*): "a origem nas situações-limite traz o impulso fundamental de ganhar, no naufrágio, o caminho para o ser" (p. 19) [V-de; tradução do estudo].

Os outros respondem de lados diferentes. Sartre recusa à morte qualquer função: "não há lugar para a morte no ser-para-si" e ela é "nada mais que um certo aspecto da facticidade (o fato bruto de estar lançado, sem escolha, num mundo) e do ser-para-outro": "é absurdo que nasçamos, é absurdo que

morramos" (*O ser e o nada*, Barnes, p. 547) [V-en: Barnes; tradução do estudo]. Unamuno começa pelo "homem de carne e osso, o que nasce, sofre e morre — sobretudo morre" (*Do sentimento trágico da vida*, cap. I) [V-es; tradução do estudo; página a confirmar], e das três soluções toma a terceira, "uma resignação desesperada, ou um desespero resignado, e a luta" (cap. II) [V-es; tradução do estudo; página a confirmar].

Frankl vem do mesmo cenário, o dos campos. Dele se cita a "última das liberdades humanas", a de escolher a própria atitude (*Em busca de sentido*) [V-en: Lasch; tradução do estudo; página a confirmar], mas a frase "quem tem um porquê para viver suporta quase qualquer como" é de Nietzsche (*Crepúsculo dos ídolos*, "Sentenças e flechas", 12) [V-de; tradução do estudo], que Frankl cita nomeando-o (Rider, pp. 84 e 109) [V-en via secundária: Rider].

Do que não se escolhe passa-se ao que se faz com a falta de sentido: o absurdo e a revolta (1.7).

1.7 O absurdo e a revolta

Camus é quem dá à casa a palavra "absurdo" e a recusa de sair dele pelo salto; esta seção segue os três livros em que ele a desenvolve.

"Só há um problema filosófico realmente sério: é o suicídio" (*O mito de Sísifo*, "O absurdo e o suicídio", p. 15) [V-fr; tradução do estudo]. O absurdo não é uma tese sobre o mundo: "O absurdo nasce desse confronto entre o apelo humano e o silêncio desarrazoado do mundo" ("Os muros absurdos", p. 45) [V-fr; tradução do estudo], e mora "nem no homem [...] nem no mundo, mas na sua presença comum" (p. 48) [V-fr; tradução do estudo]. Os existentes que saltam — Kierkegaard, e no mesmo capítulo Jaspers e Chestov — são para Camus um "suicídio filosófico": "Kierkegaard também dá o salto" ("O suicídio filosófico", p. 57) [V-fr; tradução do estudo].

A saída que ele propõe fica no lado de cá: "Tiro assim do absurdo três consequências, que são a minha revolta, a minha liberdade e a minha paixão" ("A liberdade absurda", pp. 88–89) [V-fr; tradução do estudo], e o ensaio termina em Sísifo: "A própria luta rumo aos cumes basta para encher um coração de homem. É preciso imaginar Sísifo feliz" (p. 168) [V-fr; tradução do estudo]. Sartre também escreve "absurdo": a escolha livre sem fundamento "pode muito bem parecer absurda, e de fato é absurda" (*O ser e o nada*, Barnes, p. 479) [V-en: Barnes; tradução do estudo]. Em Kierkegaard, a força em virtude da qual Abraão crê é o absurdo (ver 1.10).

Em *O homem revoltado* o "não" de quem se revolta é também um "sim": "Que é um homem revoltado? Um homem que diz não. Mas, se recusa, não renuncia: é também um homem que diz sim, desde o primeiro movimento" (cap. "O homem revoltado", abertura) [V-fr via secundária; tradução do estudo; página a confirmar]. A revolta supõe um valor "que preexiste a toda ação" (mesmo capítulo) [V-fr via secundária; tradução do estudo; página a confirmar], e dela Camus tira o "nós": "Eu me revolto, logo somos" (p. 38) [V-fr via secundária: Alves; tradução do estudo]. Em *A*

peste, Rieux fala sem heroísmo: “Não se trata de heroísmo em tudo isso. Trata-se de honestidade [...]. No meu caso, sei que ela consiste em fazer o meu ofício” (p. 170); e diz mais adiante: “sinto mais solidariedade com os vencidos do que com os santos [...]. O que me interessa é ser homem” (p. 256) [V-fr; tradução do estudo]. O cronista escreve para dizer o que se aprende no meio dos flagelos, “que há nos homens mais coisas a admirar do que a desprezar” (pp. 310–311) [V-fr; tradução do estudo].

Do que se faz diante do silêncio do mundo passa-se ao que se faz diante de quem está no mundo conosco: o outro (1.8).

1.8 O outro

O outro é, na casa, o tema em que ela mais se divide; esta seção dá o olhar de Sartre, a solicitude de Heidegger, a comunicação de Jaspers e o encontro de Buber.

Sartre descreve a cena do buraco da fechadura: o que apreendo ao ouvir os ramos estalarem atrás de mim “não é que há alguém ali; é que sou vulnerável [...], que sou visto” (*O ser e o nada*, III, Barnes, pp. 259–260) [V-en: Barnes; tradução do estudo]. Daí a fala de Garcin na última cena de *Entre quatro paredes*: “Não precisa de grelha: o inferno são os outros” (Gallimard, 2012, p. 93) [V-fr via secundária: Longo; tradução do estudo]. Sartre mesmo glosou a frase numa gravação de 1964 ou 1965: “se as relações com o outro são tortas, viciadas, o outro só pode ser o inferno” [V-fr via secundária: Longo; tradução do estudo; data a confirmar].

Heidegger põe o outro dentro do *Dasein* desde o §26, no ser-com (*Mitsein*), e distingue duas solicitudes (*Fürsorge*) diante do “cuidado” (*Sorge*) do outro: a que “pode tirar do outro o ‘cuidado’ [...], saltar em seu lugar” (*einspringen*) e a que “salta adiante dele em seu poder-ser existencial, não para tirar-lhe o ‘cuidado’, mas para devolvê-lo propriamente como tal” (*vorausspringen*) (§26, p. 122 da edição alemã) [V-de; V-en: Macquarrie–Robinson; tradução do estudo]. A primeira é dominadora, a segunda libertadora. Schuback verte *Fürsorge* por “preocupação” e evita o salto; o estudo guarda o salto da letra alemã. Levinas diante de Heidegger e de Sartre é matéria do Estudo VIII, 4.2, que não se refaz aqui.

Jaspers fala de comunicação: “Como ser-si-mesmo, estamos remetidos a outro ser-si-mesmo, com o qual, na comunicação, ambos chegamos propriamente a nós mesmos. Não há liberdade isolada” (*Introdução à filosofia*, p. 88) [V-de; tradução do estudo], e, mais curto: “A verdade começa a dois” (p. 94) [V-de; tradução do estudo]. Buber, que o Tratado das Águas Comuns já cita (ver 2.11), diz que “toda vida atual é encontro” (*Eu e Tu*) [V-pt via secundária: Tratado das Águas Comuns].

Do outro passa-se ao lugar onde ele nos encontra primeiro: o corpo (1.9).

1.9 O corpo

A casa fala do corpo sobretudo por dois nomes, Merleau-Ponty e Marcel; esta seção dá a letra de cada um e a nota que os separa.

Merleau-Ponty escreve na *Fenomenologia da percepção*: "O corpo é o nosso meio geral de ter um mundo" (Smith, pp. 145–146) [V-en: Smith; tradução do estudo]. Em nota, Merleau-Ponty marca a diferença com Marcel: a sua distinção entre ter e ser "não coincide com a de M. Marcel", de modo que "o nosso 'ter' corresponde grosso modo ao ser de Marcel, e o nosso ser ao seu 'ter'" (Smith, p. 174, n. 1) [V-en: Smith; tradução do estudo].

Marcel vem aqui por Grassi (2008), que traduz o francês para o castelhano e dá as páginas do original. "O primeiro objeto, o objeto-tipo com o qual me identifico e que no entanto me escapa, é o meu corpo; parece ser o reduto mais secreto, mais profundo do ter. O corpo é o ter-tipo. E no entanto…" (*Ser e ter*, p. 237) [V via secundária: Grassi; tradução do estudo]. E "eu sou meu corpo" não é, para Marcel, afirmação simples: dizê-lo é "emitir um juízo negativo" (*Do recusar ao invocar*, p. 34) [V via secundária: Grassi; tradução do estudo]. A formulação de Marcel é, então, mais cautelosa que a de Merleau-Ponty, e "eu sou meu corpo" não se cita dele como tese lisa [leitura do estudo].

Do outro polo da casa, Levinas aponta uma ausência: o *Dasein* "nunca tem fome" (*Totalidade e Infinito*, p. 134; ver 4.2) [V-pt via secundária: Estudo VIII, 4.2]. A casa dá ao corpo, então, duas vias: a fenomenologia do corpo próprio, que faz dele o nosso meio de ter um mundo, e a filosofia concreta de Marcel, que o faz mistério da encarnação [leitura do estudo]. Do corpo da mulher dirá Beauvoir (1.12).

Do corpo e do mundo passa-se à pergunta que a casa não decide: se há ou não Deus, e o que isso muda (1.10).

1.10 A fé e o ateísmo na casa

A casa é dividida sobre a origem; esta seção dá a letra do crente, do ateu e dos que não decidem.

Kierkegaard é o crente e escreve *Temor e tremor* (1843) sobre Abraão. A questão do Problema I é: "Há uma suspensão teleológica da moralidade?" (SKS 4, 148) [V-pt: Marinho]; o dinamarquês diz *det Ethiske*, "o ético". "A história de Abraão comporta esta suspensão teleológica da moralidade" (SKS 4, 159) [V-pt: Marinho]. Abraão "creu em virtude do absurdo" [V-da; tradução do estudo; localização a confirmar].

A fé, em *A doença para a morte*, é que o eu, "ao relacionar-se consigo mesmo e ao querer ser si mesmo, repousa transparente no Poder que o pôs" (I, A, SKS 11, 164) [V-da; tradução do estudo], e "o contrário do pecado não é a virtude, mas a fé" (II, SKS 11, 196) [V-da; tradução do estudo]. A leitura de Sartre é outra: "Nada me designa para ser Abraão, e, no entanto, sou a cada instante

obrigado a realizar atos exemplares" (*O existencialismo é um humanismo*, pp. 30–31) [V-fr; V-pt: Guedes], pois, se uma voz se dirige a ele, "sou eu sempre quem decidirá que essa voz é a do anjo" [V-fr; tradução do estudo]. A pergunta de Moriá é a (j) do Estudo VII, 5.1, se a Bússola vetaria o monte Moriá; segue sem decisão do fundador e é matéria do capítulo 3 (questão (j)).

Sartre é o ateu e diz que o ateísmo é consequência, não demonstração: o existencialismo "não é tanto um ateísmo no sentido de que se esgotaria em demonstrar que Deus não existe", e declara antes que "mesmo que Deus existisse, nada mudaria" (*O existencialismo é um humanismo*, p. 95) [V-fr; V-pt: Guedes; tradução do estudo]. Ele cita Dostoiévski — "Se Deus não existisse, tudo seria permitido" (p. 36) [V-fr; V-pt: Guedes] —, mas a frase não existe assim em *Os irmãos Karamázov*; a forma mais próxima é a de Rakitin: "se não há imortalidade da alma, não há virtude, logo tudo é permitido" (I, II, 7) [V-ru; V-en: Garnett; tradução do estudo].

Heidegger e Jaspers não decidem. Heidegger diz, na entrevista ao *Spiegel*, concedida em 1966 e publicada em 1976, depois da morte dele, que "só um deus pode salvar-nos", e que o que podemos é preparar "uma prontidão para o aparecimento de um deus" [V-en: Richardson; tradução do estudo; localização a confirmar]. Jaspers fala de uma fé filosófica e de cifras da transcendência (*Filosofia*, III) [paráfrase; localização a confirmar].

O cânon, diante desse arranjo, não escolhe: "Lumen Fluens não pertence a nenhuma religião oficial — e não exclui nenhuma. Para quem crê, a Luz tem nome próprio: para o cristão, é o próprio Deus. Para quem não crê, é a consciência mais funda, o verdadeiro em si. A filosofia não decide isso por ninguém; exige apenas fidelidade à luz, seja qual for o nome que cada um lhe dê" (Cânon VI.2, "Independência confessional"). O cânon não é, pela letra, teísta, ateu nem agnóstico.

Passa-se a Marcel e Jaspers (1.11).

1.11 Marcel e Jaspers: o essencial

Marcel e Jaspers são o Estudo XIV, por decisão do fundador de 23/10 e de 31/10/2026; aqui vai só o essencial de cada um.

Marcel vem, como em 1.9, por Grassi (2008) e Pugeda (2024). A sua distinção mais conhecida é a do problema e do mistério: "O problema é algo que se encontra, que barra o caminho. Está inteiramente diante de mim. O mistério, ao contrário, é algo em que me encontro engajado, cuja essência consiste, por isso, em não estar inteiramente diante de mim" (*Ser e ter*, p. 145) [V via secundária: Grassi; tradução do estudo]. A *disponibilité* ("disponibilidade") é abertura a quem não nos pertence: "A alma mais disponível é a mais consagrada, a mais interiormente dedicada [...] porque sabe que não deve a existência a si mesma, e que o único uso inteiramente legítimo da sua liberdade é reconhecer que não se pertence" (*Posição e abordagens concretas do mistério ontológico*, p. 87) [V via secundária: Grassi; tradução do estudo]. *Disponibilité* e presença têm homônimos no

cânon, as Virtudes Disponibilidade e Presença, e a medição é do XIV. O estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (cz)) se o homônimo se registra assim, com a medição deixada ao XIV.

De Jaspers o capítulo já deu as situações-limite e o naufrágio (1.6) e a comunicação (1.8). Há ainda a culpa, que ele distingue em quatro — criminal, política, moral e metafísica — em *A questão da culpa* (1946): "Culpa metafísica: há uma solidariedade entre os homens como homens, que torna cada um corresponsável por toda injustiça e toda iniquidade do mundo [...]. Se não faço o que posso para impedi-los, sou cúmplice" (p. 31) [V-de; tradução do estudo]. Essa culpa não é o ser-culpado de Heidegger (1.5) nem o pecado de Kierkegaard (1.4) [leitura do estudo]. *A questão da culpa* é matéria do tratado da justiça (g), como mandaram as decisões n.º 11 de 03/11/2026 sobre o Estudo II e n.º 12 de 04/11/2026 sobre os Estudos III e IV. A cifra é homônima de "revelação" e não se aproxima dela [leitura do estudo]. O estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (cw)) se a parte de Jaspers fica para o Estudo XIV.

Passa-se ao que a casa deixa dito (1.12).

1.12 O que a casa deixa dito com clareza

A casa tem passivos que o estudo registra sem acusar e sem desculpar: a solidão, a política e a mulher.

A solidão é o risco que a opinião lê na casa: Sartre diz, na página da condenação a ser livre (ver 1.3), que estamos "sós, sem desculpas", e Heidegger faz da morte o que é cada vez meu (ver 1.6). A mesma casa tem a letra contrária: Marcel, Jaspers, Buber e o Camus de *O homem revoltado* dizem "nós" [leitura do estudo].

A política pesa mais. Heidegger foi reitor em Freiburg em 1933–34 e filiou-se ao partido nazista (Safranski, *Heidegger: um mestre da Alemanha entre o bem e o mal*) [paráfrase; localização a confirmar]; o que disse e calou depois é [tese a confirmar]. Levinas escreveu em 1988 que em *Ser e tempo* não há fórmula referível ao nacional-socialismo, "mas a construção comporta ângulos ambíguos" (ver 4.2) [V-pt via secundária: Estudo VIII, 4.2]. O Estudo XIII, 4.6, disse o que basta: "a biografia não é doutrina". O que Sartre disse e calou diante do stalinismo, e a ruptura de 1952 com Camus, ficam registrados da mesma forma, como biografia [tese a confirmar]. A *Crítica da razão dialética*, de Sartre, *O homem revoltado*, de Camus, e a culpa política e metafísica de Jaspers (ver 1.11) são a porta da casa para Marx: (k), o mal estrutural, segue aberta até o estudo de Marx; este estudo a registra e não a propõe de novo.

A mulher é dita por Beauvoir: "Ninguém nasce mulher: torna-se mulher" (*O segundo sexo*, t. II, 1.ª parte, cap. I) [V-fr; V-pt via secundária: Almeida; página a confirmar]. Ela diz do homem: "Ele é o Sujeito, ele é o Absoluto: ela é o Outro" (t. I, "Introdução") [V-fr; tradução do estudo; página a

confirmar], e termina o livro pedindo que "homens e mulheres afirmem sem equívoco a sua fraternidade" (conclusão) [V-fr; tradução do estudo; página a confirmar].

A fronteira do escravo por natureza e da mulher é da série (decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI), e as decisões n.º 11 de 03/11/2026 sobre o Estudo II e n.º 11 de 04/11/2026 sobre os Estudos III e IV a estenderam à Stoa, ao cristianismo e ao Vedanta. Aqui o padrão muda de lado, porque a casa escreveu a crítica: Beauvoir fica do lado da disputa, e Heidegger em 1933, Sartre diante do stalinismo e Kierkegaard sobre a mulher são biografia, não doutrina [leitura do estudo]. O estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (db)) se o padrão se estende ao existencialismo nesses termos.

Passa-se ao fecho (1.13).

1.13 O que o capítulo deixa ao leitor

Este capítulo expôs; as aproximações são do capítulo 2 e as separações do 3.

A casa é plural e a divisão passa pela origem: Kierkegaard crê, Sartre é ateu, Heidegger e Jaspers não decidem, e o cânon, pela letra da Independência confessional (ver 1.10), não decide por ninguém. A Antífona, parte do cânon, não é tratada neste estudo.

Há palavras que enganam, porque a casa as usa num sentido e o cânon, quando as tem, em outro: "autenticidade" (*Eigentlichkeit*, que Heidegger não toma por valor moral), "angústia", "absurdo", "a gente", "cuidado" (*Sorge*), "presença" e "disponibilidade". "Repetição" em Kierkegaard, em Heidegger (*Ser e tempo*, §74) e na Regra de Vida (Cânon v1.2, "Regra de Vida") são três homônimos. O estudo as distingue a cada passo.

Passa-se aos lugares em que a casa e o cânon se tocam (capítulo 2).

2. Onde nos tocamos

Este capítulo reúne os lugares em que o existencialismo e o cânon trabalham na mesma oficina. Aproxima; quem separa é o capítulo 3. A letra da casa existencialista está no capítulo 1, e aqui entra só o fragmento, com a remissão; a do cânon vem por extenso. Nenhuma palavra da casa é nome da Lux, como a série não fez da mente luminosa nem do *logos* (decisões n.º 3 e n.º 4 de 03/11/2026 sobre os Estudos I e II), e vale a Independência confessional (ver 1.10).

2.1 "A gente" e a luz encoberta "por adaptação às expectativas alheias"

Heidegger e o cânon descrevem o mesmo lugar da vida: viver no modo dos outros.

Heidegger escreve que *das Man*, "a gente", é "o Ninguém" a quem o *Dasein* (o ente que cada um de nós é) já se entregou no convívio (*Ser e tempo*, §27, p. 128 da edição alemã; ver 1.4).

O Tratado da Luz Interior diz o encobrimento sem o termo: a luz "pode estar plenamente presente e, ainda assim, encoberta — por medo, por hábito, por adaptação às expectativas alheias" (Tratado da Luz Interior, "Objeção provável e resposta breve"). As Meditações dão a cena do avesso: ao acordar, "por um instante, ainda não é ninguém — não é o cargo, não é a lista de mensagens não lidas [...]. É só luz" (Meditações Práticas, "O Acender da manhã").

O Estudo XIII, 4.6, deixou o "a gente" ao lado do "social" de Arendt como hipótese sua; a irreflexão é do Estudo XIII, 3.8, e a decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII diz que "o Examinar é o que a irreflexão dispensa". Que o "a gente" e a irreflexão se toquem é [leitura do estudo].

O estudo lê que "a gente" e "adaptação às expectativas alheias" dizem o mesmo lugar da vida em duas casas, a aproximação de estrutura mais forte do capítulo [hipótese do estudo]. A Ficha dizia "a ferida do Pilar I"; a letra do encobrimento é a citada acima, e a "ferida" do Tratado é outra, a de quem mede o valor pelo desempenho (Tratado da Luz Interior, "O problema que responde") [leitura do estudo]. O rio não é "a gente": é "de todos e de ninguém" (Cânon VI.2, "As Águas Comuns"), e "de ninguém" não quer dizer "de quem chegar primeiro" (Tratado das Águas Comuns, "Definição"). O que fica debaixo do encobrimento é fronteira: em Heidegger, o poder-ser; no cânon, "a Lux é de alguém" (decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo I; ver 3.1).

O estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (ct)) se "a gente" se lê ao lado da luz encoberta "por adaptação às expectativas alheias", e se a Ficha reescrita troca "a ferida do Pilar I" pela letra.

Da vida no modo dos outros passa-se à vida que representa um papel (2.2).

2.2 A má-fé e "eu sem a minha luz sou uma mentira"

Sartre descreve o modo de viver o que não se é, e o cânon tem uma frase para quem vai aonde a luz não está.

Sartre escreve, no capítulo da má-fé (*mauvaise foi*), que o garçom de café é garçom "no modo de ser o que não é" (*O ser e o nada*, I, 2, Barnes, p. 60; ver 1.4), e que nem a sinceridade escapa: "a estrutura essencial da sinceridade não difere da da má-fé" (Barnes, p. 65) [V-en: Barnes; tradução do estudo]. A "recuperação de si", que ele chama autenticidade, fica sem descrição (Barnes, p. 70, nota 9; ver 1.4).

A Bússola responde: "a luz está lá? Posso estar lá inteiro, sem me trair? Se a resposta é não, não vou. Porque eu sem a minha luz sou uma mentira" (Cânon v1.2, "A Bússola"). O Catecismo dá a razão: "ir aonde a luz não está exige apagá-la, e quem a apaga passa a viver o que não é" (Catecismo, 25). "Mentira", aqui, é o que sou sem a luz, e não a que digo a outrem; Sartre faz o mesmo deslocamento, pois a má-fé é mentira a si mesmo, e "passa a viver o que não é" tem a forma de "no modo de ser o que não é" [leitura do estudo].

A Ficha dizia "autenticidade" para a Bússola; a letra do cânon não a tem. A palavra é de Heidegger (*Eigentlichkeit*, que *Ser e tempo* não toma por valor moral; ver 1.2), e o cânon diz Integridade e "sem me trair"; a troca é pergunta da Ficha reescrita (ver 2.11). A fronteira é a de 2.1: a má-fé encobre, em Sartre, a liberdade sem natureza que a preceda; a Bússola protege uma luz de alguém (ver 3.1) [hipótese do estudo].

Do papel passa-se à coerência que se quer inteira (2.3).

2.3 "Querer uma só coisa" e a Integridade

Kierkegaard e o cânon pedem uma vida que seja a mesma por dentro e por fora.

Kierkegaard escreve, no discurso de 1847, que a pureza de coração é "querer uma só coisa", e que a só coisa é o Bem, diante de Deus (SKS 8, 138; ver 1.5). O contrário é o duplo ânimo (*Tvesindethed*). O Estudo VII, 4.5, leu o palácio e o celeiro, de Anti-Climacus, como o que "a integridade pede".

A letra do cânon é a Virtude do Pilar I: "Integridade: coerência entre o que se é por dentro e o que se vive por fora" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", I), e a Bússola pergunta se se pode estar lá "inteiro" (ver 2.2). O cânon diz que "a pergunta decisiva é uma só" (Cânon v1.2, "A Bússola") e manda definir "a única coisa que hoje não pode ficar sem luz" (Cânon v1.2, "Regra de Vida", Manhã). Nenhuma das duas frases é "querer uma só coisa": uma conta as perguntas, a outra escolhe a tarefa do dia [leitura do estudo].

A Ficha chamava Kierkegaard de ponte; a ponte, pela letra, é entre o querer inteiro de Kierkegaard e a Integridade [leitura do estudo]. A fronteira vem na mesma linha: em Kierkegaard a só coisa é o

Bem diante de Deus, e o cânon não diz diante de quem se é inteiro (capítulo 3). O estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (cu)) se "querer uma só coisa" se lê ao lado da Integridade, com a fronteira "diante de Deus" × sem dizer diante de quem.

Do querer inteiro passa-se à escolha (2.4).

2.4 Escolher-se e a Bússola: "sem me trair"

A escolha está no centro do existencialismo e a decisão está no centro da Bússola, e as duas palavras não são a mesma.

Kierkegaard escreve que o eu "escolhe a si mesmo, ou melhor, recebe a si mesmo" (*Ou–ou* II, SKS 3, 172–173; ver 1.5), e que o Ou–ou não é primeiro a escolha entre o Bem e o Mal, e sim o ato de se escolher (SKS 3) [V-da; paráfrase; página a confirmar]. Heidegger põe a mesma palavra entre aspas: o *Dasein* pode "escolher-se" ou perder-se (§9; ver 1.2). Sartre aconselha "escolha, isto é, invente" (*O existencialismo é um humanismo*, p. 46; ver 1.5).

A Arquitetura nomeia a Bússola "a decisão" e, entre os eixos dos elementos, "a escolha" (Cânon v1.2, "A Arquitetura"), mas "a Bússola não escolhe os caminhos por ninguém; ela apenas veta os que exigiriam apagar a luz para percorrê-los" (Cânon v1.2, "A Bússola"), e "a decisão é sempre de quem caminha" (Catecismo, 24). O veto é a própria Luz, sem voz externa (ver 2.5).

"Escolha" é homônimo: lá, escolhe-se o eu; aqui, a Bússola tira do caminho o que apagaria a luz [leitura do estudo]. Nos dois lados a decisão é de quem caminha e não se delega, e a fronteira é de função: o veto só veta (capítulo 3) [hipótese do estudo]. O estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (cs)) se a fórmula do estudo, "o Lumen Fluens aceita do existencialismo a escolha e recusa a invenção", diz a escolha como lugar da pessoa, e não como função da Bússola.

Da escolha passa-se ao chamado que a acompanha (2.5).

2.5 A voz da consciência e o veto sem voz externa

Heidegger e a Bússola têm uma voz que não vem de fora.

Heidegger escreve que o chamado da consciência (§§54–60) "vem de mim e, contudo, sobre mim" (ver 1.5) e vem "contra a expectativa e até contra a vontade" (§57, p. 275 da edição alemã) [V-de; tradução do estudo].

No cânon, o veto é a própria Luz, "sem voz externa" (decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X), e a voz do outro "em mim" também (decisão n.º 5 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX); percebe o particular (decisão n.º 4 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI) e inclui as perspectivas dos outros (decisão n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII). O *Gewissen* ("consciência") é palavra de Heidegger, e o cânon não a toma como nome de coisa alguma: não é teísta, ateu nem agnóstico, pois para quem

crê a Luz tem nome próprio, para quem não crê é "a consciência mais funda, o verdadeiro em si", e "a filosofia não decide isso por ninguém" (Cânon v1.2, "Independência confessional"; ver 1.10).

O estudo lê, nos dois lados, um chamado que é do próprio e que não é feito pelo próprio querer [hipótese do estudo]; a fronteira (o chamado convoca; o veto só veta) é do capítulo 3. O estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (cv)) se a voz da consciência se lê ao lado do veto, sem reabrir a decisão n.º 7 sobre o Estudo X nem a decisão n.º 7 de 04/11/2026 sobre o Estudo III, que leu a consciência como voz de Deus.

Da voz passa-se ao chão em que se está (2.6).

2.6 O estar-lançado, a circunstância e "ninguém começa do zero"

Heidegger, Sartre e Ortega põem a pessoa num mundo que ela não escolheu, e o Flumen diz o mesmo chão com outra palavra.

Heidegger escreve que "o puro 'que é' mostra-se; o de onde e o para onde permanecem na obscuridade" (*Ser e tempo*, §29, p. 134 da edição alemã) [V-de; tradução do estudo]. É a *Geworfenheit*, o "estar-lançado". Sartre diz o homem condenado porque "não se criou a si mesmo" (ver 1.3), e Ortega, "eu sou eu e a minha circunstância" (ver 1.5). Heidegger acrescenta a herança: na repetição (*Wiederholung*) o *Dasein* "escolhe seu herói" (§74, p. 385 da edição alemã) [V-de; tradução do estudo].

O Pilar II diz: "Ninguém começa do zero. Somos herdeiros de gerações e civilizações inteiras — e ancestrais de quem virá" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", II). O estudo lê o estar-lançado e "ninguém começa do zero" como a aproximação de estrutura mais forte, e a herança escolhida do §74 ao lado da Revisão do rio e do Legado [hipótese do estudo]. Ricoeur estranhou o silêncio de *Ser e tempo* sobre o nascimento (ver 4.3).

Dois homônimos. "Circunstância" no Pilar I é o que o valor não pressupõe ("anterior a qualquer conquista ou circunstância", Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", I; ver 3.1), e em Ortega é o que se salva [leitura do estudo]. "Repetição" é de Kierkegaard (*A repetição*: "recorda-se para a frente", SKS 4, 9) [V-da; tradução do estudo], de Heidegger (§74) e das Meditações, onde "repetir" é a crítica da semana sempre igual (Meditações Práticas, "A mudança deliberada da semana").

A fronteira está na letra: o "de onde" de Heidegger fica na obscuridade, e o cânon dá herdeiros e ancestrais no rio de todos; diante do pecado original, vale "culpa herdada × rio herdado" (decisão n.º 8 de 04/11/2026 sobre o Estudo III; ver 3.2). É do capítulo 3.

Do chão passa-se ao que nele não se pode mudar (2.7).

2.7 As situações-limite e "escuridões que nenhuma bússola veta"

Jaspers e a Vigília começam do mesmo ponto: há o que não se escolhe e de que não se sai.

Jaspers escreve que as situações-limite (*Grenzsituationen*) são "situações além das quais não podemos ir" (*Introdução à filosofia*, p. 18; ver 1.6). Elas mostram "o naufrágio" (*Scheitern*, p. 19; ver 1.6).

A Vigília diz: "há escuridões que nenhuma bússola veta: a perda, a doença, o acaso que desaba"; diante delas "a luz não promete o amanhecer nem finge que não é noite", e "a Vigília promete presença, não vitória". A noite, nessa letra, "é o mal que ninguém causou" (Cânon VI.2, "A Vigília"). "Situações além das quais não podemos ir" e "escuridões que nenhuma bússola veta" descrevem o que não se escolhe e não se evita [hipótese do estudo]. O Estudo IX, 5.5, escreveu que as situações-limite tocam a Vigília "na medida em que sejam noite" e que a culpa pertence ao lado do lobo; a fronteira entre noite e lobo passa pelo ato, não pela pessoa (decisão n.º 10 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX).

A fronteira é central e é do capítulo 3: Jaspers lê no naufrágio o caminho para o ser e a cifra da transcendência (ver 1.6, 1.10); a Vigília não explica nem promete acesso a nada. A morte, que Jaspers conta na lista, a letra do cânon não nomeia (Estudo IX, 5.5). O resto é do Estudo XIV.

Da noite não escolhida passa-se à que se aguenta sem fim à vista (2.8).

2.8 Sísifo feliz e "uma luz acesa dentro da noite"

Camus e o cânon recusam, cada um por seu caminho, que o fim decida o valor do que se faz.

Camus escreve que o absurdo nasce do confronto entre o apelo humano e "o silêncio desarrazoado do mundo" (*O mito de Sísifo*, "Os muros absurdos", p. 45; ver 1.7), e fecha o ensaio com Sísifo: "A própria luta rumo aos cumes basta" (p. 168; ver 1.7).

O Tratado da Vigília responde à pergunta "se a noite não tem sentido, a luz que nela vela não seria ilusão?" com: "uma luz acesa dentro da noite, que não precisa do fim para valer" (Tratado da Vigília, "Objeção provável e resposta breve"). A resposta é a que o fundador adotou para a segunda pergunta da série, "o que há no fundo da noite?" (decisão n.º 2 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII). "A luta basta" e "não precisa do fim para valer" recusam, com palavras diferentes, que o desfecho decida [hipótese do estudo].

A fronteira é de fundamento: Camus funda a felicidade de Sísifo na revolta e na consciência lúcida de um mundo calado; o cânon, na luz de alguém e no rio [leitura do estudo]. O estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (cw)) se as situações-limite (2.7) e Sísifo feliz se leem ao lado de "há escuridões que nenhuma bússola veta" e de "uma luz acesa dentro da noite", com as fronteiras ditas e a parte de Jaspers para o XIV.

Da luz que não precisa do fim passa-se a quem a leva a outros (2.9).

2.9 A peste e o Abrigo

Rieux e Tarrou fazem o que o Abrigo pede a quem vive o Lumen Fluens.

Camus escreve, em *A peste*, que "trata-se de honestidade", que no caso de Rieux "consiste em fazer o meu ofício" (p. 170; ver 1.7). Tarrou pergunta: "Pode-se ser um santo sem Deus?", e Rieux responde que o que lhe interessa é "ser homem" (p. 256) [V-fr; tradução do estudo].

O Abrigo diz: "Sê casa para o outro" e "lugar seguro no rio: braços onde o cansado descansa, casa para quem está cansado de estar só" (Cânon VI.2, "O Abrigo"). Nos dois lados a luz é para os outros e se prova no ofício comum, não no heroísmo [hipótese do estudo]. Rieux luta contra um mal que, pela distinção do cânon, seria noite, diante da qual se vela (Cânon VI.2, "A Vigília"); que ele "vele" a cidade é leitura do estudo, pois "velar" não é termo de Camus [leitura do estudo].

A fronteira é dupla e fica para o capítulo 3: Tarrou pergunta pela santidade sem Deus, e o cânon não responde por ninguém, pois não é teísta, ateu nem agnóstico (Independência confessional; ver I.10); e o Abrigo tem limite, que é a Bússola.

Do ofício comum passa-se ao limite do Abrigo (2.10).

2.10 A solicitude que "salta adiante" e o Abrigo com limite

Heidegger tem, no §26, uma letra que toca, em outra direção, o limite que o fundador fixou para o Abrigo.

Heidegger distingue duas solicitudes (*Fürsorge*): a que pode "saltar em seu lugar" (*einspringen*) e tirar do outro o "cuidado" (*Sorge*), e a que "salta adiante" (*vorausspringen*) e o devolve (§26, p. 122 da edição alemã; ver I.8).

O fundador decidiu: "O Abrigo não vai até a substituição. O limite é a Bússola: ser casa para o outro nunca pede que a luz própria se apague" (decisão n.º 4 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII); e "o olhar do outro apenas vê", o Abrigo "revela e nada exige" (decisão n.º 3 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII). A letra de Heidegger toca, em outra direção, o que a decisão n.º 4 fixou: quem salta em seu lugar toma o cuidado do outro, e quem salta adiante o devolve; a aproximação é [leitura do estudo]. "Cuidado" (*Sorge*) é palavra de Heidegger, e o cânon não a usa nesse sentido; o Portar, "levar consigo, como mensagem" (Catecismo, 14), é outra coisa.

O estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (cy)) se a solicitude do §26 se lê ao lado do Abrigo com o limite da Bússola, e se "o inferno são os outros" entra na Ficha como fronteira, com a correção de Sartre (ver I.8).

Da solicitude passa-se ao nós (2.11).

2.11 “Eu me revolto, logo somos” e “ninguém navega um rio privado”

Camus, Sartre e Jaspers tiram um nós de quem se escolhe ou se revolta, e o cânon começa pelo nós que já há.

Camus tira o nós da revolta: “Eu me revolto, logo somos” (*O homem revoltado*, p. 38; ver 1.7). Sartre o tira da escolha que se dá por todos: “escolhendo-me, escolho o homem” (ver 1.5). Jaspers, da comunicação: “A verdade começa a dois” (ver 1.8).

As Águas Comuns dizem: “Ninguém navega um rio privado”; “devo ao rio o próprio fluxo”; “a luz é pessoal, nunca individual: o indivíduo define-se pelo que o separa; a pessoa, pelo que a abre” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”). O Tratado das Águas Comuns toma de Buber o encontro, “toda vida atual é encontro” (Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação”). Nos dois lados a pessoa isolada é recusada e o nós é condição, não soma [hipótese do estudo]. A frase da Ficha sobre o rio é medida em 3.8.

A fronteira é de origem do nós: nos dois lados ele nasce de um ato, o de revoltar-se ou o de escolher; no cânon, é o rio já dado e devido [leitura do estudo]. E a casa está dividida sobre a natureza: Camus a afirma (“uma natureza humana”; ver 1.2), Sartre a nega (“não há natureza humana”; ver 1.2). Que o valor camusiano que “preexiste a toda ação” (ver 1.7) toque a Lux, dada antes de qualquer conquista, é [hipótese do estudo], sem que a revolta seja nome da Luz.

O estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (da)) se a Ficha reescrita troca “autenticidade” e “o rio não é indiferente” pela letra do cânon, e se “eu me revolto, logo somos” entra como porta, sem ponte.

Do nós passa-se ao corpo que o carrega (2.12).

2.12 “Eu sou meu corpo” e o Corpus

Merleau-Ponty e o Corpus dizem que o corpo não é um obstáculo; a palavra de Marcel pede cautela.

Merleau-Ponty escreve que o corpo é “nosso meio geral de ter um mundo” (*Fenomenologia da percepção*, Smith, pp. 145–146; ver 1.9) e que “eu sou meu corpo” (Smith, pp. 197–198) [V-en: Smith; tradução do estudo]. Em Marcel a mesma frase não é tese lisa: o corpo é o ter-tipo, e dizê-la é “emitir um juízo negativo” (ver 1.9).

O Pilar IV diz: “A transcendência passa pela matéria. O corpo, o lugar, o ritmo — os ‘tijolos do templo’ — não são obstáculos ao espírito: são seu instrumento”, e a Presença é “estar inteiro onde o corpo está” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV). O fundador decidiu “só templo”: o corpo não encobre a luz (decisão n.º 6 de 23/10/2026 sobre o Estudo X), e pôs *A cidade de Deus*, XIV, 3, como aliado do Corpus (decisão n.º 8 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII). A aproximação é a mais forte da

série sobre o corpo depois do Estudo XII [hipótese do estudo]. "Presença" é homônimo triplo: a Virtude do Pilar IV, a presença de Marcel e a *Präsenz* ("presença") de Heidegger.

A fronteira é a palavra "instrumento", medida em 3.11; que Marcel a recuse é [hipótese do estudo], sem aspas dele.

Do corpo passa-se a uma palavra que os dois lados dizem igual (2.13).

2.13 A *disponibilité* e a Disponibilidade

Marcel e o Pilar III usam a mesma palavra, e o estudo registra o homônimo sem medi-lo.

Marcel escreve que a *disponibilité* ("disponibilidade") é a da alma que reconhece que "não se pertence" (*Position et approches concrètes du mystère ontologique*, p. 87; ver 1.11). Ricoeur lê a fidelidade como aberta à expectativa de outro: "Gabriel Marcel dá a essa fidelidade o nome de disponibilidade" (*O si-mesmo como um outro*, edição espanhola, pp. 292–293) [V-es via secundária: Estudo IX, 4.2].

O Pilar III diz: "Disponibilidade: prontidão interior para o novo, sem apego ansioso ao que passa" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", III). Em Marcel a disponibilidade é a de quem sabe que não se pertence; em Ricoeur, a que responde à expectativa de outro; a do cânon é prontidão diante da mudança que o rio traz. O Estudo IX, 4.2 e 5.5, já registrou a coincidência de vocabulário, sem ponte; a direção difere, do outro ao novo, e a medição é do Estudo XIV [leitura do estudo].

O estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (cz)) se "eu sou meu corpo" se lê ao lado do Corpus, com "instrumento" como homônimo, e se a *disponibilité* se registra como homônimo da Disponibilidade, com a medição deixada ao Estudo XIV.

Da palavra comum passa-se à aliada que a série encontra do lado de cá (2.14).

2.14 Beauvoir e a fronteira da série do lado de cá

Diante do existencialismo, a fronteira que a série fixou para os clássicos tem aliada e não adversária.

Beauvoir escreve que "ninguém nasce mulher: torna-se mulher" (*O segundo sexo*, t. II, 1.ª parte, cap. I; ver 1.12) e que "nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade" [V-fr; V-pt via secundária: Almeida; página a confirmar].

A fronteira da série nasceu do escravo por natureza e da mulher em Aristóteles (decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI), diz-se "nenhuma pessoa está fora da Lux" (decisão n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII) e se estendeu à Stoa, ao cristianismo e ao Vedanta (decisões n.º 11 de 03/11/2026 sobre o Estudo II e n.º 11 de 04/11/2026 sobre os Estudos III e IV). O estudo lê que "nenhum destino [...] define a forma" e o valor "anterior a qualquer conquista ou circunstância" (Pilar I; ver 3.1)

recusam, por palavras diferentes, que a condição decida quem alguém é [hipótese do estudo]; Beauvoir o diz pela civilização, o cânon pelo valor, e a diferença é do capítulo 3.

O estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (db)) se o padrão se estende ao existencialismo, com Beauvoir do lado da disputa e a biografia da casa (Heidegger em 1933, Sartre e o stalinismo, Kierkegaard sobre a mulher) registrada como biografia, e não como doutrina (ver 1.12).

Do que a casa e o cânon têm em comum passa-se ao que os separa (capítulo 3).

3. Onde nos separamos

O capítulo 2 mostrou onde a letra do cânon e a da casa existencialista se tocam; este mostra onde se separam, sem diminuir nenhuma das duas. A casa é a mais dividida da série sobre a origem, e por isso cada frase leva o nome de quem a escreve. Deus, o nada, o ser e a transcendência entram na voz de quem os diz, como material; o cânon não é teísta, ateu nem agnóstico, e o diz pela letra da Independência confessional (ver 1.10). Marcel e Jaspers entram pelo essencial, e a medição é do Estudo XIV; Arendt e Heidegger foram o Estudo XIII, e Levinas contra Heidegger e Sartre foi o VIII: citam-se, não se refazem.

3.1 Inventar-se e revelar-se

A Ficha punha a fronteira central em uma linha; a primeira metade é letra de Sartre e a segunda não é letra do cânon.

A Ficha de outubro dizia: "para Sartre a existência precede a essência; para nós a luz precede a existência vivida" [Ficha, não cânon]. A fronteira pode ser dita com as palavras que a letra tem dos dois lados.

Sartre escreve, em 1945, que os existencialistas têm em comum "que a existência precede a essência" (*O existencialismo é um humanismo*, p. 17; ver 1.2) [V-fr; V-pt: Guedes]: o homem "existe primeiro, encontra-se, surge no mundo, e se define depois" (p. 21) [V-fr; tradução do estudo]. O verbo que sustenta tudo é *inventar*: o homem, "sem apoio e sem ajuda, está condenado a cada instante a inventar o homem" (p. 38) [V-fr; V-pt: Guedes], e ao jovem dividido entre a mãe e a Resistência só se responde "escolha, isto é, invente" (p. 46; ver 1.5) [V-fr; V-pt: Guedes]. Sartre liga a falta de natureza à falta de um Deus que a pense (ver 1.2) [leitura do estudo].

O cânon não tem "existência" nem "essência" como termos da doutrina, e "inventar" e "invenção" não ocorrem. O Pilar I diz: "O valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância. A luz não se acende — ela se revela" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", I). O Tratado da Luz Interior dá a razão do verbo: "Acender supõe ausência prévia, um vazio que precisa ser preenchido por mérito, esforço ou reconhecimento externo. Revelar supõe presença anterior a qualquer olhar — inclusive ao olhar de quem a possui" ("Definição"). Para Sartre o homem se define depois de existir; para o Tratado, o valor não espera definição alguma e é anterior a qualquer conquista [leitura do estudo].

A fronteira é delicada, porque o cânon diz menos do que a Ficha supunha: não diz que a existência precede a essência nem o contrário: diz que a luz é anterior a qualquer conquista ou circunstância [leitura do estudo]. O que o Tratado da Luz Interior nomeia, na "Fundamentação", como o ponto comum das vozes que convoca é "a estrutura: há algo na pessoa anterior ao seu desempenho, e a

tarefa da vida é reconhecê-lo, não fabricá-lo"; que isso seja ou não uma natureza é [leitura do estudo]. E a Lux é de alguém (decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo I: "a Lux é de alguém").

Kierkegaard escreve que o eu "escolhe a si mesmo, ou melhor, recebe a si mesmo" (*Ou–ou*, II, SKS 3, 172–173; ver 1.5) [V-da; tradução do estudo]. Camus escreve que a análise da revolta leva à suspeita de que "há uma natureza humana" (*O homem revoltado*, cap. "O homem revoltado"; ver 1.2) [V-fr via secundária; tradução do estudo; página a confirmar]. Marcel escreve que, "metafisicamente falando, não me pertenço" (*Da recusa à invocação*, p. 149) [V via secundária: Grassi; tradução do estudo]. A fronteira de "invenção" vale em cheio diante de Sartre e muda de forma diante dos outros (3.15).

Da fronteira central passa-se ao que há debaixo da ferida que as duas casas dizem (3.2).

3.2 O que está debaixo da ferida

O capítulo 2 leu "a gente" e a luz encoberta "por adaptação às expectativas alheias" como a mesma ferida dita em duas casas; esta seção diz o que cada uma põe debaixo dela.

Heidegger escreve que "cada um é o outro e ninguém é ele mesmo", e que o *das Man* ("a gente") é o Ninguém a quem o *Dasein* (o ente que cada um de nós é) já sempre se entregou (*Ser e tempo*, §27, p. 128 da edição alemã; ver 1.4) [V-de; tradução do estudo]. O que ali se encobre é o poder-ser próprio, a *Eigentlichkeit* ("propriedade"), e não uma luz; a impropriedade não é um grau menor de ser, e a decadência não exprime avaliação negativa (ver 1.2, 1.4).

Em Sartre, a cena é a do garçom que joga a ser garçom (ver 1.4). Debaixo da má-fé está uma liberdade sem natureza, e a saída não é a sinceridade, cuja estrutura "não difere da da má-fé" (*O ser e o nada*, Barnes, p. 65; ver 2.2) [V-en: Barnes; tradução do estudo]; a "autenticidade" é só a recuperação de si, que Sartre não descreve (ver 1.4). No cânon, quem apaga a luz "passa a viver o que não é" (Catecismo, 25), e "eu sem a minha luz sou uma mentira" (Cânon VI.2, "A Bússola"; ver 2.2): a ferida é a mesma, e o que está debaixo dela não é [leitura do estudo].

O Tratado da Luz Interior diz a ferida assim: a luz "pode estar plenamente presente e, ainda assim, encoberta — por medo, por hábito, por adaptação às expectativas alheias" ("Objeção provável e resposta breve"). O Tratado das Águas Comuns nomeia a pessoa dissolvida no grupo: "É a correnteza que cobra" ("O problema que responde"). O rio não é "a gente" [leitura do estudo].

Kierkegaard põe outro fundo: a ferida é o desespero, e o desespero, "diante de Deus [...] desesperadamente não querer ser si mesmo" (*A doença para a morte*, II, SKS 11, 191; ver 1.4) [V-da; tradução do estudo], é pecado; a cura é o eu que "repousa transparente no Poder que o pôs" (I, A, SKS 11, 164; ver 1.10) [V-da; tradução do estudo]. O cânon diz, em lugar de "pecado", a luz encoberta, a noite e o lobo (decisão n.º 8 de 04/11/2026 sobre o Estudo III: culpa herdada × rio herdado, a luz de cada um). Ele diz a luz "encoberta" e não diz diante de quem; a comparação com o ser-culpado de Heidegger (3.5) é [leitura do estudo].

Questão aberta (ct): "a gente" e a má-fé leem-se ao lado da luz encoberta "por adaptação às expectativas alheias", como leitura, com a fronteira dita na mesma frase (o que se encobre: em Heidegger, o poder-ser; em Sartre, a liberdade; no cânon, uma luz de alguém)? E a Ficha reescrita troca "a ferida do Pilar I" [Ficha, não cânon] pela letra do Tratado da Luz Interior, com o desespero como pecado diante de Deus × a luz encoberta como fronteira? O estudo pergunta ao fundador. Se sim, o capítulo 5 as escreve; se não, ficam neste estudo.

Do que está debaixo da ferida passa-se ao que a casa põe no centro da cura (3.3).

3.3 A escolha no centro e a Bússola que só veta

A casa responde à ferida pela escolha; o cânon tem uma Bússola que só veta. A mesma palavra serve a funções diferentes.

Na casa, a escolha faz ou recebe o si mesmo. Kierkegaard escreve que o Ou–ou não é a escolha entre o Bem e o Mal, mas o ato de escolher-se (ver 2.4), e o *Dasein* pode "escolher-se" e também perder-se (ver 1.2). Jaspers escreve que "a simples escolha parece só uma escolha entre objetividades, mas a liberdade é a escolha de mim mesmo" (*Filosofia*, II, cap. VI) [V-es: Vela; tradução do estudo; página a confirmar]. Sartre faz da escolha a fonte do universal: "escolhendo-me, escolho o homem" (p. 27; ver 1.5) [V-fr; V-pt: Guedes].

O cânon tem a palavra: a Arquitetura chama a Bússola de "a decisão" e põe "a escolha" na lista do que os elementos dizem (Cânon v1.2, "A Arquitetura"), e a Disputatio diz que a Bússola "nasceu, de fato, na voz do agente — de quem escolhe onde não ir" ("Respondeo"). Mas a Bússola "não escolhe os caminhos por ninguém" e "apenas veta" (Cânon v1.2, "A Bússola"), e "a decisão é sempre de quem caminha" (Catecismo, 24; ver 2.4). O veto é a própria Luz na pessoa, sem voz externa, percebe o caso e inclui as perspectivas dos outros (ver 2.5).

A diferença é de função: na casa, a escolha faz ou recebe o si mesmo; no cânon, a decisão é de quem caminha, e o veto pressupõe que a luz já está lá. Que a escolha seja, por isso, o lugar da pessoa e não uma função da Bússola é [leitura do estudo]. O universal, em Sartre, nasce da escolha; "ninguém navega um rio privado" (ver 2.11) diz o rio como lugar de todos, e não como efeito de um ato [leitura do estudo].

Da escolha passa-se ao que se quer ao escolher: uma só coisa (3.4).

3.4 Querer uma só coisa: diante de quem

A Ficha chamou Kierkegaard de "a ponte". A ponte é entre o discurso de 1847 e a Integridade, e a fronteira está no "diante de quem".

Kierkegaard escreve que "a pureza de coração é querer uma só coisa" (*Discursos edificantes em diversos espíritos*, SKS 8, 138; ver 1.5) [V-da; tradução do estudo]. O argumento é que só o Bem é uno em sua essência, e a alternativa é o duplo ânimo (ver 1.5). O cânon tem a Integridade, "coerência entre o que se é por dentro e o que se vive por fora" (ver 2.3), e o Catecismo, 8, a diz pelo contrário: "Quem diz uma coisa e vive outra vive dividido". Dividido e duplo ânimo são a mesma ferida [leitura do estudo].

A fronteira vem do que a só coisa é. Em Kierkegaard, é o Bem, e o Bem de que o discurso fala é o Bem diante de Deus [leitura do estudo]. Na Integridade, a medida é "sem me trair" (Cânon v1.2, "A Bússola"; ver 2.2), e a letra não diz diante de quem se está inteiro. A decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X foi tomada sobre Platão; que valha para o Bem de Kierkegaard é [leitura do estudo]. Dois homônimos pedem aviso: "a pergunta decisiva é uma só" (Cânon v1.2, "A Bússola") e "a única coisa que hoje não pode ficar sem luz" (Cânon v1.2, "Regra de Vida") falam de um caminho e de um dia, não do coração inteiro (ver 2.3).

Questão aberta (cu): "querer uma só coisa" lê-se ao lado da Integridade e do "vive dividido" (Catecismo, 8), como leitura, com a fronteira dita na mesma frase (o Bem diante de Deus × a Integridade, que não diz diante de quem)? E "a pergunta decisiva é uma só" e "a única coisa que hoje não pode ficar sem luz" ficam declaradas homônimas, sem ponte? O estudo pergunta ao fundador. Se sim, o capítulo 5 as registra; se não, ficam neste estudo.

Da só coisa passa-se à voz que a chama, a consciência (3.5).

3.5 A voz da consciência e o veto

Heidegger e a Bússola têm em comum uma instância sem voz externa; o que ela faz e quem a diz as separa.

Heidegger escreve que "o chamado vem de mim e, contudo, sobre mim" (*Ser e tempo*, §57, p. 275 da edição alemã; ver 1.5) [V-de; tradução do estudo]. O chamado leva ao ser-culpado mais próprio, que não é culpa moral, e à resolução (§60; ver 1.5); o sujeito de "chama" é um *Es* ("algo") impessoal. Newman e o Concílio leem a mesma instância como voz de Deus, e a Ficha do Estudo III já registrou a fronteira (decisão n.º 7 de 04/11/2026 sobre o Estudo III): a Bússola "apenas veta", e o veto é "a própria Luz na pessoa, sem voz externa" (decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X; ver 2.5).

A Bússola traz uma pergunta em primeira pessoa, "a luz está lá?", e um veto (ver 2.2). O cânon não toma o *Gewissen* ("consciência") como nome de coisa alguma: "a filosofia não decide isso por ninguém", e o cânon não é teísta, ateu nem agnóstico (Cânon v1.2, "Independência confessional"). A fronteira passa por duas diferenças [hipótese do estudo]. O chamado chama *a* algo (ao ser-culpado,

à resolução); o veto só veta, e nada pede. E o chamador é impessoal e sem nome, ao passo que o veto é a Luz de quem caminha.

Questão aberta (cv): a voz da consciência de Heidegger (§§54–60) lê-se ao lado do veto da Bússola, como leitura, com a fronteira dita na mesma frase (chama ao poder-ser e à culpa × só veta), sem reabrir a decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X nem a n.º 7 de 04/11/2026 sobre o Estudo III? O estudo pergunta ao fundador. Se sim, o capítulo 5 a registra; se não, fica neste estudo.

Da voz que chama passa-se ao afeto que a antecede, a angústia (3.6).

3.6 Angústia, situações-limite e Sísifo: a noite e a luz acesa

A casa faz do afeto sem objeto o lugar onde a liberdade aparece; o cânon dá à noite um sentido e uma luz acesa dentro dela.

Kierkegaard escreve que a angústia é "a vertigem da liberdade" (*O conceito de angústia*, II, §2, SKS 4, 365–366; ver 1.3) [V-da; tradução do estudo]. Heidegger escreve que aquilo diante de que se tem angústia é "o ser-no-mundo como tal" (*Ser e tempo*, §40, p. 186), e que o "de onde" e o "para onde" do *Dasein* ficam "no escuro" (§29, p. 134; ver 2.6) [V-de; tradução do estudo]. Jaspers escreve que as situações-limite são aquelas "além das quais não podemos ir" e que no naufrágio (*Scheitern*) delas se ganha "o caminho para o ser" (*Introdução à filosofia*, pp. 18–19; ver 1.6) [V-de; tradução do estudo]. Camus escreve que é preciso imaginar Sísifo feliz (*O mito de Sísifo*, p. 168; ver 1.7) [V-fr; tradução do estudo].

O cânon não tem "angústia". Tem a noite, e a define pelo que não depende de escolha: "há escuridões que nenhuma bússola veta: a perda, a doença, o acaso que desaba" e "a noite é o mal que ninguém causou" (Cânon VI.2, "A Vigília"; ver 2.7). Tem também a luz que se acende dentro dela: a Vigília é "uma luz acesa dentro da noite" que "não precisa do fim para valer" (Tratado da Vigília; ver 2.8). A "ansiedade sem fundo" do Tratado da Luz Interior é a de quem mede o valor pelo desempenho ("O problema que responde"), outro objeto. E o cânon recusa a primeira resposta que falha, a que diz que a noite "tem um sentido" (Tratado da Vigília); a decisão n.º 7 de 03/11/2026 sobre o Estudo II fixou que "o cânon não diz que a noite é prova".

As fronteiras são três [hipótese do estudo]. A vertigem da liberdade nasce de uma possibilidade aberta ao eu; a noite vem sem convite. O naufrágio ensina e é lido como caminho; a noite não ensina, e a Vigília é presença. A revolta lúcida de Sísifo é de um só diante do rochedo; a luz acesa é de alguém no rio de todos. A parte fina de Jaspers fica para o Estudo XIV.

Questão aberta (cw): a angústia (Kierkegaard, Heidegger), as situações-limite (Jaspers) e Sísifo (Camus) leem-se ao lado de "há escuridões que nenhuma bússola veta" e de "uma luz acesa dentro da noite" (ver 2.7, 2.8), como leituras, com as fronteiras ditas na mesma frase (vertigem da liberdade

× noite não escolhida; naufrágio × presença; revolta lúcida × luz de alguém no rio de todos)? O estudo pergunta ao fundador. Se sim, o capítulo 5 as registra; se não, ficam neste estudo.

Da noite passa-se ao que a casa põe diante dela, a morte (3.7).

3.7 A morte e a vigília

A casa faz da morte o lugar do que ninguém pode delegar; o cânon faz da noite o lugar de uma presença.

Heidegger escreve que "ninguém pode tirar do outro o seu morrer" (§47, p. 240) e que a morte é a possibilidade mais própria, irrelativa e insuperável do *Dasein* (*Ser e tempo*, §52, pp. 258–259), e que a antecipação dela é o ser-para-a-morte (ver 1.6) [V-de; tradução do estudo]. Em Jaspers, a morte é situação-limite (ver 1.6). Levinas e Ricoeur discutem a mesma ideia em direções contrárias (ver 4.2, 4.3).

No cânon, a palavra é "mortos", e é da decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX: os mortos estão na letra do rio como parte dele. "Morte" e "morrer" não ocorrem como termo do cânon, e nada se diz do depois. A Vigília diz a presença: velar é ficar com quem está na noite, sem explicar, sem sair (Tratado da Vigília; decisão n.º 2 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII).

A fronteira não está no Estudo XIII, 4.6, nem em estudo anterior; é deste estudo [hipótese do estudo]. Ela é dupla. Em Heidegger, a morte singulariza e ninguém a toma por outro; na Vigília, a noite não se vence, mas não se atravessa só. E Heidegger antecipa a morte como possibilidade, ao passo que a Vigília não antecipa nada e não anuncia nada. A natalidade (decisão n.º 2 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII) não se reabre aqui.

Questão aberta (cx): o ser-para-a-morte de Heidegger lê-se ao lado de velar na noite, como leitura, com a fronteira dita na mesma frase (a morte como o que ninguém delega × a noite como lugar de uma presença), sem dizer nada do depois? O estudo pergunta ao fundador. Se sim, o capítulo 5 a registra; se não, fica neste estudo.

Da morte passa-se ao que a casa chama de absurdo, e ao rio (3.8).

3.8 O absurdo e o rio

"Absurdo" é palavra da casa em três sentidos; o cânon não a tem, e tem "rio" onde Camus diz a revolta.

Camus escreve que o absurdo nasce do confronto entre o apelo humano e o silêncio desarrazoado do mundo (*O mito de Sísifo*, p. 45; ver 1.7) [V-fr via secundária; tradução do estudo]. Sartre escreve que "é absurdo que tenhamos nascido; é absurdo que morramos" (*O ser e o nada*, Barnes, pp. 479,

547; ver 1.7) [V-en: Barnes; tradução do estudo]. Kierkegaard escreve que Abraão crê "pelo absurdo" (*Temor e tremor*; ver 3.13) [V-da; tradução do estudo]. A palavra não ocorre no cânon.

A Ficha de outubro dizia: "o rio não é indiferente — é a companhia de todos que já atravessaram" [Ficha, não cânon]. A frase tem letra do cânon nos dois termos, mas não a mesma. A indiferença está na Disputatio: a objeção de que a Luz seria indiferente é respondida pela letra (Objeção III); a companhia está no Tratado das Águas Comuns ("Fundamentação"). A conclusão sobre o mundo de Camus é do estudo [leitura do estudo].

O cânon diz o rio pela letra: "ninguém começa do zero" (ver 2.6), "reconhecer-se pequeno no rio, mas parte dele" (Cânon VI.2, "Os Quatro Pilares", II) e "ninguém navega um rio privado" (ver 2.11). A revolta de Camus é uma porta para isso (ver 1.7), com a solidariedade que ele mesmo extrai dela. O *amor fati* é de Nietzsche, e a decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo II o recusa como nome da Luz. O silêncio do mundo, em Camus, e o rio, que é de todos, não se contradizem nem se confundem [hipótese do estudo]. A questão do absurdo e do rio fica reunida em (cy), em 3.9.

Do absurdo e do rio passa-se ao outro, o inferno e a solicitude (3.9).

3.9 O outro: olhar, inferno e solicitude

Sartre diz o outro como olhar e Heidegger como solicitude; o Abrigo tem a letra e o limite.

Sartre põe na boca de Garcin que "o inferno são os outros" (*Entre quatro paredes*, p. 93; ver 1.8, via Longo) [V-fr via secundária: Longo; data a confirmar], e depois corrige a frase: se as relações com o outro são tortas, viciadas, então o outro só pode ser o inferno. O olhar do outro me torna objeto, e o que ele me revela é uma "queda original" (*O ser e o nada*, Barnes, pp. 288–289) [V-en: Barnes; tradução do estudo]. Heidegger escreve que a solicitude tem dois extremos: *einspringen* ("saltar por"), que toma o lugar do outro, e *vorausspringen* ("saltar adiante"), que o devolve a si (§26, p. 122 da edição alemã; ver 1.8) [V-de; tradução do estudo].

O cânon tem a letra do Abrigo e o limite dele. Na decisão n.º 3 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII, o Abrigo revela, não exige; nas n.º 3 e 4 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII (ver 2.10): "O olhar do outro apenas vê", "o Abrigo revela e nada exige", e "O Abrigo não vai até a substituição", com a Bússola como limite. A fronteira com *einspringen* é [leitura do estudo]: o Abrigo não toma o lugar do outro.

Questão aberta (cy): o absurdo e o rio, o inferno e o olhar, a solicitude de Heidegger lêem-se ao lado do Abrigo e da letra do rio (ver 2.10, 2.11), como leitura, com a fronteira dita na mesma frase (o outro que objetiva, o que toma o lugar, o que devolve a si × o Abrigo que revela, nada exige e não substitui)? E o "absurdo" fica sem ponte, porque o cânon não o diz? O estudo pergunta ao fundador. Se sim, o capítulo 5 a registra; se não, fica neste estudo.

Do outro passa-se à esperança e à disponibilidade (3.10).

3.10 Esperar e estar disponível

Marcel e Jaspers dizem a esperança sem promessa; o cânon recusa a esperança como nome da Vigília.

Marcel escreve a esperança no plural: "espero em ti por nós" (*Homo viator*, p. 77; ver 1.11) [V via secundária: Pugeda; edição e localização a confirmar; tradução do estudo], e diz a *disponibilité* ("disponibilidade") em *Position et approches concrètes du mystère ontologique*, p. 87 [V via secundária: Grassi]. Jaspers escreve que "a verdade começa a dois" (*Introdução à filosofia*, p. 94) e que "não existe liberdade isolada" (p. 88; ver 1.8) [V-de; tradução do estudo].

O Tratado da Vigília define, na "Definição": "A Vigília não se chama resistência [...]; nem esperança, que olha para uma manhã que a luz não promete; nem consolo, quando consolar é explicar". O que o cânon recusa ali é o nome, e o resto é [leitura do estudo]. A disponibilidade do cânon é "prontidão interior para o novo" (ver 2.13), homônima da de Marcel, sem ponte. E a luz acesa dentro da noite (ver 2.8) "não precisa do fim para valer" (Tratado da Vigília). A esperança de Marcel fala a um "tu"; a Vigília está com alguém numa noite sem promessa [hipótese do estudo].

Da esperança passa-se ao corpo (3.11).

3.11 O corpo e o instrumento

A casa diz o corpo como o que sou; o cânon diz os recursos como instrumento, e a letra não se toca.

O cânon diz dos recursos que "são seu instrumento" (ver 2.12). O Tratado da Luz Interior: o problema que responde é tratar o recurso "como instrumento, nunca como fim" ("O problema que responde"); o Tratado das Águas Comuns: o dissolvido "vê no rio um instrumento" ("O problema que responde").

Merleau-Ponty escreve que "o corpo é nosso meio geral de ter um mundo" e "eu sou meu corpo" (*Fenomenologia da percepção*, Smith, pp. 145–146 e 197–198; ver 1.9) [V-en; tradução do estudo]. Marcel, lido por Grassi, faz do corpo o tipo do ter (*Ser e ter*, p. 237) [V via secundária: Grassi]. Zaner o lê como "protótipo do ter e da instrumentalidade" (*The Philosophy of Gabriel Marcel*, pp. 320–321; ver 2.12) [V-en via secundária: Grassi, 2008]. Que Marcel recuse "instrumento" é [hipótese do estudo], sem aspas dele: a frase "meu corpo não é meu instrumento" é [tese a confirmar].

A fronteira é [hipótese do estudo]: onde o cânon diz "instrumento", diz-o dos recursos, e a casa diz "corpo" de quem se é; a medição é do Estudo XIV.

Questão aberta (cz): "eu sou meu corpo" (Merleau-Ponty; Marcel, com cautela) lê-se ao lado do Pilar IV, com o homônimo "instrumento" como [hipótese do estudo] (sem aspas de Marcel), e a

disponibilité fica registrada como homônima da Disponibilidade, sem ponte e com a medição no Estudo XIV? O estudo pergunta ao fundador. Se sim, o capítulo 5 a registra; se não, fica neste estudo.

Do corpo passa-se à letra da salvação e do salto (3.12).

3.12 O salto e a revelação

"Revelar" não é revelação religiosa, e o cânon não tem salto.

O Pilar I diz que a luz "se revela", e a Independência confessional diz que "a filosofia não decide isso por ninguém" (Cânon VI.2, "Independência confessional"): o verbo nomeia a luz que se mostra, não um dado de fé. A decisão n.º 9 de 04/11/2026 sobre o Estudo IV diz que o cânon "não tem mestre nem texto revelado"; que isso alcance o verbo do Pilar I é [leitura do estudo].

Kierkegaard conhece o movimento como *Springet* ("o salto"); "salto de fé" não se cita aqui como letra dele [tese a confirmar]. Camus lê o salto dos existentes como "suicídio filosófico" (*O mito de Sísifo*, p. 57; ver I.7) [V-fr; tradução do estudo]. Unamuno escreve "criar, à força de fé" (*Do sentimento trágico da vida*, cap. III) [V-es; tradução do estudo; página a confirmar]. O cânon não tem salto, e a fronteira está no verbo: quem salta vai a algo que não tem; quem revela já tem [leitura do estudo].

Do salto passa-se à pergunta de Moriá (3.13).

3.13 Moriá

Temor e tremor é o texto em que a pergunta de Moriá fica aberta (j).

Kierkegaard pergunta, no Problema I, se há uma suspensão teleológica do ético (*Temor e tremor*, Problema I, SKS 4, 148), e põe o Singular acima do Universal (SKS 4, 155–156) [V-da; paráfrase; localização a confirmar]. Abraão crê "pelo absurdo" (*Temor e tremor*, "Stemning", Marinho p. 271) [V-da via secundária: Marinho; tradução do estudo], e o preceptor (*Rodemester*) aparece no prelúdio dos "Problemata", não como figura da regra do Problema I [paráfrase; localização a confirmar]. Sartre responde com o contraponto: "nada me designa para ser Abraão" (*O existencialismo é um humanismo*, pp. 30–31; ver I.10) [V-fr; tradução do estudo].

O cânon diz: "A Bússola não escolhe os caminhos por ninguém; ela apenas veta os que exigiriam apagar a luz para percorrê-los" (Cânon VI.2, "A Bússola"; ver 2.4), e o veto é a própria Luz, sem voz externa (decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X; ver 2.5).

Questão aberta (j), herdada do Estudo VII, 5.1: "Se o Singular está acima do Universal, como lê *Temor e tremor*, a Bússola vetaria o monte Moriá? A pergunta é sobre essa leitura, não sobre o relato." O estudo pergunta ao fundador se (j) recebe aqui uma leitura, a de que a Bússola "apenas veta os que exigiriam apagar a luz" e o veto é a própria Luz, sem voz externa, ou se segue aberta.

Não decide e não reescreve a pergunta. [Decidida pelo fundador em 06/11/2026 (Estudo V, n.º 9): (j) fica registrada com a leitura do estudo adotada: o veto é a própria Luz, sem voz externa.]

Da pergunta de Moriá passa-se ao que a casa deixou dito (3.14).

3.14 A casa dividida: política e mulheres

O capítulo registra a política e as mulheres como biografia ou obra, sem defender nem acusar.

Heidegger aderiu à política de 1933 [paráfrase; Safranski, página a confirmar]. Sartre ligou-se ao marxismo e, por um período, ao comunismo soviético [paráfrase; localização a confirmar], e a *Crítica da razão dialética* é a porta de Marx; Camus rompeu com ele em 1952 [tese a confirmar]. Kierkegaard escreveu sobre as mulheres de um modo que o estudo apenas anota como biografia [paráfrase; localização a confirmar]. Do outro lado, Beauvoir escreve que "não se nasce mulher: torna-se" (*O segundo sexo*, II, 1.ª parte, cap. I; ver 1.12) [V-fr; V-pt]. É a crítica da casa à própria casa. A fronteira do escravo por natureza e da mulher é da série, não deste estudo (decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI).

Questão aberta (db): o estudo estende o padrão da série (a obra lida, a biografia anotada) ao caso de Heidegger em 1933, de Sartre diante do stalinismo e de Kierkegaard sobre as mulheres, com Beauvoir do lado disputado, sem defender nem acusar ninguém? O estudo pergunta ao fundador. Se sim, os capítulos 1 e 5 o escrevem do mesmo modo; se não, ele indica o ponto.

Questão aberta (g), herdada: a justiça devida ao lobo (decisão n.º 11 de 03/11/2026 sobre o Estudo II; decisão n.º 12 de 04/11/2026 sobre os Estudos III e IV) tem do lado da casa a "medida" de Camus, tirada de *O homem revoltado* [paráfrase], e *A questão da culpa* de Jaspers. A matéria vai ao tratado da justiça, e o estudo não a reabre (ver 6.3).

Questão aberta (k), herdada: a porta para Marx fica registrada em Sartre (*Crítica da razão dialética*), em Camus (*O homem revoltado*) e em Jaspers, que escreve a culpa política e metafísica, "a falta da solidariedade absoluta com o homem como homem" (*A questão da culpa*, p. 64; ver 1.11) [V-de; tradução do estudo]. (k) segue aberta até o estudo de Marx (ver 6.3).

Da casa dividida passa-se à fórmula (3.15).

3.15 A Ficha corrigida e a fórmula

A Ficha de outubro põe cinco frases; a letra do cânon e a dos autores medem cada uma.

"Contra a vida por papéis: a má-fé (Sartre) e o 'a gente' (Heidegger) nomeiam a ferida do Pilar I." "Ferida" é letra do Tratado da Luz Interior, com outro conteúdo: fica leitura, com a fronteira (3.2). "Bússola e autenticidade: não ir aonde eu precisaria me trair." "Autenticidade" é termo da casa; a letra do cânon é "sem me trair" (3.3). "Kierkegaard, a ponte: querer uma só coisa." A ponte é a

Integridade, com o "diante de quem" (3.4). "Invenção vs. revelação: para Sartre a existência precede a essência; para nós a luz precede a existência vivida." A segunda metade não é letra do cânon; a letra é "anterior a qualquer conquista ou circunstância" (3.1). "Absurdo vs. pertencimento: o rio não é indiferente — é a companhia de todos que já atravessaram." A letra do rio é "ninguém começa do zero" (3.8).

Quatro fórmulas competem para (cs), na forma da série ("aceita de X o A e recusa o B", que recusa uma condição de que o valor da pessoa dependeria):

- "aceita a escolha e recusa a invenção";
- "aceita a angústia e recusa o nada";
- "aceita a ferida e recusa a solidão";
- "aceita a pergunta e recusa o salto".

O estudo propõe a primeira: "o Lumen Fluens aceita do existencialismo a escolha e recusa a invenção", com a glosa "a escolha como lugar da pessoa, não como função da Bússola" [leitura do estudo]. As razões são três. A escolha é palavra da casa e também do cânon (Cânon VI.2, "A Arquitetura"; "a decisão é sempre de quem caminha", Catecismo, 24), e a glosa a põe como lugar da pessoa, não como função da Bússola, que só veta. A invenção que o cânon recusa é a condição de o que a pessoa é ou vale depender de ser inventada: "a luz não se acende — ela se revela" (Cânon VI.2, "Os Quatro Pilares", I). E a fronteira muda de forma diante de Kierkegaard, para quem se escolhe diante de Deus, e diante de Camus, que afirma uma natureza humana, mas vale em cheio diante de Sartre.

Caem três. "Recusa o nada" nomearia a Luz por contraste: a decisão n.º 1 de 03/11/2026 sobre o Estudo II trata de "centelha nomeada", e a extensão é [leitura do estudo]; tocaria ainda a n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII. "Aceita a ferida" apaga a fronteira que o capítulo traça (3.2), e "solidão" recusaria uma experiência, não uma condição. "Recusa o salto" desloca o eixo para Kierkegaard e deixa de fora Sartre e Camus.

Questão aberta (cs): a fórmula do Estudo V é "o Lumen Fluens aceita do existencialismo a escolha e recusa a invenção", com a glosa "a escolha como lugar da pessoa, não como função da Bússola", e caem as outras três? A glosa lê a Arquitetura, que chama a Bússola de 'a decisão', e o Catecismo, 24, como uma só letra [leitura do estudo]. O estudo pergunta ao fundador, e só ele fixa a letra. [Decidida pelo fundador em 06/11/2026 (Estudo V, n.º 1): a fórmula está adotada, com a glosa; caem as outras três letras.]

Questão aberta (da): a Ficha V reescrita adota as cinco correções acima, com os toques e as fronteiras no modelo das Fichas I a IV? O estudo pergunta ao fundador. Se sim, o capítulo 5 a escreve; se não, a Ficha de outubro segue como está. [Decidida pelo fundador em 06/11/2026 (Estudo V, n.º 10): a Ficha V reescrita está aprovada, com as cinco correções.]

Do que se separa passa-se ao existencialismo diante das casas da série (capítulo 4).

4. O existencialismo diante das casas da série

Os capítulos 2 e 3 põem o existencialismo diante do cânon; este o põe diante das casas que a série já visitou. Em cada seção diz-se o que o estudo anterior escreveu da casa existencialista, o que a tradição discute e o que o cânon responde, sempre pela seção em que aquele estudo o disse; o que este estudo acrescenta vai marcado. Marcel e Jaspers pertencem ao Estudo XIV e entram só como as casas os leram. As decisões do fundador citam-se pela data, pelo número e pelo estudo, e não se reabrem.

4.1 Hegel e Kierkegaard: contra o sistema

Hegel e Kierkegaard: o sistema é o alvo, e o Estudo VII, 4.5, já o disse.

Sobre os existencialistas Hegel nada diz: morreu em 1831, e o que escreveu serve de alvo. Para o Estudo VII, 4.5, o mais próximo em seu texto é a bela alma da *Fenomenologia do Espírito* (§658), que foge à realidade, e, no Prefácio, "O verdadeiro é o todo" (§20) [V via secundária: Estudo VII, 4.5]. Kierkegaard escreve, pelo pseudônimo Johannes Climacus, que "a) pode-se dar um sistema lógico; b) mas não se pode dar nenhum sistema da existência" (*Pós-escrito conclusivo não científico*, 1846) [V via secundária: Estudo VII, 4.5]; por Anti-Climacus retrata o pensador que ergue um palácio e mora no celeiro ao lado, sem nomear Hegel (*A doença para a morte*, 1849). Sartre aceita "a intuição genial de Hegel" de fazer o eu depender do outro, mas recusa o ponto de vista do Todo, "por princípio impossível" (*O ser e o nada*, 1943) [V via secundária: Estudo VII, 4.5; localização a confirmar].

A segunda frente é a fé. Kierkegaard escreve de Abraão que, "como o Singular, tornou-se mais alto que o Universal" (*Temor e tremor*, Problema I, SKS 4, 159; ver 1.10) [V-da; tradução do estudo], e, do discurso de 1847, que "querer uma só coisa é, portanto, querer o bem sem consideração pela recompensa" (*Discursos edificantes em diversos espíritos*; ver 1.5) [V via secundária: Estudo VII, 5.1].

Para o Estudo VII, os existencialistas são "aliados parciais": o palácio e o celeiro dizem o que a Integridade pede; a objeção ao Todo tem eco em "a luz é pessoal, nunca individual" (Cânon v1.2, "As Águas Comuns"), sem que o rio seja negado; e a bela alma lembra o aviso "uma filosofia que só protege a própria luz vira lamparina de museu" (Cânon v1.2, "O Abrigo").

Moriá é a pergunta do Estudo VII, 5.1: se o Singular está acima do Universal, a Bússola vetaria o monte Moriá, tal como *Temor e tremor* o lê? A pergunta é sobre essa leitura, não sobre o relato; a letra de Kierkegaard está em 1.10 e 3.13. O estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (j)) se (j) recebe aqui uma leitura, pois a Bússola "apenas veta os que exigiriam apagar a luz" (Cânon v1.2, "A Bússola") e o veto é a própria Luz, sem voz externa, ou se segue aberta.

Da casa que o existencialismo tem por alvo passa-se à que o lê de fora (4.2).

4.2 Levinas: contra Heidegger e Sartre

Levinas lê a casa de fora, e o Estudo VIII, 4.2, já a mediu; aqui só se recolhe.

Com Heidegger, Levinas discute o ser; com Sartre, a liberdade. Escreve: "A ontologia como filosofia primeira é uma filosofia do poder" (*Totalidade e Infinito*, p. 33), e "O *Dasein* em Heidegger nunca tem fome" (p. 134) [V via secundária: Estudo VIII, 4.2], sendo o *Dasein* o "ser-aí", o ente que cada um de nós é. De Sartre: "O encontro com o Outro em Sartre ameaça minha liberdade e equivale à queda da minha liberdade sob o olhar de outra liberdade" (p. 303) [V via secundária: Estudo VIII, 4.2; tradução do estudo]. Em 1988, ao lembrar a autenticidade (*Eigentlichkeit*), e a morte própria, na qual "sem mais se dissolvem ou 'saltam' todas as 'relações aos outros'", exclama: "Temível autenticidade! O senhor vê o que eu recusaria" ("O outro, utopia e justiça", *Entre nós*, pp. 289–290) [V via secundária: Estudo VIII, 4.2].

A Bússola, que "apenas veta" (ver 2.4), responde pelo VIII junto com o olhar do outro, que "não a fabrica, mas pode ser o primeiro a vê-la" (decisão n.º 3 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII: a Lux vem antes do Abrigo). O VIII tira disso duas coisas: Heidegger e Sartre falham, para Levinas, em lugares diferentes, e a leitura dele deixa de fora a ferida dos papéis que a Ficha valorizou.

O §26 não é tratado no Estudo VIII, 4.2. Lida ao lado da decisão n.º 4 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII (o Abrigo não vai até a substituição), a solicitude que "salta adiante" (*vorausspringen*, *Ser e tempo*, §26; ver 1.8) é letra do limite que ela fixou, em outra direção [leitura do estudo]. O estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (cy)) se essa leitura vale.

Do outro que ameaça passa-se ao desvio que Ricoeur faz pela casa inteira (4.3).

4.3 Ricoeur: quatro lugares da casa

O Estudo IX, 4.2, leu a casa por Ricoeur em quatro lugares: a promessa, a culpa, a morte e o nada.

De Marcel, Ricoeur guarda a fidelidade aberta ao outro, a que dá o nome de "disponibilidade" (ver 2.13). De Jaspers guarda as situações-limite e a grade das quatro culpas, a criminal, a política, a moral e a "metafísica" (ver 4.13). De Heidegger contesta o fecho, não a análise: a morte é "a possibilidade mais própria, irrelativa, certa" (*Ser e tempo*, §52; ver 1.6). Ricoeur pergunta se não é "numa configuração ética, muito marcada por certo estoicismo, que a resolução diante da morte constitui a prova suprema de autenticidade" (*Tempo e narrativa* III, ed. pt., p. 115), opõe-lhe "uma celebração da vida de preferência a uma preparação para a morte" (p. 436) [V via secundária: Estudo IX, 4.2] e estranha "o silêncio de *Ser e tempo* sobre o fenômeno do nascimento" (*A memória, a história, o esquecimento*, ed. fr., p. 465) [V via secundária: Estudo IX, 4.2; tradução do estudo].

Para o IX, "morte" e "morrer" não ocorrem em texto algum do cânon, dos escritos ou das decisões. O nascimento que Ricoeur opõe à resolução tem vizinhança visível com "ninguém começa do zero"

(ver 2.6), e o IX não completa o que a letra cala; a "celebração da vida" de Ricoeur não é a Celebração Encarnada, o Corpus. A voz da consciência, que o IX, 3.3, mediu em Ricoeur, tem base herdada nas decisões n.º 5 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX (a voz do outro "em mim" é a própria Luz) e n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X (o veto da Bússola é a própria Luz, sem voz externa; ver 2.5); a letra de Heidegger sobre o chamado está em 2.5 e 3.5 (questão (cv)).

Da morte, que o cânon cala, passa-se a Sócrates, que a casa leu por Kierkegaard e Jaspers (4.4).

4.4 Sócrates e Platão: Kierkegaard e Jaspers

Da casa existencialista o Estudo X, 4.4, abriu dois autores que falam de Sócrates, ambos por intérprete.

Kierkegaard, lido por Utterback, aceita de Schleiermacher que Sócrates era o "fundador da dialética", mas qualifica: introduziu só a "dialética negativa", na forma da ironia. Foi Platão quem lhe deu "a Ideia", e Sócrates teve "a ideia da dialética", não "a dialética da Ideia" (*O conceito de ironia*) [V via secundária: Estudo X, 4.4; tradução do estudo]. Jaspers, na resenha de Quigley, põe Sócrates entre "os indivíduos paradigmáticos" e Platão entre "os pensadores seminais, dos quais só há três (Platão, Agostinho e Kant)" (*Os grandes filósofos*) [V via secundária: Estudo X, 4.4; tradução do estudo].

Para o Estudo X, se há um Sócrates na casa existencialista, é o que vive o que diz até o fim, o "indivíduo paradigmático" de Jaspers, e não o autor de uma Ideia. O cânon tem a Bússola ("eu sem a minha luz sou uma mentira"; Cânon v1.2, "A Bússola"; ver 2.2) e a Integridade, a "coerência" entre o dentro e o fora (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", I; ver 2.3). Há um aviso de palavra: não se sabe se "indivíduo paradigmático" é termo de Jaspers ou do resenhista, e no cânon "o indivíduo define-se pelo que o separa" (Cânon v1.2, "As Águas Comuns"). O sinal de Sócrates, por fim, "fica em Platão": a decisão n.º 7 sobre o Estudo X diz que o veto da Bússola é a própria Luz na pessoa, sem voz externa (ver 2.5).

Do Sócrates da casa passa-se ao Aristóteles que Heidegger lê para desmontá-lo (4.5).

4.5 Aristóteles: Heidegger desmonta, Kierkegaard discorda

A casa existencialista não tem um Aristóteles só, diz o Estudo XI, 4.4: Heidegger o lê para desmontá-lo, Kierkegaard para discordar dele, e de Jaspers o XI não recolheu letra.

Aristóteles diz que o tempo é "número do movimento segundo o antes e o depois" (*Física* IV, 11, 219b1–2) [V via secundária: Estudo XI, 4.4; tradução do estudo]. Heidegger escreve que o tratado de Aristóteles sobre o tempo "é a primeira interpretação detalhada desse fenômeno que chegou até nós" (*Ser e tempo*, §6) [V via secundária: Estudo XI, 4.4; tradução do estudo]. Kierkegaard, numa nota do "Interlúdio" das *Migalhas filosóficas*, diz que o erro de Aristóteles "está em começar pelo

princípio de que tudo o que é necessário é possível" [V via secundária: Estudo XI, 4.4; tradução do estudo].

O Estudo XI responde pela Bússola ("eu sem a minha luz sou uma mentira"; ver 2.2). Quanto ao tempo, "número" não ocorre na letra do cânon, e o rio é lido como histórico e não cosmológico (Estudo X, 3.6): a medida do movimento, ponto de partida do tempo comum para Heidegger, não tem palavra correspondente. A decisão n.º 4 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI (a Bússola percebe o particular e veta; o veto não é cego) lê a Bússola ao lado da prudência de Aristóteles.

Da casa que pergunta pelo tempo passa-se à que o confessou (4.6).

4.6 Agostinho: o eu que se tornou problema

O existencialismo é a casa em que Agostinho foi lido como alguém que fala de si, e a letra vem sobretudo de Heidegger (Estudo XII, 4.5).

Agostinho conta, depois da morte do amigo, que se tornara "uma grande questão para mim mesmo" (*Confissões* IV, 4, 9) [V via secundária: Estudo XII, 4.5; página a confirmar], e a fórmula vem adiante: "tornei-me para mim mesmo um problema" (X, 33, 50) [V via secundária: Estudo XII, 4.5; localização a confirmar]. Heidegger leu essa fórmula no curso de verão de 1921; dela vêm o *curare*, o cuidado (*Sorge*), e a perda de si como *deformitas* (deformidade) e *defluxus* (deflúvio) [V via secundária: Santos]. Em *Ser e tempo* (§81, pp. 427–428), cita o livro XI: o tempo "não é outra coisa senão distensão; mas de que coisa, não sei, e será de admirar se não for do próprio espírito" (*Confissões* XI, 26, 33) [V via secundária: Estudo XII, 4.5; tradução do estudo].

Duas decisões de 31/10/2026 sobre o Estudo XII respondem. A n.º 1 aceita de Agostinho o dentro, que é o que se busca e já está lá antes de toda busca, e recusa a exceção, a graça dada a alguns. A n.º 5 põe a *consuetudo*, o hábito que acorrenta, ao lado do "por hábito" do Tratado da Luz Interior ("Objeção provável e resposta breve"). O *curare* de que Heidegger tira o cuidado não é o Portar, "levar consigo, como mensagem, o que a mudança traz" (Catecismo, 14), e o cânon não usa "cuidado" em sentido heideggeriano [leitura do estudo].

Do eu que olha para si mesmo passa-se a quem olha para o outro (4.7).

4.7 Arendt: a filha da casa

Arendt é filha desta casa e não fala dela como estranha (Estudo XIII, 4.6).

De Heidegger ela escreveu aos oitenta anos que ele e Platão, ao entrarem nos assuntos humanos, voltaram-se para tiranos e Führers ("Martin Heidegger faz oitenta anos") [V via secundária: Estudo XIII, 4.6; paráfrase]. A biografia não é doutrina, e o cânon não se lê aqui pela vida de ninguém. Jaspers é a figura oposta: Arendt o diz *humanitas* na *laudatio* e dele tira a mentalidade alargada,

pensar no lugar de todos os outros [V via secundária: Estudo XIII, 4.6; paráfrase; localização a confirmar]; é porta do Estudo XIV.

Três decisões de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII respondem. A n.º 6 diz que a mentalidade alargada cabe na Bússola, cujo caso percebido inclui as perspectivas dos outros, e que o veto continua sem voz externa (ver 2.5). A n.º 2 lê a natalidade ao lado do Flumen e do recém-nascido do Catecismo, como leitura e não como glossário. A n.º 7 faz da irreflexão figura do lobo "com ou sem intenção" (Tratado da Vigília, "Definição"), como leitura, ao lado do Catecismo, 35. A fronteira "ser-para-a-morte × velar com alguém" é deste estudo (ver 3.7) [hipótese do estudo]; o estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (cx)) se a Ficha reescrita a registra.

Do outro passa-se à Stoa (4.8).

4.8 A Stoa: o papel e o destino

O Estudo II, 4.7, lê a Stoa de dentro do cristianismo e de fora dele, e o existencialismo entra por Ricoeur.

Ricoeur lê em Heidegger um certo estoicismo na resolução diante da morte (ver 4.3); a "celebração da vida" que ele opõe é dele, e não da Stoa. A aproximação é do estudo: Epicteto diz que o papel é dado por outro, "interpretar belamente o papel que te é dado — mas escolhê-lo, cabe a outro" (*Encheirídion*, 17) [V via secundária: Estudo II, 1.5; V-pt: Dinucci–Julien], e Sartre analisa o garçom que representa ser garçom (*O ser e o nada*, I, 2; ver 1.4). A distância entre aceitar o papel e fingir ser o papel é [leitura do estudo].

Nietzsche é quem mais separa: o *amor fati* é dele (ver 1.1), e a Stoa diz consentir. O cânon responde pela decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo II: o *amor fati* sai da Ficha, "consentir ao destino" entra, e a fronteira vem no verbo, a Stoa consente, o cânon porta. Segundo o Estudo II, o par de Nietzsche, suportar e amar, não é o do cânon, suportar e portar (Catecismo, 14; ver 4.6).

Do destino passa-se à casa que fala do Nada (4.9).

4.9 O budismo e Heidegger: o Nada e a noite, sem relação

Heidegger é a casa em que a tradição conta um encontro com o Japão, e quase tudo o que se conta vem marcado como tese a confirmar (Estudo I, 4.6).

Nishitani estudou com Heidegger entre 1937 e 1939, e Heidegger "o convidava com frequência à sua casa para aprender sobre o Zen" [V via secundária: Estudo I, 4.6; tradução do estudo]. O budismo responde por dentro, e a resposta é uma disputa: Dōgen diz que estudar a si mesmo é "esquecer-se de si" (*Genjōkōan*) [V via secundária: Estudo I, 4.6; tradução do estudo], e o budismo crítico de Hakamaya e Matsumoto nega que a escola de Kyoto seja budismo.

O único "vazio" doutrinal da letra do cânon é o que o Tratado da Luz Interior recusa, "vazio que precisa ser preenchido" ("Definição"), e a letra não o liga ao Nada de Kyoto (Estudo I, 4.6). O Nada de Heidegger e a noite do Tratado da Vigília, "o mal que ninguém causou" ("Definição"), também não têm relação na letra, e o estudo não as aproxima. Pela decisão n.º 6 de 03/11/2026 sobre o Estudo I, "o cânon não diz que a vida é sofrer; diz que há noite"; pela n.º 3 da mesma data, "a Lux é de alguém".

Do Zen passa-se ao cristianismo (4.10).

4.10 O cristianismo: Kierkegaard, apontado

Do existencialismo o Estudo III, 4.10, traz Kierkegaard e Dostoiévski; Marcel e Jaspers, que ele nomeou para o Estudo V, pertencem agora ao Estudo XIV.

Kierkegaard dá o pecado como relação: "diante de Deus, em desespero não querer ser si mesmo" (*A doença para a morte*, II, SKS 11, 191; ver 1.4) [V-da; tradução do estudo]; e põe a fé acima do ético em Moriá, cujo silêncio no cânon o III registrou (ver 4.1).

Ao pecado o cânon responde com a decisão n.º 8 de 04/11/2026 sobre o Estudo III: em lugar de "pecado" tem a luz encoberta, a noite e o lobo, e "ninguém começa do zero" (ver 2.6) diz rio herdado, não culpa herdada; a luz é de cada um (ver 3.2). A decisão n.º 7 da mesma data fixa que a Bússola "apenas veta" e que o veto é a própria Luz, sem voz externa (ver 2.5). "Angústia" não ocorre no cânon, que tem a noite; os dois homônimos ficam apartados (ver 3.6).

Do cristianismo passa-se ao Vedanta (4.11).

4.11 O Vedanta: o singular e o Si

O Vedanta é casa de que o Estudo IV só abre a porta do existencialismo, e abre-a por dois lados (Estudo IV, 4.9).

Pelo singular e pelo papel: Sartre recusa o ponto de vista do Todo, e Kierkegaard põe o Singular acima do Universal (ver 4.1), enquanto a Ficha V tocou a vida por papéis.

Três decisões de 04/11/2026 sobre o Estudo IV respondem. A n.º 1 aceita do Vedanta a descoberta e recusa a dissolução, diante do *advaita*; a recusa não toca a unidade nem o *Brahman*. A n.º 2 lê "O Si é a sua luz" ao lado de "a luz não se acende — ela se revela" (ver 3.1), com a fronteira dita na mesma frase: a luz do Si é *Brahman* e a Lux é de alguém. Ela foi tomada sobre o Vedanta; que valha para o *Selbst* (o si-mesmo) da casa existencialista, se alguém o aproximar, é [leitura do estudo]: seria estrutura, nunca nome da Luz. A n.º 12 fixa que "atemporal" é letra do cânon, dita da luz interior, e que "eterna" e "imortal" não se dizem da Lux, fora da Antífona, que não é tratada neste estudo.

Do Si passa-se ao Tao (4.12).

4.12 O taoísmo: Heidegger e o Tao, apontados

O taoísmo é do Estudo VI, escrito em paralelo, e esta seção só o aponta.

Os estudos anteriores deixaram dois registros: a Ficha VI tocou o taoísmo no *wu wei* e separou-se em impessoal contra pessoal (Estudo I, 4.8; Estudo IV, 4.9), e o III não traz letra que ponha o taoísmo diante do cristianismo (Estudo III, 4.10).

A aproximação de Heidegger com o Tao, pela *Gelassenheit* (a serenidade, o deixar-ser) e pelo *wu wei*, é do VI; não se cita aqui passagem de Heidegger sobre o Tao [localização a confirmar]. O cânon fica como está: a oposição que ele faz é aberto contra fechado, "pessoal, nunca individual" (Estudo I, 4.8; ver 4.1), e não impessoal contra pessoal [leitura do estudo].

Do Tao passa-se ao mal que a história faz (4.13).

4.13 Marx: a porta de (k)

Marx é casa que a série ainda não visitou, e entra aqui só como porta de (k), o mal estrutural.

(k) segue aberta "até o estudo de Marx" (decisão n.º 11 de 03/11/2026 sobre o Estudo II; decisão n.º 11 de 04/11/2026 sobre os Estudos III e IV); este estudo a registra e não a propõe de novo. Sartre chega pela *Crítica da razão dialética*; na *Questão de método* escreve que o marxismo é "a filosofia insuperável do nosso tempo" (p. 14) [V-fr via secundária; localização a confirmar]. Camus, em *O homem revoltado* (1951), diz que o valor que "preexiste a toda ação" contradiz as filosofias puramente históricas (ver 1.7) [V-fr via secundária; tradução do estudo; página a confirmar]. De Jaspers vêm a culpa política e a "metafísica", na grade que Ricoeur recolhe (ver 4.3).

A Disputatio admite: "subsiste, sim, uma ausência: o cânon não possui hoje um princípio explícito de justiça ou responsabilização" (Disputatio, 4, *ad tertium*). A justiça devida ao lobo, (g), é matéria do tratado da justiça (decisões n.º 11 de 03/11/2026 sobre o Estudo II e n.º 12 de 04/11/2026 sobre os Estudos III e IV). O "não" do homem revoltado não é o veto da Bússola, que é a própria Luz, sem voz externa (decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X; ver 2.5), e "revolta" não é nome da Luz [leitura do estudo].

Da história passa-se à autenticidade como ideal (4.14).

4.14 Taylor: a porta do Estudo XV

Taylor é a porta do Estudo XV e aqui só se aponta.

Ele trata a autenticidade como ideal moral moderno: "O ideal moral por trás da autorrealização é o de ser fiel a si mesmo" (*The Ethics of Authenticity*, "A ética da autenticidade", 1991, p. 15) [V-en; tradução do estudo]. A letra de Heidegger não o apoia como valor: a impropriedade não diz "'ser'

menos" (*Ser e tempo*, §9; ver 1.2). Sartre lê na própria terminologia heideggeriana "uma preocupação ética" (*O ser e o nada*, pp. 651–652 da edição francesa) [V-fr; tradução do estudo]. Taylor lê a palavra como valor, Heidegger a nega como valor, e Sartre a vê como valor contra a vontade do autor [leitura do estudo].

O cânon não tem a palavra. A Integridade é a "coerência" entre o dentro e o fora (Cânon VI.2, "Os Quatro Pilares", I; ver 2.3), e a Bússola pergunta se se pode estar lá "inteiro, sem me trair" (ver 2.2). "Autenticidade" não ocorre no cânon, e Integridade e autenticidade ficam apartadas como homônimos.

Das portas passa-se ao padrão (4.15).

4.15 O padrão

O existencialismo aparece, entre as casas que o capítulo percorreu, em três papéis [leitura do estudo].

Aparece como alvo ou contraponto de uma casa que o lê de fora (4.1 a 4.3, 4.7, 4.8, 4.10), como leitor de uma casa, Heidegger com Aristóteles, Agostinho e o Japão, Kierkegaard e Jaspers com Sócrates (4.4 a 4.6, 4.9), e como porta, onde o estudo da casa só aponta (4.11 a 4.14). Em nenhuma delas a casa existencialista é medida inteira, e em várias o estudo anterior disse o que não trouxe: Heidegger e Sartre diante de Platão (Estudo X, 4.4), Heidegger sobre a *Ética* (Estudo XI, 4.4) [tese a confirmar], Kierkegaard e Marcel sobre Agostinho (Estudo XII, 4.5), Heidegger e a Índia (Estudo IV, 4.9), Kierkegaard, Sartre e Camus sobre a Stoa (Estudo II, 4.7), Levinas e Arendt sobre Kierkegaard (Estudos VIII, 4.2, e XIII, 4.6).

A resposta do cânon repete-se [leitura do estudo]. Onde a casa fala de uma voz que chama, o veto é a própria Luz, sem voz externa (4.3, 4.4, 4.10, 4.13); onde fala de ser, a Lux é de alguém (4.9, 4.11); onde fala de cuidado ou de suportar, o cânon tem o Portar (4.6, 4.8); onde fala de autenticidade, o cânon tem a Integridade (4.14). Duas questões herdadas atravessam o capítulo, Moriá, (j), em 4.1 e 4.10, e o mal estrutural, (k), em 4.13; nenhuma é reaberta aqui.

Do padrão passa-se à Ficha e às prévias (capítulo 5).

5. A Ficha e as prévias: o que a série já disse do existencialismo

Antes de ser escrito, o Estudo V já existia como a Ficha de outubro e como o que onze estudos da série disseram da casa existencialista de passagem. Este capítulo mede os dois e propõe a Ficha reescrita.

5.1 A Ficha de outubro, linha por linha

A Ficha tinha cinco linhas, três toques e duas fronteiras. Cada uma é lida contra a letra e recebe um veredito: confirmada, corrigida ou abandonada [Ficha, não cânon].

O primeiro toque dizia: "Contra a vida por papéis: a má-fé (Sartre) e o 'a gente' (Heidegger) nomeiam a ferida do Pilar I." "Papéis" está no cânon só como título de parte (Cânon v1.2, "PARTE IV — PAPÉIS"), e "ferida" é palavra do Tratado da Luz Interior com outro conteúdo, o de quem mede o valor pelo desempenho; "a ferida do Pilar I" não é frase do cânon. A letra é a luz que "pode estar plenamente presente e, ainda assim, encoberta — por medo, por hábito, por adaptação às expectativas alheias" (Tratado da Luz Interior, "Objeção provável e resposta breve"; ver 2.1). Aproximar a má-fé de Sartre e o "a gente" de Heidegger da luz encoberta é [hipótese do estudo], com a cautela de que Heidegger diz do termo que "não exprime nenhuma avaliação negativa" (*Ser e tempo*, §38; ver 1.4). Veredito: corrigida na letra (a luz encoberta no lugar da ferida do Pilar I) e confirmada como toque; o que está debaixo da ferida é matéria de 3.2.

O segundo toque dizia: "Bússola e autenticidade: não ir aonde eu precisaria me trair." "Autenticidade" e "autêntico" não ocorrem no cânon. A letra é uma pergunta que a Ficha converteu em critério: "Posso estar lá inteiro, sem me trair? Se a resposta é não, não vou" (Cânon v1.2, "A Bússola"; ver 2.2). A palavra é de Heidegger, *Eigentlichkeit*, que Schuback traduz por "propriedade" e que em *Ser e tempo* não é valor moral nem grau de ser: a impropriedade "não diz 'ser' menos" (§9; ver 1.2). A palavra do cânon é Integridade (ver 2.3). Veredito: substância confirmada, porque "sem me trair" é letra; palavra "autenticidade" abandonada, e o toque passa a dizer a pergunta e a Integridade.

O terceiro toque dizia: "Kierkegaard, a ponte: querer uma só coisa." A Ficha acertou a fonte, o discurso de 1847, em que "a pureza de coração é querer uma só coisa" (*SKS* 8, 138; ver 1.5), mas não disse a ponte entre quê. É entre esse querer e a Integridade, e a letra de Kierkegaard põe a fronteira: só o Bem é uno em sua essência, o Bem diante de Deus (ver 1.5). O cânon tem "uma só" em outros lugares, que não equivalem: "a pergunta decisiva é uma só: a luz está lá?" (Cânon v1.2, "A Bússola") e "a única coisa que hoje não pode ficar sem luz" (Cânon v1.2, "Regra de Vida", Manhã; ver 2.3).

Veredito: confirmado como toque, com a palavra “ponte” corrigida e a fronteira “diante de Deus × sem dizer diante de quem” dita na mesma linha [hipótese do estudo] (ver 3.4).

A primeira fronteira dizia: “Invenção vs. revelação: para Sartre a existência precede a essência; para nós a luz precede a existência vivida.” A primeira metade é letra de Sartre: “a existência precede a essência” (ver 1.2), e o verbo é dele: “escolha, isto é, invente” (ver 1.5). A segunda metade não é letra: “existência” não é termo do Pilar I, e “essência” e “inventar” não ocorrem no cânon. A letra é “anterior a qualquer conquista ou circunstância” e “A luz não se acende — ela se revela” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Princípio”; ver 3.1). O cânon não diz que a existência precede a essência nem o contrário: diz que a luz é anterior a qualquer conquista ou circunstância [leitura do estudo]. A luz é de alguém (decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo I). Veredito: fronteira confirmada, frase abandonada; fica “inventar-se × revelar-se”, que é de Sartre, não de toda a casa: Camus supõe um valor que “preexiste a toda ação” (ver 1.7).

A segunda fronteira dizia: “Absurdo vs. pertencimento: o rio não é indiferente — é a companhia de todos que já atravessaram.” Não é letra. “Absurdo” não ocorre no cânon; é de Camus (ver 1.7), embora Sartre também escreva “absurdo” da escolha livre e da morte (*O ser e o nada*, trad. Barnes, pp. 479 e 547) [V-en: Barnes; tradução do estudo]. “Indiferença” aparece uma vez, na Disputatio, e é da Misericórdia; “companhia” aparece uma vez, no Tratado das Águas Comuns, e é do dois-em-um do pensar; nunca do rio (ver 3.8). A letra vizinha é outra: “Ninguém começa do zero” (ver 2.6). Veredito: abandonada a frase; fica a fronteira, com a letra do Flumen no lugar.

Faltava à Ficha o que o Estudo VIII (4.2) apontou como flanco descoberto, o outro e o corpo, e faltavam Jaspers, Marcel, Camus e Beauvoir; Marcel e Jaspers vão ao Estudo XIV. Da Ficha passa-se às decisões que já mandaram matéria (5.2).

5.2 As decisões que mandaram matéria

Decisões do fundador anteriores a este estudo já mandaram matéria para ele; valem como palavra dele e não se reabrem.

A decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo II tirou o *amor fati* da Ficha do Estoicismo e pôs “consentir ao destino”: a Stoa consente, o cânon porta. O *amor fati* é de Nietzsche (ver 1.1).

Sobre o Abrigo e a Bússola pesam seis. A decisão n.º 4 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII fixa que o Abrigo não vai até a substituição, e a n.º 5 de 19/10/2026 sobre o mesmo Estudo, que “a assimetria é de posição, não de valor”. A letra de Heidegger toca, em outra direção, o que a n.º 4 fixou: a solicitude que “salta adiante” em vez de “saltar em seu lugar” (§26; ver 1.8). A aproximação é [leitura do estudo] (ver 6.3, questão (cy)).

A decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X fixa que o veto é a própria Luz, sem voz externa; a n.º 4 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI, que a Bússola percebe o particular; a n.º 6 de 31/10/2026 sobre

o Estudo XIII, que o caso inclui as perspectivas dos outros; a n.º 7 de 04/11/2026 sobre o Estudo III registra a fronteira com a consciência como voz de Deus. Diante delas o chamado de Heidegger (§57; ver 1.5) se lê ao lado do veto, com a fronteira de que ele chama ao poder-ser e à culpa e a Bússola só veta [hipótese do estudo] (ver 6.3, questão (cv)).

As decisões n.º 4 e n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII fixam a margem como "estar consigo" e a irreflexão como figura do lobo "sem intenção", com o Examinar como o que ela dispensa; a n.º 5 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII já dissera que "a irreflexão não é noite". Aproximar o "a gente" da irreflexão é [hipótese do estudo], com a cautela de que a luz encoberta pelo "a gente" é do próprio e o lobo é quem fere.

A Vigília recebe quatro [leitura do estudo]: "presença, não vitória", sem que a noite seja prova (decisão n.º 7 de 03/11/2026 sobre o Estudo II); "o cânon não diz que a vida é sofrer; diz que há noite" (decisão n.º 6 de 03/11/2026 sobre o Estudo I); no lugar de "pecado", a luz encoberta, a noite e o lobo (decisão n.º 8 de 04/11/2026 sobre o Estudo III); e "atemporal" é letra, ao passo que "eterna" e "imortal" não se dizem da Lux, fora da Antífona, que não é tratada neste estudo (decisão n.º 12 de 04/11/2026 sobre o Estudo IV).

A decisão n.º 11 de 03/11/2026 sobre o Estudo II e as n.º 11 de 04/11/2026 sobre os Estudos III e IV estenderam o padrão das fronteiras fixadas para os clássicos à Stoa, ao cristianismo e ao Vedanta; com a n.º 12 de 04/11/2026 sobre os Estudos III e IV, deixaram (g), (j) e (k) como estavam: (g) até o tratado da justiça, (k) até o estudo de Marx, (j) sem decisão. O estudo pergunta ao fundador (ver 6.3, questão (db)) se o padrão alcança também esta casa. Das decisões passa-se ao que os outros estudos já disseram (5.3).

5.3 O que os outros estudos já disseram

Cada estudo anterior tocou a casa por uma porta; diz-se o que disse e o que este estudo confirma ou corrige.

O Estudo VII (4.5 e 5.1) leu Kierkegaard no palácio e no celeiro, com o Pós-escrito ("a) pode-se dar um sistema lógico; b) mas não se pode dar nenhum sistema da existência") [V via secundária: Estudo VII, 4.5], pôs "querer uma só coisa" ao lado da Lux e do Examinar e deixou Moriá em (j). Disse também que Sartre rejeita o *Mitsein* [V via secundária: Alves]; o *Mitsein* e a solicitude são letra de Heidegger (§26; ver 1.8), de modo que a rejeição não vale pela casa toda [leitura do estudo].

O Estudo VIII (4.2) deu Levinas contra Heidegger e Sartre, com o grito "Temível autenticidade!" (ver 4.2), e o estudo não refaz a leitura. O IX (4.2) deu Ricoeur lendo a casa em quatro lugares, a promessa, a culpa, a morte e o nada, e declarou o homônimo da disponibilidade (4.2 e 5.5), que este estudo mantém (ver 2.13). O IX (4.2) escreve que "a ficha já disse que a luz precede a existência vivida": a frase é da Ficha, não letra (ver 5.1).

O X (4.4) abriu Kierkegaard e Jaspers diante de Sócrates, ambos por intérprete, e o XI (4.4) Heidegger lendo a *Física* e Kierkegaard lendo Aristóteles. O XII (4.5) pôs Heidegger em 1921 e leu as *duae voluntates* ao lado de "querer uma só coisa", hipótese do XII que este estudo registra. O XIII (4.6) fez de Arendt filha da casa e ligou o "a gente" ao "social" dela como hipótese por confirmar; a seção não contém o contraste natalidade × ser-para-a-morte (ver 3.7). Do lado de Heidegger o que há é Ricoeur estranhando "o silêncio de *Ser e tempo* sobre o fenômeno do nascimento" (ver 4.3) [V-fr via secundária: Estudo IX, 4.2]; a fronteira entre o morrer "cada vez meu" e o velar com alguém é deste estudo [hipótese do estudo].

O Estudo I (4.6 e 4.8) disse que Heidegger e o Nada de Kyoto pertencem ao V e que nenhum intérprete nomeado aproxima a angústia do *dukkha*; o II (4.7) deixou a dívida de letra de Kierkegaard, Sartre e Camus sobre a Stoa, que o capítulo 4 recolhe; o III (4.10) disse que o V abriria o existencialismo "com Marcel e Jaspers", e as decisões de 23/10 e 31/10 os levam ao XIV, o que o estudo registra sem corrigir; o IV (4.9) chegou à casa "pelo singular e pelo papel". Do que a série disse passa-se à Ficha reescrita (5.4).

5.4 A Ficha reescrita: aprovada pelo fundador

A letra abaixo foi proposta ao fundador na versão 1.0 e aprovada em 6 de novembro de 2026 (decisão n.º 10 de 6 de novembro sobre o Estudo V); substitui a Ficha de outubro. Na versão 1.0 dizia-se: era proposta, não decisão (ver 6.3, questão (da)); a forma é a da Ficha IV reescrita: toques e fronteiras, uma linha cada, com a remissão ao capítulo que a sustenta.

Nenhuma linha da Ficha V foi acrescentada por decisão do fundador: cada linha é hipótese do estudo (leitura, na solicitude), e a decisão de outro estudo que fixa a matéria vem citada na linha. A letra do cânon entra no lugar de "autenticidade", "a ferida do Pilar I" e "o rio não é indiferente".

> *Toques — proposta*
>
> - A luz encoberta e o "a gente": Heidegger (§27) e Sartre, a má-fé (ver 1.4), ao lado da luz "encoberta — por medo, por hábito, por adaptação às expectativas alheias" (Tratado da Luz Interior; ver 2.1) [hipótese do estudo].
>
> - Querer uma só coisa e a Integridade: "a pureza de coração é querer uma só coisa" (Kierkegaard; ver 1.5) ao lado da Integridade (ver 2.3); fronteira: diante de Deus × sem dizer diante de quem [hipótese do estudo].
>
> - Escolher-se e "sem me trair": "escolhe a si mesmo, ou melhor, recebe a si mesmo" (Kierkegaard; ver 1.5) ao lado de "Posso estar lá inteiro, sem me trair?" (ver 2.2); "escolha" é homônimo (ver 3.3) [hipótese do estudo].

- O chamado e o veto: “vem de mim e, no entanto, sobre mim” (Heidegger, §57; ver 1.5) ao lado do veto “sem voz externa” (decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X; ver 2.5) [hipótese do estudo].

- O estar-lançado e a circunstância: a *Geworfenheit* de Heidegger (ver 2.6) e “eu sou eu e a minha circunstância” (Ortega; ver 1.5) ao lado de “Ninguém começa do zero” (Pilar II; ver 2.6) [hipótese do estudo].

- Situações-limite e Sísifo: Jaspers (ver 1.6 e Estudo XIV) e Camus (ver 1.7) ao lado de “uma luz acesa dentro da noite” (decisão n.º 2 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII; ver 2.8) [hipótese do estudo].

- A solicitude que salta adiante e o Abrigo: *vorausspringen*, “saltar adiante” (Heidegger, §26; ver 1.8), ao lado do Abrigo, que “não vai até a substituição” (decisão n.º 4 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII; ver 2.10) [leitura do estudo].

- O corpo vivido e o Corpus: “O corpo é o nosso meio geral de ter um mundo” (Merleau-Ponty; ver 1.9) ao lado de “o corpo, o lugar, o ritmo [...] são seu instrumento” (Pilar IV; ver 2.12) [hipótese do estudo].

>

Fronteiras — proposta

>

- Inventar-se × revelar-se: “aquilo que faz de si” (Sartre; ver 1.2) × “A luz não se acende — ela se revela” (ver 3.1); com Kierkegaard e Camus a fronteira muda de forma (ver 3.15) [hipótese do estudo].

- O que está debaixo da ferida: o poder-ser (Heidegger) e a liberdade sem natureza (Sartre) × “a Lux é de alguém” (decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo I; ver 3.2) [hipótese do estudo].

- A escolha no centro × a Bússola que só veta: a escolha, lugar da pessoa (ver 3.3); a Bússola “não escolhe os caminhos por ninguém” e “a decisão é sempre de quem caminha” (Catecismo, 24; ver 2.4) [hipótese do estudo].

- A angústia × a noite não escolhida: “a vertigem da liberdade” (Kierkegaard; ver 1.3) e a angústia de Heidegger × “o mal que ninguém causou” (A Vigília; ver 2.7); “angústia” não é palavra do cânon [hipótese do estudo].

- A morte “cada vez minha” × velar com alguém: “Ninguém pode tirar do outro o seu morrer” (Heidegger, §47; ver 1.6) × “Velar não é vigiar nem esperar” (Tratado da Vigília); o cânon nada diz do depois [hipótese do estudo].

> - O absurdo × o rio: "o silêncio desarrazoado do mundo" (Camus; ver 1.7), "o inferno são os outros" (Sartre; ver 1.8) × "Ninguém navega um rio privado" (ver 2.11), o Abrigo que "nada exige" (ver 2.10) [hipótese do estudo].

> - O pecado × a luz encoberta: o desespero "diante de Deus" (Kierkegaard; ver 1.4) × a luz encoberta, a noite e o lobo em lugar de "pecado" (decisão n.º 8 de 04/11/2026 sobre o Estudo III) [hipótese do estudo].

> - Beauvoir, na disputa: "torna-se mulher" (ver 1.12) × "nenhuma pessoa está fora da Lux" (decisão n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII); Heidegger em 1933, Sartre e o stalinismo, Kierkegaard sobre a mulher: biografia, não doutrina [hipótese do estudo].

A primeira fronteira é a que a fórmula do estudo (3.15) resume: o Lumen Fluens aceita do existencialismo a escolha e recusa a invenção, a escolha como lugar da pessoa, não como função da Bússola. O fundador aprovou a fórmula e a Ficha (decisões n.º 1 e n.º 10 de 6 de novembro sobre o Estudo V).

A proposta não dá nome à Lux: Kierkegaard crê, Sartre dispensa Deus, Heidegger e Jaspers não decidem, e "A filosofia não decide isso por ninguém" (Cânon v1.2, "Independência confessional"), o que, pela letra, não faz do cânon teísta, ateu nem agnóstico [leitura do estudo]. Marcel (mistério, *disponibilité*, esperança) e Jaspers (comunicação, cifras, fé filosófica) ficam registrados, com a medição no Estudo XIV; a *disponibilité* é homônimo da Disponibilidade do Pilar III. Moriá segue em (j), a pergunta do Estudo VII, 5.1, sem decisão (ver 3.13). Da proposta passa-se à síntese e às perguntas ao fundador (capítulo 6).

6. Síntese, fórmula e questões abertas

6.1 O que o estudo encontrou

O capítulo reúne o que os cinco anteriores mostraram e o põe diante do fundador. O estudo partiu de uma Ficha de cinco frases e de uma tese — o existencialismo e o cânon descrevem a mesma ferida, a vida por papéis, e divergem no que está debaixo dela e no que a cura — e chegou a oito fronteiras — a da invenção, a do fundo da ferida, a da escolha, a da noite, a da morte, a do outro, a do pecado e a da casa dividida — e a oito toques, dos quais a Ficha tinha três (5.4) [leitura do estudo].

A ferida comum é a primeira coisa que o estudo encontrou, e é a aproximação mais estreita que o estudo encontrou entre as duas casas. "Cada um é o outro e ninguém é ele mesmo" (*Ser e tempo*, §27; ver 1.4) e a luz "encoberta — por medo, por hábito, por adaptação às expectativas alheias" (Tratado da Luz Interior, "Objeção provável e resposta breve") dizem o mesmo lugar da vida em duas casas (2.1). O garçom que "joga a ser garçom" (*O ser e o nada*, I, 2; ver 1.4) e "eu sem a minha luz sou uma mentira" (Cânon VI.2, "A Bússola") descrevem a mesma mentira (2.2); "a pureza de coração é querer uma só coisa" (Kierkegaard, SKS 8, 138; ver 1.5) e a Integridade pedem o mesmo (2.3). A casa descreve em páginas, com a estrutura e a cena, o que o cânon chama encobrimento [leitura do estudo].

A segunda coisa é que a ferida comum tem fundos diferentes. O que "a gente" encobre, em Heidegger, é o poder-ser próprio; o que a má-fé encobre, em Sartre, é uma liberdade sem natureza; o que o cânon diz encoberto é uma luz, e a luz é de alguém (decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo I). Kierkegaard põe outro fundo ainda: o desespero "diante de Deus" é pecado (*A doença para a morte*, II, SKS 11, 191; ver 1.4), e o cânon, no lugar de "pecado", diz a luz encoberta, a noite e o lobo (decisão n.º 8 de 04/11/2026 sobre o Estudo III) (3.2) [leitura do estudo].

A terceira coisa é a escolha. Na casa, a escolha faz ou recebe o si mesmo — "escolhe a si mesmo, ou melhor, recebe a si mesmo" (*Ou–ou*, II, SKS 3, 172–173; ver 1.5); "escolhendo-me, escolho o homem" (*O existencialismo é um humanismo*, p. 27; ver 1.5). No cânon, a Bússola "não escolhe os caminhos por ninguém; apenas veta os que exigiriam apagar a luz para percorrê-los. A decisão é sempre de quem caminha" (Catecismo, 24). A palavra é das duas casas e a função não é a mesma: a escolha é lugar da pessoa, não função da Bússola, e o veto pressupõe que a luz já está lá (3.3) [leitura do estudo].

A quarta é a noite. A angústia é, em Kierkegaard, "a vertigem da liberdade" (*O conceito de angústia*, SKS 4, 365–366; ver 1.3) e, em Heidegger, angústia diante do ser-no-mundo como tal (*Ser e tempo*, §40; ver 1.3); as situações-limite de Jaspers e Sísifo feliz ficam ao lado de "há escuridões que nenhuma bússola veta" e de "uma luz acesa dentro da noite, que não precisa do fim para valer" (decisão n.º 2 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII) (2.7, 2.8). A fronteira é que a casa descreve uma

noite que a liberdade abre, e o cânon uma noite que ninguém escolheu: "o mal que ninguém causou" (Cânon VI.2, "A Vigília"). "Angústia" não é palavra do cânon (3.6) [leitura do estudo].

Das quatro fronteiras restantes, a Ficha tinha uma, a do outro, na forma "absurdo × pertencimento", corrigida em 5.1; a morte, o pecado e a casa dividida ela não tinha. "Ninguém pode tirar do outro o seu morrer" (*Ser e tempo*, §47; ver I.6): a morte, em Heidegger, singulariza; a Vigília diz que a noite não se vence, mas não se atravessa só, e o cânon nada diz do depois (3.7).

"O inferno são os outros" (*Entre quatro paredes*; ver I.8) e "o silêncio desarrazoado do mundo" (*O mito de Sísifo*, p. 45; ver I.7) ficam diante de "Ninguém navega um rio privado" (Cânon VI.2, "As Águas Comuns") e do Abrigo que "revela e nada exige" e "não vai até a substituição" (decisões n.º 3 e n.º 4 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII); a solicitude que "salta adiante" (*Ser e tempo*, §26; ver I.8) é a letra da casa mais próxima desse limite (3.8, 3.9). O pecado e a luz encoberta já se disseram (3.2). E a casa dividida — Heidegger em 1933, Sartre e o stalinismo, Kierkegaard sobre a mulher — fica como biografia, não doutrina, com Beauvoir do lado da disputa: "Ninguém nasce mulher: torna-se mulher" (*O segundo sexo*, II, 1.ª parte, cap. I; ver I.12) (3.14) [leitura do estudo].

O que o estudo encontrou de inesperado foi que a casa não é uma. A Ficha dizia "para Sartre" e "para nós", e acertou o nome: a fronteira da invenção vale em cheio diante de Sartre, muda de forma diante de Kierkegaard, para quem o eu recebe a si mesmo, e diante de Camus, que afirma uma natureza humana (*O homem revoltado*; ver I.2). A casa tem quem diga que o homem se inventa e quem diga que ele se recebe; o estudo diz de qual fala, em cada linha (1.2, 3.1, 3.15) [leitura do estudo].

Cinco correções à Ficha de outubro ficaram ditas como correção (3.15, 5.1): "a ferida do Pilar I" não é frase do cânon, e a letra do encobrimento é a do Tratado; "autenticidade" não ocorre no cânon, e a letra é "sem me trair" e Integridade; "a ponte" é entre "querer uma só coisa" e a Integridade, com o "diante de quem"; "a luz precede a existência vivida" não é letra, e a letra é "anterior a qualquer conquista ou circunstância"; "o rio não é indiferente — é a companhia de todos que já atravessaram" não é letra, e a letra vizinha é "Ninguém começa do zero".

6.2 A fórmula

A série dá a cada casa uma fórmula de duas metades: o que o Lumen Fluens aceita dela e o que recusa. O estudo propôs, e o fundador a adotou (decisão n.º 1 de 6 de novembro sobre o Estudo V): **o Lumen Fluens aceita do existencialismo a escolha e recusa a invenção** (3.15).

A escolha entra como lugar da pessoa — "a decisão é sempre de quem caminha" (Catecismo, 24) —, não como função da Bússola, que só veta; a palavra é da casa e também do cânon, e o estudo declara o homônimo (3.3). A invenção recusada é a condição de que o que a pessoa é, ou vale, dependa de ser inventado — "a existência precede a essência"; "escolha, isto é, invente" (*O existencialismo é um*

humanismo, pp. 17 e 46; ver 1.2, 1.5) —, e não a liberdade nem a responsabilidade, que ficam com a casa; a letra do cânon do outro lado é "a luz não se acende — ela se revela" (Cânon VI.2, "Os Quatro Pilares", I). A fórmula vale em cheio para Sartre e, por ele, para a casa; diante de Kierkegaard e de Camus, a fronteira muda de forma, e o estudo o diz na mesma frase [leitura do estudo].

Três candidatas caem, com a razão em uma frase cada. "Aceita a angústia e recusa o nada": "o nada" nomearia a Luz por contraste, a razão que a decisão n.º 1 de 03/11/2026 sobre o Estudo II deu para "a centelha nomeada", e estendê-la à casa é [hipótese do estudo]; tocaria ainda a n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII. "Aceita a ferida e recusa a solidão": a ferida é comum às duas casas e a fórmula apagaria a fronteira de 3.2; "solidão" recusaria uma experiência, não uma condição. "Aceita a pergunta e recusa o salto": desloca o eixo para Kierkegaard e deixa de fora Sartre e Camus. A glosa da fórmula lê a Arquitetura, que chama a Bússola de "a decisão", e o Catecismo, que diz "a decisão é sempre de quem caminha", como uma só letra — a Bússola decide onde não ir; quem caminha decide ir —; que essa seja a leitura certa é [leitura do estudo], e ela vai dentro da pergunta (cs).

6.3 Questões abertas

As perguntas deste estudo vão de (cs) a (db) e precedem as do Estudo VI, escrito em paralelo, que vão de (dc) a (dl). As herdadas (g), (j) e (k) vêm pelo nome. Nenhuma reabre decisão tomada; toda extensão de decisão à casa é hipótese ou leitura do estudo; todas são do estudo, e só o fundador decide.

(cs) A fórmula. O estudo propõe "o Lumen Fluens aceita do existencialismo a escolha e recusa a invenção", com a glosa "a escolha como lugar da pessoa, não como função da Bússola", e registra as três letras que caíram. A glosa lê a Arquitetura ("a decisão") e o Catecismo, 24 ("a decisão é sempre de quem caminha") como uma só letra, e que essa seja a leitura certa é [leitura do estudo]. O fundador adota, emenda ou fixa outra glosa? (3.3, 3.15, 6.2) [Decidida pelo fundador em 06/11/2026 (Estudo V, n.º 1): a fórmula está adotada; a escolha entra como lugar da pessoa, não como função da Bússola, e a glosa lê a Arquitetura e o Catecismo, 24, como uma só letra; a invenção recusada é a condição, não a liberdade; caem as outras três letras.]

(ct) "A gente", a má-fé e a luz encoberta. "A gente" e a má-fé leem-se ao lado da luz encoberta "por adaptação às expectativas alheias", como leitura, com a fronteira dita na mesma frase — o que se encobre: em Heidegger, o poder-ser; em Sartre, a liberdade; no cânon, uma luz de alguém? E a Ficha reescrita troca "a ferida do Pilar I" pela letra do Tratado da Luz Interior, com o desespero como pecado diante de Deus × a luz encoberta como fronteira? (2.1, 2.2, 3.2) [Decidida pelo fundador em 06/11/2026 (Estudo V, n.º 2): como leitura, com a fronteira na mesma frase (o que se encobre: em Heidegger, o poder-ser; em Sartre, a liberdade; no cânon, uma luz de alguém); a Ficha troca "a ferida do Pilar I" pela letra do Tratado da Luz Interior.]

(cu) Querer uma só coisa. "Querer uma só coisa" lê-se ao lado da Integridade e do "vive dividido" (Catecismo, 8), como leitura, com a fronteira dita na mesma frase — o Bem diante de Deus × a Integridade, que não diz diante de quem? E "a pergunta decisiva é uma só" e "a única coisa que hoje não pode ficar sem luz" ficam declaradas homônimas, sem ponte? (2.3, 3.4) [Decidida pelo fundador em 06/11/2026 (Estudo V, n.º 3): como leitura, com a fronteira — o Bem diante de Deus × a Integridade, que não diz diante de quem; as duas frases da pergunta decisiva ficam homônimas, sem ponte; saem "a ponte" e "autenticidade".]

(cv) A voz da consciência e o veto. A voz da consciência de Heidegger (§§54–60) lê-se ao lado do veto da Bússola, como leitura, com a fronteira dita na mesma frase — chama ao poder-ser e à culpa × só veta —, sem reabrir a decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X nem a n.º 7 de 04/11/2026 sobre o Estudo III? (2.5, 3.5) [Decidida pelo fundador em 06/11/2026 (Estudo V, n.º 4): como leitura, com a fronteira — chama ao poder-ser e à culpa × só veta —, sem reabrir a n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X nem a n.º 7 de 04/11/2026 sobre o Estudo III.]

(cw) A noite. A angústia (Kierkegaard, Heidegger), as situações-limite (Jaspers) e Sísifo (Camus) leem-se ao lado de "há escuridões que nenhuma bússola veta" e de "uma luz acesa dentro da noite", como leituras, com as fronteiras ditas na mesma frase — vertigem da liberdade × noite não escolhida; naufrágio × presença; revolta lúcida × luz de alguém no rio de todos? A parte de Jaspers mede-se no Estudo XIV. (2.7, 2.8, 3.6) [Decidida pelo fundador em 06/11/2026 (Estudo V, n.º 5): como leituras, com as fronteiras na mesma frase — vertigem da liberdade × noite não escolhida; naufrágio × presença; revolta lúcida × luz de alguém no rio de todos; "angústia" não é palavra do cânon; Jaspers mede-se no Estudo XIV.]

(cx) A morte e a vigília. O ser-para-a-morte de Heidegger lê-se ao lado de velar na noite, como leitura, com a fronteira dita na mesma frase — a morte como o que ninguém delega × a noite como lugar de uma presença —, sem dizer nada do depois? A fronteira é deste estudo; o Estudo XIII, 4.6, não a tem, e a natalidade não se reabre. (3.7) [Decidida pelo fundador em 06/11/2026 (Estudo V, n.º 6): como leitura, com a fronteira — a morte como o que ninguém delega × a noite como lugar de uma presença —, sem dizer nada do depois; a fronteira é deste estudo e a natalidade não se reabre.]

(cy) Os outros. O absurdo e o rio, o inferno e o olhar, a solicitude de Heidegger leem-se ao lado do Abrigo e da letra do rio, como leitura, com a fronteira dita na mesma frase — o outro que objetiva, o que toma o lugar, o que devolve a si × o Abrigo que revela, nada exige e não substitui? E o "absurdo" fica sem ponte, porque o cânon não o diz? A solicitude que "salta adiante" (§26) é letra de Heidegger lida ao lado da decisão n.º 4 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII, não matéria dela. (2.9, 2.10, 2.11, 3.8, 3.9) [Decidida pelo fundador em 06/11/2026 (Estudo V, n.º 7): como leitura, com a fronteira — o outro que objetiva, o que toma o lugar, o que devolve a si × o Abrigo que revela e nada exige; "absurdo" sem ponte; entram "Ninguém começa do zero" e "Ninguém navega um rio privado".]

(cz) O corpo. "Eu sou meu corpo" (Merleau-Ponty; Marcel, com cautela) lê-se ao lado do Pilar IV, com o homônimo "instrumento" como hipótese do estudo e sem aspas de Marcel, e a *disponibilité* fica registrada como homônima da Disponibilidade, sem ponte e com a medição no Estudo XIV? (2.12, 2.13, 3.10, 3.11) [Decidida pelo fundador em 06/11/2026 (Estudo V, n.º 8): lê-se ao lado do Pilar IV, com "instrumento" como hipótese do estudo e sem aspas de Marcel; a *disponibilité* fica homônima da Disponibilidade, sem ponte, e se mede no Estudo XIV.]

(da) A Ficha reescrita. O estudo propõe, em 5.4, oito toques e oito fronteiras, com as cinco correções e as entradas que a Ficha não tinha — o chamado e o veto, o estar-lançado, a noite, a solicitude, o corpo, a morte, o pecado, Beauvoir —; o fundador aprova, emenda ou mantém a Ficha de outubro ao lado do estudo? (3.15, 5.4) [Decidida pelo fundador em 06/11/2026 (Estudo V, n.º 10): a Ficha reescrita está aprovada como proposta em 5.4 — oito toques e oito fronteiras, com as cinco correções e as entradas novas; substitui a Ficha de outubro na página dos estudos do site.]

(db) A casa dividida. O estudo estende o padrão da série — a obra lida, a biografia anotada (decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI; n.º 11 de 03/11/2026 sobre o Estudo II; n.º 11 de 04/11/2026 sobre o Estudo III; n.º 11 de 04/11/2026 sobre o Estudo IV) — ao caso de Heidegger em 1933, de Sartre diante do stalinismo e de Kierkegaard sobre as mulheres, com Beauvoir do lado disputado, sem defender nem acusar ninguém? Aqui o padrão muda de lado, porque a casa escreveu a crítica. (1.12, 2.14, 3.14) [Decidida pelo fundador em 06/11/2026 (Estudo V, n.º 11): o padrão estende-se ao existencialismo: Heidegger em 1933, Sartre e o stalinismo e Kierkegaard sobre as mulheres ficam como biografia, sem defender nem acusar; Beauvoir fica do lado da disputa, ao lado de "nenhuma pessoa está fora da Lux".]

(g) A justiça devida ao lobo. A "medida" de Camus, em *O homem revoltado*, e *A questão da culpa*, de Jaspers, juntam-se ao que os Estudos II, III e IV já puseram como matéria do tratado da justiça (decisão n.º 11 de 03/11/2026 sobre o Estudo II; n.º 12 de 04/11/2026 sobre o Estudo III; n.º 12 de 04/11/2026 sobre o Estudo IV); registra-se, sem decidir, e (g) segue aberta até o tratado. (3.14) [Registrada pelo fundador em 06/11/2026 (Estudo V, n.º 12): a "medida" de Camus e *A questão da culpa* entram como matéria do tratado da justiça; (g) segue aberta até o tratado.]

(j) Moriá. A pergunta é a do Estudo VII, 5.1: "Se o Singular está acima do Universal, como lê *Temor e tremor*, a Bússola vetaria o monte Moriá? A pergunta é sobre essa leitura, não sobre o relato." Aqui a letra é *Temor e tremor* — a suspensão teleológica da ética, "creu pelo absurdo" [V-pt: Marinho], o cavaleiro da fé (3.13) —, e o estudo pergunta ao fundador se (j) recebe aqui uma leitura, a de que a Bússola "apenas veta os que exigiriam apagar a luz" e o veto é a própria Luz, sem voz externa, ou se segue aberta. O estudo não decide e não reescreve a pergunta. (3.13, 4.1, 4.10) [Decidida pelo fundador em 06/11/2026 (Estudo V, n.º 9): a pergunta não é reescrita; (j) fica registrada com a leitura do estudo adotada — a Bússola "apenas veta os que exigiriam apagar a luz", e o veto é a própria Luz, sem voz externa.]

(k) O mal estrutural. A porta para Marx fica registrada em Sartre (*Crítica da razão dialética*), em Camus (*O homem revoltado*) e em Jaspers, que escreve a culpa política e metafísica, "a falta da solidariedade absoluta com o homem como homem" (*A questão da culpa*, p. 64; ver 1.11) [V-de; tradução do estudo]. Registra-se; (k) segue aberta até o estudo de Marx. (1.11, 3.14, 4.13) [Registrada pelo fundador em 06/11/2026 (Estudo V, n.º 12): a porta para Marx (Sartre, Camus, Jaspers) fica registrada; (k) segue aberta até o estudo de Marx.]

6.4 O que o existencialismo oferece

À Lux, o existencialismo oferece a descrição mais exata da série do que o cânon chama encobrimento: "a gente", a má-fé, o garçom, a mulher do primeiro encontro. O Tratado da Luz Interior diz a ferida em uma frase; a casa a descreve em páginas, com a estrutura e a cena — e a fronteira lembra que, no cânon, o que está debaixo é uma luz de alguém, não um poder-ser nem uma liberdade sem natureza (2.1, 2.2, 3.2) [leitura do estudo].

À Bússola, oferece a letra da escolha que a casa pôs no centro e que o cânon deixa a quem caminha. "Posso estar lá inteiro, sem me trair?" e "escolhe a si mesmo, ou melhor, recebe a si mesmo" são duas perguntas a quem vai partir; a casa dá à segunda o peso que o cânon reserva ao veto — e a fronteira lembra que a Bússola só veta, e que a decisão é de quem caminha (2.4, 3.3) [leitura do estudo]. Oferece também a voz que "vem de mim e, no entanto, sobre mim": a letra mais próxima da série para o veto "sem voz externa", com a fronteira de que o chamado chama à culpa e a Bússola não (2.5, 3.5) [leitura do estudo].

À Vigília, oferece a noite descrita de dentro: a angústia, as situações-limite, Sísifo. A decisão n.º 2 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII fixou "uma luz acesa dentro da noite, que não precisa do fim para valer"; Camus dá a esse não-precisar-do-fim uma imagem, Sísifo feliz, e Jaspers dá ao que ninguém escolhe a palavra situação-limite — com a fronteira de que a Vigília não antecipa nada e a noite do cânon ninguém causou (2.7, 2.8, 3.6, 3.7) [leitura do estudo].

Ao Abrigo e às Águas Comuns, oferece o par mais nítido da série sobre o limite do abrigar: a solicitude que "salta adiante" em vez de "saltar em seu lugar" (§26), lida ao lado do Abrigo que "não vai até a substituição". E oferece o avesso, "o inferno são os outros", que o cânon responde com "ninguém navega um rio privado", e que a própria casa responde, em Camus, com "eu me revolto, logo somos" (2.9, 2.10, 2.11, 3.9) [leitura do estudo].

Ao Flumen, oferece o estar-lançado e a circunstância: ninguém escolhe de onde parte, e "Ninguém começa do zero" tem na *Geworfenheit* de Heidegger e em "eu sou eu e a minha circunstância" de Ortega as suas letras mais próximas fora do cânon — com a fronteira de que o rio é lugar de herdeiros, e o estar-lançado, em Heidegger, não é herança (2.6, 3.8) [leitura do estudo].

Ao Corpus, oferece o corpo vivido: Merleau-Ponty escreve que o corpo é "nosso meio geral de ter um mundo" (*Fenomenologia da percepção*, Smith, pp. 145–146; ver 1.9) e que "eu sou meu corpo" (Smith, pp. 197–198) [V-en: Smith; tradução do estudo], ao lado do Pilar IV — com a fronteira de que "instrumento", dito do corpo, é letra do Pilar IV e homônimo, e de que a *disponibilité* fica registrada como homônimo da Disponibilidade, com a medição no Estudo XIV (2.12, 2.13, 3.10, 3.11) [hipótese do estudo].

À série, oferece uma casa em que a pessoa está no centro dos dois lados, e por isso a fronteira passa pelo verbo: inventar ou revelar. As fórmulas já fixadas para outras casas têm todas duas metades — o budismo, a atenção e não a chegada; a Stoa, o exame e não o consentimento; o cristianismo, a anterioridade e não o juízo; o Vedanta, a descoberta e não a dissolução —, e a segunda metade desta diz a mesma coisa de outro modo: recusa a condição de que o valor da pessoa dependa de algo que não é a luz dela, aqui, de ser inventado. Deixa também portas abertas: Marcel e Jaspers, para o Estudo XIV; Marx, pela questão (k); Taylor, para o Estudo XV (1.11, 4.13, 4.15) [leitura do estudo].

6.5 A lamparina

A série termina cada estudo com a lamparina: a de museu, a guardada do vento, a posta no rio. Nos textos que o estudo leu, o existencialismo não traz a imagem da lamparina; traz a do homem "condenado a inventar o homem a cada instante" (*O existencialismo é um humanismo*, p. 38; ver 1.5), sem apoio e sem ajuda. O cânon diz que "a luz não se acende — ela se revela" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", I), e que é de alguém (decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo I). Entre inventar e revelar passa a fronteira deste estudo, e o que está dos dois lados dela é a mesma pessoa, inteira, que a casa e o cânon se recusam a reduzir a um papel.

O cânon não é existencialismo com luz, e o existencialismo não é Lumen Fluens sem Pilar I. Os dois descrevem o perder-se de quem vive como todos; o cânon diz que o que se perde já estava lá, e na casa nem todos concordam. A fórmula foi adotada pelo fundador (decisão n.º 1 de 6 de novembro sobre o Estudo V): o Lumen Fluens aceita do existencialismo a escolha e recusa a invenção. A escolha de quem caminha, com a lamparina na mão; e a lamparina, que ninguém inventou [leitura do estudo].

APARATO

Fontes citadas, por capítulo

Prólogo

O EXISTENCIALISMO

1. Prólogo · Sartre, *O existencialismo é um humanismo* (*L'existentialisme est un humanisme*), Paris: Nagel, 1970, p. 17; trad. Rita Correia Guedes · "a existência precede a essência" · «l'existence précède l'essence» · [V-fr; V-pt: Guedes]
2. Prólogo · Sartre, mesma obra, p. 22 · "o homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo" · «l'homme n'est rien d'autre que ce qu'il se fait» · [V-fr; V-pt: Guedes; tradução do estudo]
3. Prólogo · Sartre, mesma obra, p. 21 · "se define depois" · «se définit après» · [V-fr; tradução do estudo]
4. Prólogo · Sartre, mesma obra, p. 46 · "escolha, isto é, invente" · «choisissez, c'est-à-dire inventez» · [V-fr; V-pt: Guedes]
5. Prólogo · Kierkegaard, *Ou–ou* (*Enten–Eller*) II, "Ligevægten", SKS 3, 172–173 · "escolhe a si mesmo, ou melhor, recebe a si mesmo" · «vælger sig selv, eller rettere, det modtager sig selv» · [V-da; tradução do estudo]
6. Prólogo · Camus, *O homem revoltado* (*L'Homme révolté*), Paris: Gallimard, 1951, cap. "L'homme révolté" · "há uma natureza humana" · «il y a une nature humaine» · [V-fr via secundária; tradução do estudo; página a confirmar]
7. Prólogo · Kierkegaard, *A doença para a morte* (*Sygdommen til Døden*), II, SKS 11, 191 · o desespero "diante de Deus" como pecado · «for Gud» · [V-da; tradução do estudo]
8. Prólogo · Heidegger, *Ser e tempo* (*Sein und Zeit*), §57, p. 275 da edição alemã · "vem de mim e, no entanto, sobre mim" · «Der Ruf kommt aus mir und doch über mich» · [V-de; tradução do estudo]
9. Prólogo · Heidegger, *Ser e tempo*, §27, p. 128 da edição alemã · "cada um é o outro e ninguém é ele mesmo"; "o Ninguém" · «Jeder ist der Andere und Keiner er selbst»; «das Niemand» · [V-de; tradução do estudo]
10. Prólogo · Sartre, *O ser e o nada* (*L'Être et le néant*), Paris: Gallimard, 1943, I, 2, "A má-fé", pp. 98–99; trad. Barnes, p. 59 · "joga a ser garçom" · «il joue à être garçon de café» · [V-fr; V-en: Barnes; tradução do estudo]
11. Prólogo · Kierkegaard, "Hjertets Reenhed", *Opbyggelige Taler i forskjellig Aand* (1847), SKS 8, 138 · "a pureza de coração é querer uma só coisa" · «Hjertets Reenhed er at ville Eet» · [V-da; tradução do estudo]
12. Prólogo · Ortega y Gasset, *Meditações do Quixote* (*Meditaciones del Quijote*), 1914, *Obras completas*, I, p. 322, segundo Lara Fernández (2013) · "eu sou eu e a minha circunstância" · «yo soy yo y mi circunstancia» · [V-es via secundária: Lara; tradução do estudo]
13. Prólogo · Heidegger, *Ser e tempo*, §26, p. 122 da edição alemã; trad. Macquarrie–Robinson, pp. 158–159 · "salta adiante"; "saltar em seu lugar" · «vorausspringt»; «einspringen» · [V-de; V-en: Macquarrie–Robinson; tradução do estudo]
14. Prólogo · Camus, *O homem revoltado*, Paris: Gallimard, 1951, cap. "L'homme révolté", p. 38 da edição que Alves usa · "eu me revolto, logo somos" · «Je me révolte, donc nous sommes» · [V-fr via secundária: Alves; tradução do estudo]

15. Prólogo · Kierkegaard, *O conceito de angústia* (*Begrebet Angest*), cap. II, §2, SKS 4, 365–366 · "a vertigem da liberdade" · «Frihedens Svimlen» · [V-da; tradução do estudo]

O CÂNON E OS ESCRITOS

1. Prólogo · Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", I, II · "intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância"; "A luz não se acende — ela se revela"; "Ninguém começa do zero"
2. Prólogo · Cânon v1.2, "A Bússola" · "Posso estar lá inteiro, sem me trair?"; "eu sem a minha luz sou uma mentira"; "não escolhe os caminhos por ninguém"; "apenas veta"
3. Prólogo · Cânon v1.2, "A Arquitetura" · a Bússola, "a decisão"; "a escolha"
4. Prólogo · Cânon v1.2, "As Águas Comuns" · "Ninguém navega um rio privado"
5. Prólogo · Cânon v1.2, "A Vigília" · "A noite é o mal que ninguém causou"
6. Prólogo · Cânon v1.2, "Independência confessional" · "A filosofia não decide isso por ninguém; exige apenas fidelidade à luz, seja qual for o nome que cada um lhe dê"
7. Prólogo · Catecismo, 24 · "Ela não escolhe os caminhos por ninguém; apenas veta os que exigiriam apagar a luz para percorrê-los. A decisão é sempre de quem caminha"
8. Prólogo · Tratado da Luz Interior, "Objeção provável e resposta breve" · "encoberta — por medo, por hábito, por adaptação às expectativas alheias"
9. Prólogo · Decisões do fundador de 17/10/2026 sobre o Estudo VII: n.º 2 e n.º 5
10. Prólogo · Decisões do fundador de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII: n.º 3, n.º 4 e n.º 5
11. Prólogo · Decisão do fundador de 23/10/2026 sobre o Estudo X: n.º 7
12. Prólogo · Decisões do fundador de 31/10/2026 sobre o Estudo XI: n.º 4 e n.º 7
13. Prólogo · Decisões do fundador de 31/10/2026 sobre o Estudo XII: n.º 6 e n.º 7
14. Prólogo · Decisões do fundador de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII: n.º 4, n.º 6 e n.º 7
15. Prólogo · Decisões do fundador de 03/11/2026 sobre o Estudo I: n.º 3 e n.º 6
16. Prólogo · Decisões do fundador de 03/11/2026 sobre o Estudo II: n.º 1, n.º 3, n.º 7 e n.º 11
17. Prólogo · Decisões do fundador de 04/11/2026 sobre o Estudo III: n.º 7, n.º 8, n.º 11 e n.º 12
18. Prólogo · Decisões do fundador de 04/11/2026 sobre o Estudo IV: n.º 11 e n.º 12
19. Prólogo · Ficha do Estudo V (outubro de 2026), as cinco frases, citadas como Ficha, não cânon

Capítulo 1 — O existencialismo em sua melhor forma

O EXISTENCIALISMO

1. 1.1 · Nietzsche, *A gaia ciência*, §276, trad. Common, conforme Estudo II · "*Amor fati*: que seja este, de agora em diante, o meu amor!" · «—» · [V-en: Common; tradução do estudo]
2. 1.2 · Heidegger, *Sein und Zeit*, §9, SZ 41 · "O ser deste ente é cada vez meu" · «Das Sein dieses Seienden ist je meines.» · [V-de; tradução do estudo]
3. 1.2 · Heidegger, *Sein und Zeit*, §9, SZ 42 · "A 'essência' deste ente reside em seu ter-de-ser" · «Das »Wesen« dieses Seienden liegt in seinem Zu-sein.» · [V-de; tradução do estudo]

4. 1.2 · Heidegger, *Sein und Zeit*, §9, SZ 42–43 · "escolher-se" a si mesmo, ganhar-se, perder-se · «kann dieses Seiende in seinem Sein sich selbst »wählen«, gewinnen, es kann sich verlieren» · [V-de; tradução do estudo]
5. 1.2 · Heidegger, *Sein und Zeit*, §9, SZ 43, trad. Schuback · a impropriedade "não diz 'ser' menos nem um grau 'inferior' de ser" · «—» · [V-pt: Schuback]
6. 1.2 · Sartre, *L'Existentialisme est un humanisme*, Nagel, 1970, p. 17; trad. Rita Correia Guedes · "que a existência precede a essência, ou, se se preferir, que é necessário partir da subjetividade" · «l'existence précède l'essence» · [V-fr; V-pt: Guedes]
7. 1.2 · Sartre, *L'Existentialisme est un humanisme*, p. 21 · "o homem existe primeiro, encontra-se, surge no mundo, e se define depois" · «l'homme existe d'abord, se rencontre, surgit dans le monde, et qu'il se définit après» · [V-fr; tradução do estudo]
8. 1.2 · Sartre, *L'Existentialisme est un humanisme*, p. 22 · "não há natureza humana, pois não há Deus para concebê-la"; "o homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo" · «il n'y a pas de nature humaine, puisqu'il n'y a pas de Dieu pour la concevoir»; «l'homme n'est rien d'autre que ce qu'il se fait» · [V-fr; V-pt: Guedes; tradução do estudo]
9. 1.2 · Sartre, *L'Existentialisme est un humanisme*, p. 21 · o ateu, "mais coerente" · «l'existentialisme athée, que je représente, est plus cohérent» · [V-fr; tradução do estudo]
10. 1.2 · Heidegger, "Brief über den Humanismus", em Capuzzi, *Pathmarks*, *Wegmarken*, pp. 159–160 · a tese de Sartre como inversão metafísica (sem aspas) · «—» · [V-en: Capuzzi; paráfrase]
11. 1.2 · Kierkegaard, *Sygdommen til Døden*, I, A, SKS 11, 129 · "O eu é uma relação que se relaciona consigo mesma" · «Selvet er et Forhold, der forholder sig til sig selv …» · [V-da; trecho truncado; tradução do estudo]
12. 1.2 · Camus, *L'Homme révolté*, Gallimard, 1951, cap. "L'homme révolté" · "a análise da revolta leva pelo menos à suspeita de que há uma natureza humana, como pensavam os gregos" · «L'analyse de la révolte conduit au moins au soupçon qu'il y a une nature humaine, comme le pensaient les Grecs» · [V-fr via secundária; tradução do estudo; página a confirmar]
13. 1.3 · Kierkegaard, *Begrebet Angest*, cap. II, §2, SKS 4, 365–366 · "A angústia pode comparar-se à vertigem [...] a vertigem da liberdade [...] o salto, que nenhuma ciência explicou nem pode explicar" · «Angest kan man sammenligne med Svimmelhed … den Frihedens Svimlen … Springet, som ingen Videnskab har forklaret eller kan forklare.» · [V-da; tradução do estudo]
14. 1.3 · Heidegger, *Sein und Zeit*, §40, SZ 186 · "Aquilo diante de que a angústia se angustia é o ser-no-mundo como tal" · «Das Wovor der Angst ist das In-der-Welt-sein als solches.» · [V-de; tradução do estudo]
15. 1.3 · Sartre, *L'Existentialisme est un humanisme*, p. 37 · estamos "sós, sem desculpas"; o homem "está condenado a ser livre", responsável "por tudo o que faz" · «Nous sommes seuls, sans excuses»; «l'homme est condamné à être libre … il est responsable de tout ce qu'il fait» · [V-fr; V-pt: Guedes; tradução do estudo]
16. 1.3 · Sartre, *L'Être et le Néant*, IV, 1, Gallimard, 1943, pp. 515–516; Barnes, p. 439 · a letra de 1943: "estou condenado a ser livre" (singular; o plural não ocorre) · «je suis condamné à être libre» · [V-fr; V-en: Barnes; tradução do estudo]
17. 1.3 · Sartre, *L'Existentialisme est un humanisme*, p. 27 · a angústia como consciência da responsabilidade (sem aspas) · «—» · [paráfrase; localização a confirmar]
18. 1.3 · Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la perception*, "A liberdade", trad. Colin Smith, pp. 454–455 · "Não é apesar desses motivos, nem aquém deles, que sou livre, mas por meio deles" · «I am free, not in spite of, or

on the hither side of, these motivations, but by means of them» (Smith) · [V-en: Smith; tradução do estudo]

19. 1.3 · Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la perception*, Prefácio, Smith; Cabanes · "condenados ao sentido" · «Por estar en el mundo estamos condenados al sentido» (Cabanes) · [V-es: Cabanes; V-en: Smith; tradução do estudo]

20. 1.4 · Heidegger, *Sein und Zeit*, §27, SZ 128 · "Cada um é o outro e ninguém é ele mesmo. A gente [...] é o Ninguém a quem todo *Dasein*, no conviver, já sempre se entregou" · «Jeder ist der Andere und Keiner er selbst. Das Man ... ist das Niemand, dem alles Dasein im Untereinandersein sich je schon ausgeliefert hat.» · [V-de; tradução do estudo]; *das Man*: Schuback "o impessoal", Castilho "a-gente"

21. 1.4 · Heidegger, *Sein und Zeit*, §27, SZ 127 (traços: SZ 126–127) · "mas de modo que já sempre se esgueirou dali onde o *Dasein* urge por decisão" · «Das Man ist überall dabei, doch so, daß es sich auch schon immer davongeschlichen hat, wo das Dasein auf Entscheidung drängt.» · [V-de; tradução do estudo]

22. 1.4 · Heidegger, *Sein und Zeit*, §38, SZ 175; Macquarrie–Robinson, p. 220 · o termo "não exprime nenhuma avaliação negativa" · «Der Titel, der keine negative Bewertung ausdrückt ...» (SZ); «This term does not express any negative evaluation» (MR) · [V-de; V-en: Macquarrie–Robinson; tradução do estudo]

23. 1.4 · Sartre, *L'Être et le Néant*, I, 2, "La mauvaise foi", pp. 98–99; Barnes, p. 59 · o garçom "joga a ser garçom"; a condição "toda de cerimônia" · «il joue à être garçon de café»; «leur condition est toute de cérémonie» · [V-fr; V-en: Barnes; tradução do estudo]

24. 1.4 · Sartre, *L'Être et le Néant*, Barnes, pp. 55–56 · a mão "sem consentir nem resistir, uma coisa"; "esta mulher está de má-fé" · «neither consenting nor resisting — a thing. We shall say that this woman is in bad faith.» · [V-en: Barnes; tradução do estudo]

25. 1.4 · Sartre, *L'Être et le Néant*, Barnes, p. 70 · a consciência é "ser o que não é e não ser o que é" (ordem das cláusulas varia) · «to be what it is not and not to be what it is» · [V-en: Barnes; tradução do estudo]

26. 1.4 · Sartre, *L'Être et le Néant*, Barnes, p. 70, n. 9 · a "recuperação de si" que se chamará autenticidade, "cuja descrição não tem lugar aqui" · «This self-recovery we shall call authenticity, the description of which has no place here.» · [V-en: Barnes; tradução do estudo]

27. 1.4 · Sartre, *L'Être et le Néant*, pp. 651–652; Barnes, p. 565 · classificação em projeto "autêntico" e "inautêntico", "tingida de preocupação ética", fundada na atitude diante da morte · «une pareille classification est entachée d'un souci éthique, en dépit de son auteur et par sa terminologie même» · [V-fr; V-en: Barnes; tradução do estudo]

28. 1.4 · Ortega y Gasset, *El hombre y la gente*, *Obras completas* VII, Revista de Occidente, 2.ª ed., 1964 · "Mas quem faz o que se faz? Ah! Pois a gente. Bem, mas quem é a gente? Ah! Pois todos, ninguém determinado" · «Pero ¿quién hace lo que se hace? ¡Ah! Pues la gente. Bien, pero ¿quién es la gente? ¡Ah! Pues todos, nadie determinado.» · [V-es; tradução do estudo; página a confirmar]

29. 1.4 · Kierkegaard, *Sygdommen til Døden*, II, SKS 11, 191 · "Pecado é: diante de Deus [...] desesperadamente não querer ser si mesmo, ou desesperadamente querer ser si mesmo" · «Synd er: for Gud, eller med Forestillingen om Gud fortvivlet ikke at ville være sig selv, eller fortvivlet at ville være sig selv ...» · [V-da; trecho truncado; tradução do estudo]

30. 1.5 · Kierkegaard, *Enten–Eller* II, "Ligevægten mellem det Æsthetiske og det Ethiske i Personlighedens Udarbeidelse", SKS 3, 172–173 · "o eu escolhe a si mesmo, ou melhor, recebe a si mesmo" · «Jeget vælger sig selv, eller rettere, det modtager sig selv» · [V-da; tradução do estudo]

31. 1.5 · Kierkegaard, *Enten–Eller* II, SKS 3, 207 · "Este 'eu' não existia antes, pois veio a ser pela escolha, e no entanto existia" · «Dette »Selv« har ikke været til før, thi det blev til ved Valget, og dog har det været til, thi det var jo »ham selv«.» · [V-da; tradução do estudo]

32. 1.5 · Kierkegaard, *Opbyggelige Taler i forskjellig Aand* (1847), "Hjertets Reenhed", SKS 8, 138 · "A pureza de coração é querer uma só coisa" · «Hjertets Reenhed er at ville Eet» · [V-da; tradução do estudo]

33. 1.5 · Kierkegaard, "Hjertets Reenhed", SKS 8, 143–144 · só o Bem é uno em sua essência · «Kun det Gode er Eet i sit Væsen …» · [V-da; tradução do estudo]

34. 1.5 · Heidegger, *Sein und Zeit*, §57, SZ 275 · o chamado "vem de mim e, no entanto, sobre mim" · «Der Ruf kommt aus mir und doch über mich.» · [V-de; tradução do estudo]

35. 1.5 · Heidegger, *Sein und Zeit*, §60, SZ 296–297 · "o projetar-se calado e disposto à angústia sobre o ser-culpado mais próprio" · «das verschwiegene, angstbereite Sichentwerfen auf das eigenste Schuldigsein» · [V-de; tradução do estudo]

36. 1.5 · Sartre, *L'Existentialisme est un humanisme*, p. 46 · "você é livre; escolha, isto é, invente. Nenhuma moral geral poderá indicar-lhe o caminho a seguir; não existem sinais no mundo" · «vous êtes libre, choisissez, c'est-à-dire inventez. Aucune morale générale ne peut vous indiquer ce qu'il y a à faire ; il n'y a pas de signe dans le monde.» · [V-fr; V-pt: Guedes]

37. 1.5 · Sartre, *L'Existentialisme est un humanisme*, p. 27 · "escolhendo-me, escolho o homem" · «en me choisissant, je choisis l'homme» · [V-fr; V-pt: Guedes]

38. 1.5 · Sartre, *L'Existentialisme est un humanisme*, p. 38 · o homem, "sem apoio e sem ajuda, está condenado a inventar o homem a cada instante" · «l'homme, sans aucun appui et sans aucun secours, est condamné à chaque instant à inventer l'homme» · [V-fr; V-pt: Guedes]

39. 1.5 · Beauvoir, *Pour une morale de l'ambiguïté*, Gallimard, 2013, p. 31, segundo Teixeira · "querer o desvelamento do mundo, querer-se livre, é um só e mesmo movimento" · «vouloir le dévoilement du monde, se vouloir libre, c'est un seul et même mouvement» · [V-fr via secundária: Teixeira, *Griot*, 2018; tradução do estudo]

40. 1.5 · Ortega y Gasset, *Meditaciones del Quijote* (1914), *Obras completas* I, 1966, p. 322, segundo Lara Fernández (2013) · "eu sou eu e a minha circunstância, e se não a salvo, não me salvo eu" · «yo soy yo y mi circunstancia, y si no la salvo a ella no me salvo yo» · [V-es via secundária: Lara; tradução do estudo]

41. 1.6 · Heidegger, *Sein und Zeit*, §47, SZ 240 · "Ninguém pode tirar do outro o seu morrer" · «Keiner kann dem Anderen sein Sterben abnehmen.» · [V-de; V-en: MR; tradução do estudo]

42. 1.6 · Heidegger, *Sein und Zeit*, §52, SZ 258–259 · "A morte, como fim do *Dasein*, é a possibilidade mais própria, irrelativa, certa e, como tal, indeterminada, insuperável, do *Dasein*" · «Der Tod als Ende des Daseins ist die eigenste, unbezügliche, gewisse und als solche unbestimmte, unüberholbare Möglichkeit des Daseins.» · [V-de; tradução do estudo]

43. 1.6 · Jaspers, *Einführung in die Philosophie*, Piper, 1971, p. 18 · "tenho de morrer, tenho de sofrer [...] situações-limite. Isto é, são situações além das quais não podemos ir, que não podemos mudar" · «ich muß sterben, ich muß leiden … Grenzsituationen. Das heißt, es sind Situationen, über die wir nicht hinaus können, die wir nicht ändern können.» · [V-de; tradução do estudo]

44. 1.6 · Jaspers, *Einführung in die Philosophie*, p. 18 · reagimos às situações-limite "ou pelo encobrimento ou [...] pelo desespero e pela restauração" · «durch Verschleierung oder … durch Verzweiflung und durch Wiederherstellung» · [V-de; tradução do estudo]

45. 1.6 · Jaspers, *Einführung in die Philosophie*, p. 19 · "a origem nas situações-limite traz o impulso fundamental de ganhar, no naufrágio, o caminho para o ser" · «Der Ursprung in den Grenzsituationen bringt den Grundantrieb, im Scheitern den Weg zum Sein zu gewinnen.» · [V-de; tradução do estudo]

46. 1.6 · Sartre, *L'Être et le Néant*, Barnes, p. 547 · "não há lugar para a morte no ser-para-si"; a morte "nada mais que um certo aspecto da facticidade e do ser-para-outro"; "é absurdo que nasçamos, é absurdo que morramos" · «It is absurd that we are born; it is absurd that we die.» · [V-en: Barnes; tradução do estudo; original francês não conferido]

47. 1.6 · Unamuno, *Del sentimiento trágico de la vida*, cap. I, "El hombre de carne y hueso" (ed. Renacimiento, 1912; sem paginação) · "o homem de carne e osso, o que nasce, sofre e morre — sobretudo morre" · «El hombre de carne y hueso, el que nace, sufre y muere —sobre todo muere—» · [V-es; tradução do estudo; página a confirmar]

48. 1.6 · Unamuno, *Del sentimiento trágico de la vida*, cap. II, "El punto de partida" · a terceira solução: "uma resignação desesperada, ou um desespero resignado, e a luta" · «una resignación desesperada, o una desesperación resignada, y la lucha» · [V-es; tradução do estudo; página a confirmar]

49. 1.6 · Frankl, *Man's Search for Meaning*, trad. Ilse Lasch (transcrição do Wikiquote, sem página) · a "última das liberdades humanas", a de escolher a própria atitude · «the last of the human freedoms — to choose one's attitude in any given set of circumstances» · [V-en: Lasch; tradução do estudo; página a confirmar]

50. 1.6 · Nietzsche, *Götzen-Dämmerung*, "Sprüche und Pfeile", 12 (Projeto Gutenberg 7203; edição de base não identificada) · "quem tem um porquê para viver suporta quase qualquer como" · «Hat man sein warum? des Lebens, so verträgt man sich fast mit jedem wie?» · [V-de; tradução do estudo]

51. 1.6 · Frankl, *Man's Search for Meaning*, Rider/Ebury, 2004, pp. 84 e 109, segundo Quote Investigator (2019) · Frankl cita o aforismo nomeando Nietzsche · «He who has a why to live for can bear with almost any how» · [V-en via secundária: Rider]

52. 1.7 · Camus, *Le Mythe de Sisyphe*, Gallimard, 1942 (UQAC, paginação do impresso), "L'absurde et le suicide", p. 15 · "Só há um problema filosófico realmente sério: é o suicídio" · «Il n'y a qu'un problème philosophique vraiment sérieux : c'est le suicide.» · [V-fr; tradução do estudo]

53. 1.7 · Camus, *Le Mythe de Sisyphe*, "Les murs absurdes", p. 45 · "O absurdo nasce desse confronto entre o apelo humano e o silêncio desarrazoado do mundo" · «L'absurde naît de cette confrontation entre l'appel humain et le silence déraisonnable du monde.» · [V-fr; tradução do estudo]

54. 1.7 · Camus, *Le Mythe de Sisyphe*, p. 48 · o absurdo mora "nem no homem [...] nem no mundo, mas na sua presença comum" · «l'absurde n'est pas dans l'homme [...], ni dans le monde, mais dans leur présence commune» · [V-fr; tradução do estudo]

55. 1.7 · Camus, *Le Mythe de Sisyphe*, "Le suicide philosophique", p. 57 · "Kierkegaard também dá o salto" · «Kierkegaard lui aussi fait le saut» · [V-fr; tradução do estudo]

56. 1.7 · Camus, *Le Mythe de Sisyphe*, "La liberté absurde", pp. 88–89 · "Tiro assim do absurdo três consequências, que são a minha revolta, a minha liberdade e a minha paixão" · «Je tire ainsi de l'absurde trois conséquences qui sont ma révolte, ma liberté et ma passion.» · [V-fr; tradução do estudo]

57. 1.7 · Camus, *Le Mythe de Sisyphe*, "Le mythe de Sisyphe", p. 168 · "A própria luta rumo aos cumes basta para encher um coração de homem. É preciso imaginar Sísifo feliz" · «La lutte elle-même vers les sommets suffit à remplir un cœur d'homme. Il faut imaginer Sisyphe heureux.» · [V-fr; tradução do estudo]

58. 1.7 · Sartre, *L'Être et le Néant*, Barnes, p. 479 · a escolha "pode muito bem parecer absurda, e de fato é absurda" · «can very well appear absurd, and in fact it is absurd» · [V-en: Barnes; tradução do estudo]

59. 1.7 · Camus, *L'Homme révolté*, cap. "L'homme révolté", abertura (texto de prova de concurso) · "Que é um homem revoltado? Um homem que diz não. Mas, se recusa, não renuncia: é também um homem que diz sim, desde o primeiro movimento" · «Qu'est-ce qu'un homme révolté ? Un homme qui dit non. Mais s'il refuse, il ne renonce pas : c'est aussi un homme qui dit oui, dès son premier mouvement.» · [V-fr via secundária; tradução do estudo; página a confirmar]

60. 1.7 · Camus, *L'Homme révolté*, mesmo capítulo · um valor "que preexiste a toda ação" · «cette valeur qui préexiste à toute action» · [V-fr via secundária; tradução do estudo; página a confirmar]

61. 1.7 · Camus, *L'Homme révolté*, 1951, p. 38, segundo Alves (*Intercâmbio*, 2.ª série, 13, 2020, pp. 111–112) · "Eu me revolto, logo somos" · «Je me révolte, donc nous sommes» · [V-fr via secundária: Alves; página da edição que Alves usa]

62. 1.7 · Camus, *La Peste*, Gallimard, 1947, p. 170 · "Não se trata de heroísmo em tudo isso. Trata-se de honestidade [...]. No meu caso, sei que ela consiste em fazer o meu ofício" · «Il ne s'agit pas d'héroïsme dans tout cela. Il s'agit d'honnêteté. [...] Mais dans mon cas, je sais qu'elle consiste à faire mon métier.» · [V-fr; tradução do estudo]

63. 1.7 · Camus, *La Peste*, p. 256 · "sinto mais solidariedade com os vencidos do que com os santos [...]. O que me interessa é ser homem" · «je me sens plus de solidarité avec les vaincus qu'avec les saints. [...] Ce qui m'intéresse, c'est d'être un homme.» · [V-fr; tradução do estudo]

64. 1.7 · Camus, *La Peste*, pp. 310–311 · "que há nos homens mais coisas a admirar do que a desprezar" · «qu'il y a dans les hommes plus de choses à admirer que de choses à mépriser» · [V-fr; tradução do estudo]

65. 1.8 · Sartre, *L'Être et le Néant*, III, Barnes, pp. 259–260 · "não é que há alguém ali; é que sou vulnerável [...], que sou visto" · «it is not that there is someone there; it is that I am vulnerable [...] in short, that I am seen» · [V-en: Barnes; tradução do estudo]

66. 1.8 · Sartre, *Huis clos*, Gallimard, 2012, p. 93, segundo Longo (*Thélème*, 2009) · "não precisa de grelha: o inferno são os outros" · «Pas besoin de gril : l'enfer, c'est les Autres.» · [V-fr via secundária: Longo; edição de 1945 não conferida]

67. 1.8 · Sartre, glosa gravada de "l'enfer, c'est les autres", segundo Longo (2009; remete a Ferraro, 1994, p. 9) e *fiche* de ensino (1964; Longo: 1965) · "se as relações com o outro são tortas, viciadas, o outro só pode ser o inferno" · «si les rapports avec autrui sont tordus, viciés, alors l'autre ne peut être que l'enfer» · [V-fr via secundária: Longo; fonte primária (disco, Gallimard, 2004) não ouvida; data a confirmar]

68. 1.8 · Heidegger, *Sein und Zeit*, §26, SZ 122; Macquarrie–Robinson, pp. 158–159 · "pode tirar do outro o 'cuidado' [...], saltar em seu lugar"; "salta adiante dele em seu poder-ser existencial, não para tirar-lhe o 'cuidado', mas para devolvê-lo" · «für ihn einspringen»; «ihm in seinem existenziellen Seinkönnen vorausspringt, nicht um ihm die »Sorge« abzunehmen, sondern erst eigentlich als solche zurückzugeben» · [V-de; V-en: Macquarrie–Robinson; tradução do estudo]

69. 1.8 · Jaspers, *Einführung in die Philosophie*, p. 88 · "Como ser-si-mesmo, estamos remetidos a outro ser-si-mesmo [...]. Não há liberdade isolada" · «Als Selbstsein sind wir angewiesen auf anderes Selbstsein … Es gibt keine isolierte Freiheit.» · [V-de; tradução do estudo]

70. 1.8 · Jaspers, *Einführung in die Philosophie*, p. 94 · "A verdade começa a dois" · «Die Wahrheit beginnt zu zweien.» · [V-de; tradução do estudo]

71. 1.8 · Buber, *Eu e Tu*, trad. Newton Aquiles von Zuben, Centauro, 10.ª ed., 2006, partes I a III, citado no Tratado das Águas Comuns, "Fundamentação" · "toda vida atual é encontro" · «Alles wirkliche Leben ist Begegnung» · [V-pt via secundária: Tratado das Águas Comuns; alemão e páginas não conferidos]

72. 1.9 · Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la perception*, trad. Smith, pp. 145–146 · "O corpo é o nosso meio geral de ter um mundo" · «The body is our general medium for having a world.» · [V-en: Smith; tradução do estudo]

73. 1.9 · Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la perception*, Smith, p. 174, n. 1 · a sua distinção "não coincide com a de M. Marcel"; "o nosso 'ter' corresponde grosso modo ao ser de Marcel" · «our "having" corresponds roughly to M. Marcel's being» · [V-en: Smith; tradução do estudo]

74. 1.9 · Marcel, *Être et avoir*, Aubier, p. 237, na versão castelhana de Grassi (2008), nota 284 · "O primeiro objeto, o objeto-tipo com o qual me identifico e que no entanto me escapa, é o meu corpo [...]. O corpo é o ter-tipo" · «objet-type» / «l'avoir-type» (palavras-chave dadas por Grassi) · [V via secundária: Grassi; tradução do estudo]

75. 1.9 · Marcel, *Du refus à l'invocation*, Gallimard, 1940, p. 34, na versão de Grassi, nota 297 · dizer "eu sou meu corpo" é "emitir um juízo negativo" · «je suis mon corps» · [V via secundária: Grassi; tradução do estudo]

76. 1.10 · Kierkegaard, *Frygt og Bæven*, Problema I, SKS 4, 148; Marinho, *Os Pensadores* 31, p. 282 · "Há uma suspensão teleológica da moralidade?" · «Gives der en teleologisk Suspension af det Ethiske?» · [V-pt: Marinho]

77. 1.10 · Kierkegaard, *Frygt og Bæven*, Problema I, SKS 4, 159; Marinho, p. 284 · "a história de Abraão comporta esta suspensão teleológica da moralidade" · «Abrahams Historie indeholder da en teleologisk Suspension af det Ethiske.» · [V-pt: Marinho]

78. 1.10 e 1.7 · Kierkegaard, *Frygt og Bæven*, "Lovtale over Abraham" · Abraão "creu em virtude do absurdo" · «Han troede i Kraft af det Absurde» · [V-da; tradução do estudo; localização a confirmar]

79. 1.10 · Kierkegaard, *Sygdommen til Døden*, I, A, SKS 11, 164 · o eu "repousa transparente no Poder que o pôs" · «grunder Selvet gjennemsigtigt i den Magt, som satte det» · [V-da; tradução do estudo]

80. 1.10 · Kierkegaard, *Sygdommen til Døden*, II, SKS 11, 196 · "o contrário do pecado não é a virtude, mas a fé" · «Modsætningen til Synd ikke er Dyd, men Tro» · [V-da; trecho truncado; tradução do estudo]

81. 1.10 · Sartre, *L'Existentialisme est un humanisme*, pp. 30–31 · "Nada me designa para ser Abraão, e, no entanto, sou a cada instante obrigado a realizar atos exemplares"; "sou eu sempre quem decidirá que essa voz é a do anjo" · «Rien ne me désigne pour être Abraham ...»; «c'est toujours moi qui déciderai que cette voix est la voix de l'ange» · [V-fr; V-pt: Guedes; tradução do estudo]

82. 1.10 · Sartre, *L'Existentialisme est un humanisme*, p. 95 · o existencialismo "não é tanto um ateísmo no sentido de que se esgotaria em demonstrar que Deus não existe"; "mesmo que Deus existisse, nada mudaria" · «même si Dieu existait, ça ne changerait rien» · [V-fr; V-pt: Guedes; tradução do estudo]

83. 1.10 · Sartre, *L'Existentialisme est un humanisme*, p. 36 · "Dostoiévski escreveu: 'Se Deus não existisse, tudo seria permitido'" · «Dostoïevsky avait écrit : « Si Dieu n'existait pas, tout serait permis. »» · [V-fr; V-pt: Guedes; atribuição de Sartre, sem obra nem página]

84. 1.10 · Dostoiévski, *Os irmãos Karamázov*, I, II, 7 (fala de Rakitin), trad. Garnett; texto russo (lib.ru) · "se não há imortalidade da alma, não há virtude, logo tudo é permitido" · «нет бессмертия души, так нет и добродетели, значит, все позволено» · [V-ru; V-en: Garnett; tradução do estudo]

85. 1.10 · Heidegger, entrevista ao *Der Spiegel*, Nr. 23, 31 de maio de 1976, trad. Richardson · "só um deus pode salvar-nos"; "uma prontidão para o aparecimento de um deus" · «Only a god can save us» / «a readiness for the appearance of a god» · [V-en: Richardson; tradução do estudo; localização a confirmar]

86. 1.10 · Jaspers, *Philosophie* III e *Der philosophische Glaube* (1948) · a fé filosófica e as cifras da transcendência (sem aspas) · «—» · [paráfrase; localização a confirmar]

87. 1.11 · Marcel, *Être et avoir*, p. 145, na versão de Grassi, nota 194 · "O problema é algo que se encontra, que barra o caminho [...]. O mistério [...] é algo em que me encontro engajado" · «problème» / «mystère» / «engagé» (palavras-chave dadas por Grassi) · [V via secundária: Grassi; tradução do estudo]

88. 1.11 · Marcel, *Position et approches concrètes du mystère ontologique* (1933), p. 87, na versão de Grassi, nota 598 · "A alma mais disponível é a mais consagrada [...] porque sabe que não deve a existência a si mesma" · «disponible» / «consacrée» (palavras-chave dadas por Grassi) · [V via secundária: Grassi; tradução do estudo]

89. 1.11 · Jaspers, *Die Schuldfrage*, Lambert Schneider, 1946, p. 31 · "Culpa metafísica: há uma solidariedade entre os homens como homens [...]. Se não faço o que posso para impedi-los, sou cúmplice" · «Metaphysische Schuld: Es gibt eine Solidarität zwischen Menschen als Menschen … so bin ich mitschuldig.» · [V-de; tradução do estudo]

90. 1.12 · Beauvoir, *Le Deuxième Sexe*, Gallimard, 1949, t. II, 1.ª parte, cap. I; trad. Nova Fronteira, 1980, p. 9, segundo Almeida (*Cadernos Pagu* 12, 1999) · "Ninguém nasce mulher: torna-se mulher" · «On ne naît pas femme : on le devient.» · [V-fr; V-pt via secundária: Almeida]

91. 1.12 · Beauvoir, *Le Deuxième Sexe*, t. I, "Introduction" · "Ele é o Sujeito, ele é o Absoluto: ela é o Outro" · «Il est le Sujet, il est l'Absolu : elle est l'Autre.» · [V-fr; tradução do estudo; página a confirmar]

92. 1.12 · Beauvoir, *Le Deuxième Sexe*, t. II, conclusão · "homens e mulheres afirmem sem equívoco a sua fraternidade" · «hommes et femmes affirment sans équivoque leur fraternité» · [V-fr; tradução do estudo; página a confirmar]

A TRADIÇÃO

1. 1.1 · Kaufmann, *Existentialism from Dostoevsky to Sartre*, Meridian, 1956, citado por Dunzweiler, *Systematic Theology I*, p. 46 · "não é uma filosofia, mas um rótulo para várias revoltas muito diferentes contra a filosofia tradicional" · «Existentialism is not a philosophy but a label for several widely different revolts against traditional philosophy.» · [V-en via secundária: Dunzweiler; tradução do estudo; página do livro de Kaufmann a confirmar]

2. 1.5 · Teixeira, "Querer-se livre e querer-se moral é uma só e mesma decisão: Simone de Beauvoir e a ética da ambiguidade", *Griot* 17/1 (2018), pp. 399–400 · Beauvoir trabalha com um "desvelamento do ser", em oposição a Sartre (paráfrase) · «—» · [V-pt; leitura de Teixeira]

3. 1.8 · Schuback, nota N39 à tradução de *Ser e tempo* (Vozes, 2005), sobre *Fürsorge* e *einspringen/vorausspringen* · "preocupação"; evita o salto (paráfrase) · «—» · [V-pt: Schuback; nota lida, página a confirmar]

4. 1.12 · Safranski, *Ein Meister aus Deutschland: Heidegger und seine Zeit* (1994); trad. Lya Luft, Geração, 2000 · Heidegger, reitor em Freiburg em 1933–34, filiado ao partido nazista (sem aspas) · «—» · [fato histórico;

fonte e página a confirmar em Safranski]

O CÂNON E OS ESCRITOS

1. 1.10 · Cânon v1.2, "Independência confessional" · "A filosofia não decide isso por ninguém; exige apenas fidelidade à luz, seja qual for o nome que cada um lhe dê" · «—» · [letra do cânon]
2. 1.1 · Decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo II · o *amor fati* é de Nietzsche e sai da Ficha II (sem aspas) · «—» · [decisão do fundador]
3. 1.9 · Estudo VIII, 4.2 (Levinas, *Totalidade e Infinito*, p. 134) · "O *Dasein* em Heidegger nunca tem fome" · «—» · [V-pt, via Estudo VIII; leitura do estudo]
4. 1.12 · Estudo VIII, 4.2 (Levinas, "O outro, utopia e justiça", *Entre nós*, pp. 289–290) · "mas a construção comporta ângulos ambíguos"; "Temível autenticidade! O senhor vê o que eu recusaria" · «—» · [V-pt, via Estudo VIII; conferido no digitalizado pelo Estudo VIII]
5. 1.12 · Estudo XIII, 4.6 · "a biografia não é doutrina" · «—» · [leitura do estudo]
6. 1.11 · Decisões do fundador de 23/10/2026 (n.º 11, ordem dos clássicos) e de 31/10/2026 · Marcel e Jaspers são o Estudo XIV · «—» · [decisão do fundador]
7. 1.11 e 1.12 · Decisão n.º 11 de 03/11/2026 sobre o Estudo II e decisão n.º 12 de 04/11/2026 sobre os Estudos III e IV · matéria do tratado da justiça, (g) · «—» · [decisão do fundador]
8. 1.12 · Decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · "A fronteira do escravo por natureza e da mulher é fronteira da série" · «—» · [decisão do fundador]
9. 1.12 · Decisão n.º 11 de 03/11/2026 sobre o Estudo II e decisão n.º 11 de 04/11/2026 sobre os Estudos III e IV · o padrão das fronteiras estende-se à Stoa, ao cristianismo e ao Vedanta, (k) · «—» · [decisão do fundador]

Capítulo 2 — Onde nos tocamos

O EXISTENCIALISMO

1. 2.1 · *Ser e tempo* (*Sein und Zeit*), Tübingen: Niemeyer, 1927, §27, p. 128 · "o Ninguém" a quem o *Dasein* "já se entregou" · «das Niemand, dem alles Dasein im Untereinandersein sich je schon ausgeliefert hat» · [V-de; tradução do estudo]
2. 2.4 · *Ser e tempo*, §9, pp. 42–43 · "escolher-se" · «sich selbst »wählen«» · [V-de; tradução do estudo]
3. 2.5 · *Ser e tempo*, §57, p. 275 · "vem de mim e, contudo, sobre mim" · «Der Ruf kommt aus mir und doch über mich» · [V-de; tradução do estudo]
4. 2.5 · *Ser e tempo*, §57, p. 275 · "contra a expectativa e até contra a vontade" · «wider Erwarten und gar wider Willen» · [V-de; tradução do estudo]
5. 2.6 · *Ser e tempo*, §29, p. 134 · "o puro 'que é' mostra-se; o de onde e o para onde permanecem na obscuridade" · «Das pure »daß es ist« zeigt sich, das Woher und Wohin bleiben im Dunkel» · [V-de; tradução do estudo]
6. 2.6 · *Ser e tempo*, §74, p. 385 · "escolhe seu herói" · «daß das Dasein sich seinen Helden wählt» · [V-de; tradução do estudo]
7. 2.10 · *Ser e tempo*, §26, p. 122 · "saltar em seu lugar"; "cuidado"; "salta adiante" · «einspringen»; «Sorge»; «vorausspringen» · [V-de; tradução do estudo]

8. 2.2 · Sartre, *O ser e o nada* (*L'être et le néant*), I, 2, trad. inglesa de Hazel Barnes, Nova York: Philosophical Library, 1956, p. 60 · "no modo de ser o que não é" · 'I am a waiter in the mode of being what I am not' · [V-en: Barnes; tradução do estudo]

9. 2.2 · Sartre, Barnes, p. 65 · "a estrutura essencial da sinceridade não difere da da má-fé" · 'the essential structure of sincerity does not differ from that of bad faith' · [V-en: Barnes; tradução do estudo]

10. 2.2 · Sartre, Barnes, p. 70, nota 9 · "recuperação de si", que ele chama autenticidade · 'self-recovery'; 'authenticity' · [V-en: Barnes; tradução do estudo]

11. 2.4 · Sartre, *O existencialismo é um humanismo* (*L'existentialisme est un humanisme*), Paris: Nagel, 1970, p. 46 · "escolha, isto é, invente" · «choisissez, c'est-à-dire inventez» · [V-fr; V-pt: Guedes]

12. 2.6 · Sartre, *O existencialismo é um humanismo*, p. 37 · "não se criou a si mesmo" · «parce qu'il ne s'est pas créé lui-même» · [V-fr; V-pt: Guedes]

13. 2.11 · Sartre, *O existencialismo é um humanismo*, p. 22 · "não há natureza humana" · «il n'y a pas de nature humaine» · [V-fr; V-pt: Guedes]

14. 2.11 · Sartre, *O existencialismo é um humanismo*, p. 27 · "escolhendo-me, escolho o homem" · «en me choisissant, je choisis l'homme» · [V-fr; V-pt: Guedes]

15. 2.10 · Sartre, *Entre quatro paredes* (*Huis clos*), cena final · "o inferno são os outros" · «l'enfer, c'est les autres» · [V-fr; página a confirmar]

16. 2.3 · Kierkegaard, *Discursos edificantes em vários espíritos* (*Opbyggelige Taler i forskjellig Aand*), 1847, *Søren Kierkegaards Skrifter* (SKS) 8, p. 138 · "querer uma só coisa" · «at ville Eet» · [V-da; tradução do estudo]

17. 2.4 · Kierkegaard, *Ou–ou* (*Enten–Eller*) II, "Ligevægten", SKS 3, pp. 172–173 · "escolhe a si mesmo, ou melhor, recebe a si mesmo" · «Jeget vælger sig selv, eller rettere, det modtager sig selv» · [V-da; tradução do estudo]

18. 2.4 · Kierkegaard, *Ou–ou*, SKS 3 · o Ou–ou como ato de se escolher, e não como escolha entre o Bem e o Mal · [V-da; paráfrase; página a confirmar]

19. 2.6 · Kierkegaard, *A repetição* (*Gjentagelsen*), SKS 4, p. 9 · "recorda-se para a frente" · «erindres forlænds» · [V-da; tradução do estudo]

20. 2.6 · Ortega y Gasset, *Meditações do Quixote* (*Meditaciones del Quijote*), 1914, *Obras completas*, t. I, Madrid: Revista de Occidente, 1966, p. 322 · "eu sou eu e a minha circunstância" · «yo soy yo y mi circunstancia» · [V-es via secundária: Lara; localização a confirmar]

21. 2.7 · Jaspers, *Introdução à filosofia* (*Einführung in die Philosophie*), p. 18 · "situações além das quais não podemos ir" · «Situationen, über die wir nicht hinaus können» · [V-de; tradução do estudo]

22. 2.7 · Jaspers, *Introdução à filosofia*, p. 19 · "o naufrágio" · «das Scheitern» · [V-de; tradução do estudo]

23. 2.11 · Jaspers, *Introdução à filosofia*, p. 94 · "A verdade começa a dois" · «Die Wahrheit beginnt zu zweien» · [V-de; tradução do estudo]

24. 2.8 · Camus, *O mito de Sísifo* (*Le mythe de Sisyphe*), "Os muros absurdos", p. 45 · "o silêncio desarrazoado do mundo" · «le silence déraisonnable du monde» · [V-fr; tradução do estudo]

25. 2.8 · Camus, *O mito de Sísifo*, p. 168 · "A própria luta rumo aos cumes basta" · «La lutte elle-même vers les sommets suffit à remplir un cœur d'homme» · [V-fr; tradução do estudo]

26. 2.9 · Camus, *A peste* (*La peste*), p. 170 · "trata-se de honestidade"; "consiste em fazer o meu ofício" · «il s'agit d'honnêteté»; «elle consiste à faire mon métier» · [V-fr; tradução do estudo]

27. 2.9 · Camus, *A peste*, p. 256 · “Pode-se ser um santo sem Deus?”; “ser homem” · «Peut-on être un saint sans Dieu»; «d’être un homme» · [V-fr; tradução do estudo]

28. 2.11 · Camus, *O homem revoltado* (*L’homme révolté*), p. 38 · “Eu me revolto, logo somos” · «Je me révolte, donc nous sommes» · [V-fr via secundária: Alves]

29. 2.11 · Camus, *O homem revoltado*, cap. “O homem revoltado” · “uma natureza humana”; “preexiste a toda ação” · «une nature humaine»; «préexiste à toute action» · [V-fr via secundária: Alves; página a confirmar; tradução do estudo]

30. 2.12 · Merleau-Ponty, *Fenomenologia da percepção* (*Phénoménologie de la perception*), trad. inglesa de Colin Smith, Londres: Routledge, 1962, pp. 145–146 · “nosso meio geral de ter um mundo” · ‘our general medium for having a world’ · [V-en: Smith; tradução do estudo]

31. 2.12 · Merleau-Ponty, Smith, pp. 197–198 · “eu sou meu corpo” · ‘I am my body’ · [V-en: Smith; tradução do estudo]

32. 2.12 · Marcel, *Ser e ter* (*Être et avoir*), p. 237 · o corpo como “ter-tipo” · «l’avoir-type» · [V via secundária: Grassi; tradução do estudo]

33. 2.12 · Marcel, *Do recusar ao invocar* (*Du refus à l’invocation*), p. 34 · dizer “eu sou meu corpo” é “emitir um juízo negativo” · «je suis mon corps» · [V via secundária: Grassi; tradução do estudo]

34. 2.13 · Marcel, *Posição e abordagens concretas do mistério ontológico* (*Position et approches concrètes du mystère ontologique*), p. 87 · a *disponibilité*, de quem “não se pertence” · [V via secundária: Grassi; tradução do estudo]

35. 2.14 · Beauvoir, *O segundo sexo* (*Le deuxième sexe*), t. II, 1.ª parte, cap. I · “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”; “nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade” · «On ne naît pas femme : on le devient» · [V-fr; V-pt via secundária: Almeida; página a confirmar]

A TRADIÇÃO

1. 2.13 · Ricoeur, *O si-mesmo como um outro* (*Soi-même comme un autre*), edição espanhola, pp. 292–293 · “Gabriel Marcel dá a essa fidelidade o nome de disponibilidade” · [V-es via secundária: Estudo IX, 4.2]

O CÂNON E OS ESCRITOS

1. 2.1 · Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve” · “pode estar plenamente presente e, ainda assim, encoberta — por medo, por hábito, por adaptação às expectativas alheias”

2. 2.1 · Tratado da Luz Interior, “O problema que responde” · a “ferida” de quem mede o valor pelo desempenho

3. 2.1 · Meditações Práticas, “O Acender da manhã” · “por um instante, ainda não é ninguém — não é o cargo, não é a lista de mensagens não lidas [...]. É só luz”

4. 2.1, 2.11 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “de todos e de ninguém”; “Ninguém navega um rio privado”; “devo ao rio o próprio fluxo”; “a luz é pessoal, nunca individual: o indivíduo define-se pelo que o separa; a pessoa, pelo que a abre”

5. 2.1 · Tratado das Águas Comuns, “Definição” · “de ninguém” não quer dizer “de quem chegar primeiro”

6. 2.11 · Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação” · “toda vida atual é encontro”

7. 2.2, 2.3, 2.4 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “a luz está lá? Posso estar lá inteiro, sem me trair? Se a resposta é não, não vou. Porque eu sem a minha luz sou uma mentira”

8. 2.3 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “a pergunta decisiva é uma só”
9. 2.4 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “a Bússola não escolhe os caminhos por ninguém; ela apenas veta os que exigiriam apagar a luz para percorrê-los”
10. 2.4 · Cânon v1.2, “A Arquitetura” · a Bússola como “a decisão”; entre os eixos dos elementos, “a escolha”
11. 2.2 · Catecismo, 25 · “ir aonde a luz não está exige apagá-la, e quem a apaga passa a viver o que não é”
12. 2.4 · Catecismo, 24 · “a decisão é sempre de quem caminha”
13. 2.10 · Catecismo, 14 · o Portar: “levar consigo, como mensagem”
14. 2.3 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “Integridade: coerência entre o que se é por dentro e o que se vive por fora”
15. 2.6, 2.14 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “anterior a qualquer conquista ou circunstância”
16. 2.6 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II · “Ninguém começa do zero. Somos herdeiros de gerações e civilizações inteiras — e ancestrais de quem virá”
17. 2.13 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III · “Disponibilidade: prontidão interior para o novo, sem apego ansioso ao que passa”
18. 2.12 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV · “A transcendência passa pela matéria. O corpo, o lugar, o ritmo — os ‘tijolos do templo’ — não são obstáculos ao espírito: são seu instrumento”; “estar inteiro onde o corpo está”
19. 2.3 · Cânon v1.2, “Regra de Vida”, Manhã · “a única coisa que hoje não pode ficar sem luz”
20. 2.5, 2.9 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · não é teísta, ateu nem agnóstico; para quem crê a Luz tem nome próprio, para quem não crê é “a consciência mais funda, o verdadeiro em si”; “a filosofia não decide isso por ninguém”
21. 2.7, 2.9 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “há escuridões que nenhuma bússola veta: a perda, a doença, o acaso que desaba”; “a luz não promete o amanhecer nem finge que não é noite”; “a Vigília promete presença, não vitória”; “é o mal que ninguém causou”
22. 2.8 · Tratado da Vigília, “Objeção provável e resposta breve” · “se a noite não tem sentido, a luz que nela vela não seria ilusão?”; “uma luz acesa dentro da noite, que não precisa do fim para valer”
23. 2.9 · Cânon v1.2, “O Abrigo” · “Sê casa para o outro”; “lugar seguro no rio: braços onde o cansado descansa, casa para quem está cansado de estar só”
24. 2.6 · Meditações Práticas, “A mudança deliberada da semana” · “repetir” como crítica da semana sempre igual
25. 2.8 · Decisão n.º 2 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII · a resposta adotada para a segunda pergunta da série, “o que há no fundo da noite?”
26. 2.10 · Decisão n.º 3 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII · “o olhar do outro apenas vê”; o Abrigo “revela e nada exige”
27. 2.10 · Decisão n.º 4 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII · “O Abrigo não vai até a substituição. O limite é a Bússola: ser casa para o outro nunca pede que a luz própria se apague”
28. 2.5 · Decisão n.º 5 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX · a voz do outro “em mim”

29. 2.7 · Decisão n.º 10 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX · a fronteira entre noite e lobo passa pelo ato, não pela pessoa
30. 2.12 · Decisão n.º 6 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · "só templo": o corpo não encobre a luz
31. 2.5 · Decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · o veto é a própria Luz, "sem voz externa"
32. 2.5 · Decisão n.º 4 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · o veto percebe o particular
33. 2.14 · Decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · a fronteira da série, nascida do escravo por natureza e da mulher em Aristóteles
34. 2.14 · Decisão n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · "nenhuma pessoa está fora da Lux"
35. 2.12 · Decisão n.º 8 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · *A cidade de Deus*, XIV, 3, como aliado do Corpus
36. 2.5 · Decisão n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · o veto inclui as perspectivas dos outros
37. 2.1 · Decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · "o Examinar é o que a irreflexão dispensa"
38. abertura, 2.1 · Decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo I · "a Lux é de alguém"; a mente luminosa não é nome da Lux
39. abertura · Decisão n.º 4 de 03/11/2026 sobre o Estudo II · o *logos* não é nome da Lux
40. 2.14 · Decisão n.º 11 de 03/11/2026 sobre o Estudo II · a fronteira estendida à Stoa
41. 2.5 · Decisão n.º 7 de 04/11/2026 sobre o Estudo III · a consciência lida como voz de Deus
42. 2.6 · Decisão n.º 8 de 04/11/2026 sobre o Estudo III · "culpa herdada × rio herdado"
43. 2.14 · Decisão n.º 11 de 04/11/2026 sobre os Estudos III e IV · a fronteira estendida ao cristianismo e ao Vedanta
44. 2.1 · Ficha do Estudo V, versão anterior · "a ferida do Pilar I" · [Ficha, não cânon]
45. 2.2, 2.11 · Ficha do Estudo V, versão anterior · "autenticidade" para a Bússola; "o rio não é indiferente" · [Ficha, não cânon]
46. 2.1 · Estudo XIII, 3.8 e 4.6 · a irreflexão e o "social" de Arendt ao lado do "a gente" · [leitura do estudo]
47. 2.3 · Estudo VII, 4.5 · o palácio e o celeiro lidos como o que "a integridade pede" · [leitura do estudo]
48. 2.7 · Estudo IX, 5.5 · as situações-limite tocam a Vigília "na medida em que sejam noite" · [leitura do estudo]
49. 2.13 · Estudo IX, 4.2 e 5.5 · a coincidência de vocabulário em Marcel e Ricoeur, sem ponte · [leitura do estudo]

Capítulo 3 — Onde nos separamos

O EXISTENCIALISMO

1. 3.1 · Sartre, *L'existentialisme est un humanisme*, Nagel, p. 17 · "a existência precede a essência" · «l'existence précède l'essence» · [V-fr; V-pt: Guedes]
2. 3.1 · Sartre, *L'existentialisme est un humanisme*, p. 21 · "existe primeiro, encontra-se, surge no mundo, e se define depois" · «l'homme existe d'abord, se rencontre, surgit dans le monde, et se définit après» · [V-fr; tradução do estudo]
3. 3.1 · Sartre, *L'existentialisme est un humanisme*, p. 38 · "inventar o homem a cada instante" · «inventer l'homme» · [V-fr; V-pt: Guedes]

4. 3.1 · Sartre, *L'existentialisme est un humanisme*, p. 46 · "escolha, isto é, invente" · «choisissez, c'est-à-dire inventez» · [V-fr; V-pt: Guedes]

5. 3.1, 3.3 · Sartre, *L'existentialisme est un humanisme*, p. 27 · "escolhendo-me, escolho o homem" · «en me choisissant, je choisis l'homme» · [V-fr; V-pt: Guedes]

6. 3.1 · Kierkegaard, *Søren Kierkegaards Skrifter* (SKS) 3, *Enten–Eller* II, 172–173 · "escolhe a si mesmo, ou melhor, recebe a si mesmo" · [V-da; tradução do estudo]

7. 3.1 · Camus, *L'homme révolté*, cap. "L'homme révolté" · "há uma natureza humana" · [V-fr via secundária; página a confirmar; tradução do estudo]

8. 3.1 · Marcel, *Du refus à l'invocation*, p. 149 · "metafisicamente falando, não me pertenço" · «je ne m'appartiens pas» · [V via secundária: Grassi; tradução do estudo]

9. 3.2 · Heidegger, *Sein und Zeit*, §27, p. 128 · "cada um é o outro e ninguém é ele mesmo" · «Jeder ist der Andere und Keiner er selbst» · [V-de; tradução do estudo]

10. 3.2 · Sartre, *L'être et le néant*, Barnes, p. 65 · sinceridade "não difere da da má-fé" · [V-en: Barnes; tradução do estudo]

11. 3.2 · Kierkegaard, SKS 11, *Sygdommen til Døden*, II, 191 · "diante de Deus [...] desesperadamente não querer ser si mesmo" · [V-da; tradução do estudo]

12. 3.2 · Kierkegaard, SKS 11, *Sygdommen til Døden*, I, A, 164 · "repousa transparente no Poder que o pôs" · [V-da; tradução do estudo]

13. 3.3 · Kierkegaard, SKS 3, *Enten–Eller* II, 165–166 · o Ou–ou não é a escolha entre o Bem e o Mal · [V-da; página a confirmar; tradução do estudo]

14. 3.3 · Jaspers, *Filosofía* II, cap. VI · "a liberdade é a escolha de mim mesmo" · [V-es: Vela; página a confirmar; tradução do estudo]

15. 3.4 · Kierkegaard, SKS 8, *Hjertets Reenhed er at ville Eet*, 138 · "a pureza de coração é querer uma só coisa" · [V-da; tradução do estudo]

16. 3.5 · Heidegger, *Sein und Zeit*, §57, p. 275 · "o chamado vem de mim e, contudo, sobre mim" · «Der Ruf kommt aus mir und doch über mich» · [V-de; tradução do estudo]

17. 3.6 · Kierkegaard, SKS 4, *Begrebet Angest*, II, §2, 365–366 · "vertigem da liberdade" · [V-da; tradução do estudo]

18. 3.6 · Heidegger, *Sein und Zeit*, §40, p. 186; §29, p. 134 · "o ser-no-mundo como tal"; "no escuro" · [V-de; tradução do estudo]

19. 3.6 · Jaspers, *Einführung in die Philosophie*, pp. 18–19 · situações-limite; "o caminho para o ser" · [V-de; tradução do estudo]

20. 3.6, 3.8, 3.12 · Camus, *Le mythe de Sisyphe*, pp. 45, 57, 168 · o absurdo; o salto; Sísifo · [V-fr; tradução do estudo]

21. 3.7 · Heidegger, *Sein und Zeit*, §47, p. 240; §52, pp. 258–259 · «Keiner kann dem Anderen sein Sterben abnehmen»; a possibilidade mais própria · [V-de; tradução do estudo]

22. 3.8 · Sartre, *L'être et le néant*, Barnes, pp. 479, 547 · "é absurdo que tenhamos nascido; é absurdo que morramos" · [V-en: Barnes; tradução do estudo]

23. 3.9 · Sartre, *Huis clos*, Gallimard, p. 93 · “o inferno são os outros” · «l’enfer, c’est les Autres» · [V-fr via secundária: Longo; data a confirmar]

24. 3.9 · Sartre, *L’être et le néant*, Barnes, pp. 288–289 · o olhar; a queda original · [V-en: Barnes; tradução do estudo]

25. 3.9 · Heidegger, *Sein und Zeit*, §26, p. 122 · *einspringen* × *vorausspringen* · [V-de; tradução do estudo]

26. 3.10 · Marcel, *Homo viator*, p. 77 · “espero em ti por nós” · «J’espère en toi pour nous» · [V via secundária: Pugeda; edição e localização a confirmar]

27. 3.10 · Marcel, *Position et approches concrètes du mystère ontologique*, p. 87 · *disponibilité* · [V via secundária: Grassi]

28. 3.10 · Jaspers, *Einführung in die Philosophie*, pp. 88, 94 · “a verdade começa a dois” · «Die Wahrheit beginnt zu zweien» · [V-de; tradução do estudo]

29. 3.11 · Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la perception*, trad. Smith, pp. 145–146, 197–198 · “eu sou meu corpo”; “meio geral de ter um mundo” · [V-en; tradução do estudo]

30. 3.11 · Marcel, *Être et avoir*, p. 237 · o corpo como tipo do ter · [V via secundária: Grassi]

31. 3.11 · Zaner, *The Philosophy of Gabriel Marcel*, pp. 320–321 · “protótipo do ter e da instrumentalidade” · [V-en via secundária: Grassi, 2008]

32. 3.12 · Unamuno, *Del sentimiento trágico de la vida*, cap. III · «crear en fuerza de fe» · [V-es; tradução do estudo; página a confirmar]

33. 3.13 · Kierkegaard, SKS 4, *Frygt og Bæven*, Problema I, 148, 155–156 · suspensão teleológica; o Singular · [V-da; paráfrase; localização a confirmar]

34. 3.13 · Kierkegaard, *Temor e tremor*, “Stemning”, Marinho, p. 271 · “pelo absurdo” · [V-da via secundária: Marinho; tradução do estudo]

35. 3.13 · Sartre, *L’existentialisme est un humanisme*, pp. 30–31 · “nada me designa para ser Abraão” · «Rien ne me désigne pour être Abraham» · [V-fr; tradução do estudo]

36. 3.14 · Beauvoir, *Le deuxième sexe*, II, 1.ª parte, cap. I, Nova Fronteira, 1980, p. 9 · “não se nasce mulher: torna-se” · «On ne naît pas femme : on le devient» · [V-fr; V-pt]

37. 3.14 · Jaspers, *Die Schuldfrage*, p. 64 · “a falta da solidariedade absoluta com o homem como homem” · [V-de; tradução do estudo]

A TRADIÇÃO

1. 3.14 · Safranski, sobre 1933 · [paráfrase; página a confirmar]

O CÂNON E OS ESCRITOS

1. 3.1, 3.15 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “anterior a qualquer conquista ou circunstância. A luz não se acende — ela se revela”

2. 3.1 · Tratado da Luz Interior, “Definição” · “Acender supõe ausência prévia…”

3. 3.1 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “anterior ao seu desempenho… reconhecê-lo, não fabricá-lo”

4. 3.2 · Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve” · “por adaptação às expectativas alheias”

5. 3.2 · Tratado das Águas Comuns, “O problema que responde” · “É a correnteza que cobra”

6. 3.2 · Catecismo, 25 · “passa a viver o que não é”
7. 3.2, 3.3, 3.13 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “apenas veta”; “eu sem a minha luz sou uma mentira”
8. 3.3, 3.15 · Catecismo, 24 · “A decisão é sempre de quem caminha”
9. 3.3 · Disputatio, “Respondeo” · “nasceu, de fato, na voz do agente”
10. 3.4 · Catecismo, 8 · “vive dividido”
11. 3.5, 3.12 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “A filosofia não decide isso por ninguém”
12. 3.6 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “há escuridões que nenhuma bússola veta”; “A noite é o mal que ninguém causou”
13. 3.6, 3.7, 3.10 · Tratado da Vigília · “uma luz acesa dentro da noite”; “não precisa do fim para valer”
14. 3.6 · Tratado da Luz Interior, “O problema que responde” · “ansiedade sem fundo”
15. 3.8 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II · “reconhecer-se pequeno no rio, mas parte dele”
16. 3.8 · Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação” · a companhia
17. 3.8 · Disputatio, Objeção III · a indiferença
18. 3.11 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV · “são seu instrumento”
19. 3.11 · Tratado da Luz Interior; Tratado das Águas Comuns, “O problema que responde” · “instrumento, nunca como fim”; “vê no rio um instrumento”
20. 3.10 · Tratado da Vigília, “Definição” · “A Vigília não se chama resistência [...]”

1. 3.7 · 19/10/2026, Estudo VIII, n.º 2 · a presença
2. 3.9 · 17/10/2026, Estudo VII, n.º 3; 19/10/2026, Estudo VIII, n.º 3 e 4 · o Abrigo
3. 3.4, 3.5, 3.13 · 23/10/2026, Estudo IX, n.º 7; Estudo X, n.º 3 e n.º 7
4. 3.7, 3.14 · 31/10/2026, Estudo XI, n.º 7; Estudo XII, n.º 7; Estudo XIII, n.º 2
5. 3.1, 3.6, 3.8, 3.15 · 03/11/2026, Estudo I, n.º 3; Estudo II, n.º 1, n.º 7 e n.º 11
6. 3.2, 3.5, 3.12, 3.14 · 04/11/2026, Estudo III, n.º 7 e n.º 8; Estudo IV, n.º 9; Estudos III e IV, n.º 12

1. 3.1, 3.8, 3.15 · Ficha do Estudo V, outubro · [Ficha, não cânon]
2. 3.13 · Estudo VII, 5.1 · a questão (j) · [leitura do estudo]
3. 3.7 · Estudo XIII, 4.6 · a fronteira da antecipação · [leitura do estudo]

Capítulo 4 — O existencialismo diante das casas da série

O EXISTENCIALISMO

1. 4.1 · Kierkegaard, *Pós-escrito conclusivo não científico* (*Afsluttende uvidenskabelig Efterskrift*), 1846, sob o pseudônimo Johannes Climacus · “a) pode-se dar um sistema lógico; b) mas não se pode dar nenhum sistema da existência” · [V via secundária: Estudo VII, 4.5]
2. 4.1, 4.11 · Sartre, *O ser e o nada* (*L’Être et le néant*), 1943 · “a intuição genial de Hegel”; “por princípio impossível” · [V via secundária: Estudo VII, 4.5; localização a confirmar]

3. 4.1 · Kierkegaard, *Temor e tremor* (*Frygt og Bæven*), Problema I, *Søren Kierkegaards Skrifter* (SKS) 4, 159 · "como o Singular, tornou-se mais alto que o Universal" · «Han er som den Enkelte bleven høiere end det Almene» · [V-da; tradução do estudo]
4. 4.1 · Kierkegaard, *Discursos edificantes em diversos espíritos* (*Opbyggelige Taler i forskjellig Aand*), 1847 · "querer uma só coisa é, portanto, querer o bem sem consideração pela recompensa" · [V via secundária: Estudo VII, 5.1]
5. 4.3 · Heidegger, *Ser e tempo* (*Sein und Zeit*), §52, pp. 258–259 da edição alemã, Tübingen: Niemeyer · "a possibilidade mais própria, irrelativa, certa" · «die eigenste, unbezügliche, gewisse und als solche unbestimmte, unüberholbare Möglichkeit des Daseins» · [V-de; tradução do estudo]
6. 4.5 · Heidegger, *Ser e tempo*, §6 · "é a primeira interpretação detalhada desse fenômeno que chegou até nós" · [V via secundária: Estudo XI, 4.4; tradução do estudo; página a confirmar]
7. 4.5 · Kierkegaard, *Migalhas filosóficas* (*Philosophiske Smuler*), "Interlúdio", nota · "está em começar pelo princípio de que tudo o que é necessário é possível" · [V via secundária: Estudo XI, 4.4; tradução do estudo; página a confirmar]
8. 4.10 · Kierkegaard, *A doença para a morte* (*Sygdommen til Døden*), II, SKS 11, 191 (Lowrie, p. 129, via Estudo III, 1.5) · "diante de Deus, em desespero não querer ser si mesmo" · «for Gud, […] fortvivlet ikke at ville være sig selv» · [V-da; tradução do estudo]
9. 4.13 · Sartre, *Questão de método* (*Questions de méthode*), p. 14 · "a filosofia insuperável do nosso tempo" · «le marxisme comme l'indépassable philosophie de notre temps» · [V-fr via secundária; localização a confirmar]
10. 4.13 · Camus, *O homem revoltado* (*L'Homme révolté*), 1951, cap. "L'homme révolté" · "esse valor que preexiste a toda ação contradiz as filosofias puramente históricas" · «cette valeur qui préexiste à toute action contredit les philosophies purement historiques» · [V-fr via secundária; tradução do estudo; página a confirmar]
11. 4.14 · Heidegger, *Ser e tempo*, §9, p. 43 da edição alemã (Schuback, Vozes) · "não diz 'ser' menos nem um grau 'inferior' de ser" · [V-pt: Schuback; página a confirmar]
12. 4.14 · Sartre, *O ser e o nada*, Paris: Gallimard, pp. 651–652 · "uma preocupação ética" · «entachée d'un souci éthique, en dépit de son auteur et par sa terminologie même» · [V-fr; tradução do estudo]

A TRADIÇÃO

1. 4.1 · Hegel, *Fenomenologia do Espírito*, Prefácio, §20 · "O verdadeiro é o todo" · [V via secundária: Estudo VII, 4.5]
2. 4.2 · Levinas, *Totalidade e Infinito*, p. 33 · "A ontologia como filosofia primeira é uma filosofia do poder" · [V via secundária: Estudo VIII, 4.2]
3. 4.2 · Levinas, *Totalidade e Infinito*, p. 134 · "O *Dasein* em Heidegger nunca tem fome" · [V via secundária: Estudo VIII, 4.2]
4. 4.2 · Levinas, *Totalidade e Infinito*, p. 303 · "O encontro com o Outro em Sartre ameaça minha liberdade e equivale à queda da minha liberdade sob o olhar de outra liberdade" · [V via secundária: Estudo VIII, 4.2; tradução do estudo]
5. 4.2 · Levinas, "O outro, utopia e justiça", *Entre nós*, pp. 289–290 · "sem mais se dissolvem ou 'saltam' todas as 'relações aos outros'"; "Temível autenticidade! O senhor vê o que eu recusaria" · [V via secundária: Estudo VIII, 4.2]

6. 4.3, 4.8 · Ricoeur, *Tempo e narrativa* III, ed. pt., p. 115 · "numa configuração ética, muito marcada por certo estoicismo, que a resolução diante da morte constitui a prova suprema de autenticidade" · [V via secundária: Estudo IX, 4.2]

7. 4.3, 4.8 · Ricoeur, *Tempo e narrativa* III, ed. pt., p. 436 · "uma celebração da vida de preferência a uma preparação para a morte" · [V via secundária: Estudo IX, 4.2]

8. 4.3 · Ricoeur, *A memória, a história, o esquecimento*, ed. fr., p. 465 · "o silêncio de *Ser e tempo* sobre o fenômeno do nascimento" · [V via secundária: Estudo IX, 4.2; tradução do estudo]

9. 4.4 · Kierkegaard, *O conceito de ironia* (*Om Begrebet Ironi*), lido por Utterback · "fundador da dialética"; "dialética negativa"; "a ideia da dialética", não "a dialética da Ideia" · [V via secundária: Estudo X, 4.4; tradução do estudo]

10. 4.4 · Jaspers, *Os grandes filósofos* (*Die großen Philosophen*), resenha de Quigley · "os indivíduos paradigmáticos"; "os pensadores seminais, dos quais só há três (Platão, Agostinho e Kant)" · [V via secundária: Estudo X, 4.4; tradução do estudo]

11. 4.5 · Aristóteles, *Física* IV, 11, 219b1–2 · "número do movimento segundo o antes e o depois" · [V via secundária: Estudo XI, 4.4; tradução do estudo]

12. 4.6 · Agostinho, *Confissões* IV, 4, 9 · "uma grande questão para mim mesmo" · [V via secundária: Estudo XII, 4.5; página a confirmar]

13. 4.6 · Agostinho, *Confissões* X, 33, 50 · "tornei-me para mim mesmo um problema" · [V via secundária: Estudo XII, 4.5; localização a confirmar]

14. 4.6 · Heidegger, curso de verão de 1921, lido por Santos (2019 e 2021) · o *curare*, o cuidado, e a perda de si como *deformitas* e *defluxus* · [V via secundária: Santos]

15. 4.6 · Agostinho, *Confissões* XI, 26, 33, citado por Heidegger, *Ser e tempo*, §81, pp. 427–428 · "não é outra coisa senão distensão; mas de que coisa, não sei, e será de admirar se não for do próprio espírito" · [V via secundária: Estudo XII, 4.5; tradução do estudo]

16. 4.7 · Arendt, "Martin Heidegger faz oitenta anos" · Heidegger e Platão voltados para tiranos e Führers · [V via secundária: Estudo XIII, 4.6; paráfrase]

17. 4.7 · Arendt, escritos sobre Jaspers (*laudatio*) · *humanitas* e mentalidade alargada · [V via secundária: Estudo XIII, 4.6; paráfrase; localização a confirmar]

18. 4.8 · Epicteto, *Encheirídion*, 17 · "interpretar belamente o papel que te é dado — mas escolhê-lo, cabe a outro" · [V via secundária: Estudo II, 1.5; V-pt: Dinucci–Julien]

19. 4.9 · Nishitani, verbete "Kyoto School", *Stanford Encyclopedia of Philosophy* · "o convidava com frequência à sua casa para aprender sobre o Zen" · [V via secundária: Estudo I, 4.6; tradução do estudo]

20. 4.9 · Dōgen, *Shōbōgenzō*, "Genjōkōan" · "esquecer-se de si" · [V via secundária: Estudo I, 4.6; tradução do estudo]

21. 4.14 · Taylor, *The Ethics of Authenticity* ("A ética da autenticidade"), Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1991, p. 15 · "O ideal moral por trás da autorrealização é o de ser fiel a si mesmo" · «The moral ideal behind self-fulfilment is that of being true to oneself» · [V-en; tradução do estudo]

O CÂNON E OS ESCRITOS

1. 4.1, 4.12 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “a luz é pessoal, nunca individual”
2. 4.1 · Cânon v1.2, “O Abrigo” · “uma filosofia que só protege a própria luz vira lamparina de museu”
3. 4.1, 4.2 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “apenas veta os que exigiriam apagar a luz para percorrê-los”
4. 4.3, 4.10 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II · “Ninguém começa do zero”
5. 4.4 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “o indivíduo define-se pelo que o separa”
6. 4.4, 4.5 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “Porque eu sem a minha luz sou uma mentira”
7. 4.4, 4.14 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Virtude” · “coerência entre o que se é por dentro e o que se vive por fora”
8. 4.14 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “Posso estar lá inteiro, sem me trair?”
9. 4.6, 4.8 · Catecismo, 14 · “Suportar é aguentar o que vem; portar é levar consigo, como mensagem, o que a mudança traz”
10. 4.6 · Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve” · “por hábito”
11. 4.9 · Tratado da Luz Interior, “Definição” · “vazio que precisa ser preenchido”
12. 4.7 · Tratado da Vigília, “Definição” · “com ou sem intenção”
13. 4.9 · Tratado da Vigília, “Definição” · “o mal que ninguém causou”
14. 4.13 · Disputatio, 4, *ad tertium* · “subsiste, sim, uma ausência: o cânon não possui hoje um princípio explícito de justiça ou responsabilização”
15. 4.2 · Decisão n.º 3 de 17/10/2026, Estudo VII · “não a fabrica, mas pode ser o primeiro a vê-la”
16. 4.3 · Decisão n.º 5 de 23/10/2026, Estudo IX · “A voz do outro ‘em mim’ é a própria Luz”
17. 4.4 · Decisão n.º 7 de 23/10/2026, Estudo X · “o sinal de Sócrates fica em Platão”
18. 4.9 · Decisão n.º 3 de 03/11/2026, Estudo I · “a Lux é de alguém”
19. 4.9 · Decisão n.º 6 de 03/11/2026, Estudo I · “o cânon não diz que a vida é sofrer; diz que há noite”
20. 4.8 · Decisão n.º 3 de 03/11/2026, Estudo II · “consentir ao destino”
21. 4.13 · Decisão n.º 11 de 03/11/2026, Estudo II · “até o estudo de Marx”
22. 4.10 · Decisão n.º 7 de 04/11/2026, Estudo III · “apenas veta”
23. 4.10 · Decisão n.º 8 de 04/11/2026, Estudo III · “em lugar de ‘pecado’, a luz encoberta, a noite e o lobo”
24. 4.13 · Decisão n.º 11 de 04/11/2026, Estudos III e IV · “até o estudo de Marx”
25. 4.11 · Decisão n.º 2 de 04/11/2026, Estudo IV · “O Si é a sua luz”; “a luz não se acende — ela se revela”
26. 4.11 · Decisão n.º 12 de 04/11/2026, Estudo IV · “atemporal”; “eterna” e “imortal” não se dizem da Lux
27. 4.1 · Estudo VII, 4.5 · “aliados parciais” · [leitura do estudo]
28. 4.3 · Estudo IX, 4.2 · “morte” e “morrer” não ocorrem · [leitura do estudo]

Capítulo 5 — A Ficha e as prévias: o que a série já disse do existencialismo

O EXISTENCIALISMO

1. 5.1 · Heidegger, *Ser e tempo* (*Sein und Zeit*), §38, Tübingen: Niemeyer, 1927, p. 175; trad. Macquarrie–Robinson · "não exprime nenhuma avaliação negativa" · «Der Titel, der keine negative Bewertung ausdrückt …» · [V-de; V-en: Macquarrie–Robinson; tradução do estudo]
2. 5.1 · Heidegger, *Ser e tempo*, §9, p. 43 da edição alemã; trad. Schuback, Petrópolis: Vozes · "A impropriedade […] não diz 'ser' menos nem um grau 'inferior' de ser" · [V-pt: Schuback; V-en: Macquarrie–Robinson; página a confirmar]
3. 5.1, 5.4 · Kierkegaard, "Hjertets Reenhed", em *Opbyggelige Taler i forskjellig Aand* (1847), *Søren Kierkegaards Skrifter* (SKS) 8, 138 · "A pureza de coração é querer uma só coisa" · «Hjertets Reenhed er at ville Eet» · [V-da; tradução do estudo]
4. 5.1 · Sartre, *O existencialismo é um humanismo* (*L'existentialisme est un humanisme*), Paris: Nagel, 1970, p. 17; trad. Rita Correia Guedes · "a existência precede a essência" · «l'existence précède l'essence» · [V-fr; V-pt: Guedes]
5. 5.1 · Sartre, mesma obra, p. 46 · "escolha, isto é, invente" · «choisissez, c'est-à-dire inventez» · [V-fr; V-pt: Guedes]
6. 5.1 · Camus, *O homem revoltado* (*L'Homme révolté*), Paris: Gallimard, 1951, cap. "L'homme révolté" · "preexiste a toda ação" · «préexiste à toute action» · [V-fr via secundária; tradução do estudo; localização a confirmar]
7. 5.1 · Sartre, *O ser e o nada* (*L'Être et le néant*), Paris: Gallimard, 1943; trad. Barnes (*Being and Nothingness*), pp. 479 e 547 · "absurdo", dito da escolha livre e da morte · [V-en: Barnes; tradução do estudo]
8. 5.2, 5.4 · Heidegger, *Ser e tempo*, §26, p. 122 da edição alemã; trad. Macquarrie–Robinson, pp. 158–159 · "saltar em seu lugar"; "salta adiante" · «einspringen»; «vorausspringt» · [V-de; V-en: Macquarrie–Robinson; tradução do estudo]
9. 5.2, 5.4 · Heidegger, *Ser e tempo*, §57, p. 275 da edição alemã · "o chamado vem de mim e, no entanto, sobre mim" · «Der Ruf kommt aus mir und doch über mich» · [V-de; V-en: Macquarrie–Robinson; tradução do estudo]
10. 5.3 · Kierkegaard (Johannes Climacus), *Pós-escrito conclusivo não científico* (1846), segundo o Estudo VII, 4.5 · "a) pode-se dar um sistema lógico; b) mas não se pode dar nenhum sistema da existência" · [V via secundária: Estudo VII, 4.5]
11. 5.4 · Kierkegaard, *Ou–ou* (*Enten–Eller*) II, "Ligevægten", SKS 3, 172–173 · "o eu escolhe a si mesmo, ou melhor, recebe a si mesmo" · «Jeget vælger sig selv, eller rettere, det modtager sig selv» · [V-da; tradução do estudo]
12. 5.4 · Ortega y Gasset, *Meditações do Quixote* (*Meditaciones del Quijote*), 1914, *Obras completas*, I, 1966, p. 322, segundo Lara Fernández (2013) · "eu sou eu e a minha circunstância" · «yo soy yo y mi circunstancia» · [V-es via secundária: Lara; tradução do estudo]
13. 5.4 · Merleau-Ponty, *Fenomenologia da percepção* (*Phénoménologie de la perception*), 1.ª parte; trad. Smith (*Phenomenology of Perception*), pp. 145–146 · "O corpo é o nosso meio geral de ter um mundo" · 'The body is our general medium for having a world' · [V-en: Smith; tradução do estudo]
14. 5.4 · Sartre, *O existencialismo é um humanismo*, p. 22 · "o homem nada mais é do que aquilo que faz de si" · «l'homme n'est rien d'autre que ce qu'il se fait» · [V-fr; tradução do estudo]

15. 5.4 · Kierkegaard, *O conceito de angústia* (*Begrebet Angest*), cap. II, §2, SKS 4, 365–366 · “Assim a angústia é a vertigem da liberdade” · «Saaledes er Angest den Frihedens Svimlen» · [V-da; tradução do estudo]

16. 5.4 · Heidegger, *Ser e tempo*, §47, p. 240 da edição alemã · “Ninguém pode tirar do outro o seu morrer” · «Keiner kann dem Anderen sein Sterben abnehmen» · [V-de; V-en: Macquarrie–Robinson; tradução do estudo]

17. 5.4 · Camus, *O mito de Sísifo* (*Le Mythe de Sisyphe*), Paris: Gallimard, 1942, “Os muros absurdos”, p. 45 · “o silêncio desarrazoado do mundo” · «le silence déraisonnable du monde» · [V-fr; tradução do estudo]

18. 5.4 · Sartre, *Entre quatro paredes* (*Huis clos*), Paris: Gallimard, 2012, p. 93, segundo Longo (2009) · “o inferno são os outros” · «l’enfer, c’est les Autres» · [V-fr via secundária: Longo]

19. 5.4 · Kierkegaard, *A doença para a morte* (*Sygdommen til Døden*), II, SKS 11, 191 · “Pecado é: diante de Deus [...] desesperadamente não querer ser si mesmo, ou desesperadamente querer ser si mesmo” · «Synd er: for Gud, eller med Forestillingen om Gud fortvivlet ikke at ville være sig selv, eller fortvivlet at ville være sig selv» · [V-da; tradução do estudo]

20. 5.4 · Beauvoir, *O segundo sexo* (*Le Deuxième Sexe*), Paris: Gallimard, 1949, t. II, 1.ª parte, cap. I, abertura · “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” · «On ne naît pas femme : on le devient» · [V-fr; V-pt via secundária: Almeida; página a confirmar]

A TRADIÇÃO

1. 5.3 · Alves, segundo o Estudo VII, 4.5, sobre Sartre e o *Mitsein* · Sartre rejeita o *Mitsein* · [paráfrase; V via secundária: Alves; localização a confirmar]

2. 5.3 · Levinas, “O outro, utopia e justiça”, em *Entre nós*, pp. 289–290, segundo o Estudo VIII, 4.2 · “Temível autenticidade!” · [V-pt; V via secundária: Estudo VIII, 4.2]

3. 5.3 · Ricoeur, *A memória, a história, o esquecimento*, ed. fr., p. 465, segundo o Estudo IX, 4.2 · “o silêncio de *Ser e tempo* sobre o fenômeno do nascimento” · [V-fr via secundária: Estudo IX, 4.2]

O CÂNON E OS ESCRITOS

1. 5.1 · Cânon v1.2, Parte IV · “PARTE IV — PAPÉIS”

2. 5.1, 5.4 · Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve” · “a luz pode estar plenamente presente e, ainda assim, encoberta — por medo, por hábito, por adaptação às expectativas alheias”

3. 5.1, 5.4 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “Posso estar lá inteiro, sem me trair? Se a resposta é não, não vou”

4. 5.1 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “a pergunta decisiva é uma só: a luz está lá?”

5. 5.1 · Cânon v1.2, “Regra de Vida”, Manhã · “a única coisa que hoje não pode ficar sem luz”

6. 5.1, 5.4 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Princípio” · “anterior a qualquer conquista ou circunstância”; “A luz não se acende — ela se revela”

7. 5.1 · Disputatio, 1, Objeção III · “indiferença moral disfarçada de serenidade”

8. 5.1 · Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação” · “cada um se faz companhia”

9. 5.1, 5.4 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II, “Princípio” · “Ninguém começa do zero”

10. 5.4 · Catecismo, 24 · “Ela não escolhe os caminhos por ninguém; apenas veta os que exigiriam apagar a luz para percorrê-los. A decisão é sempre de quem caminha”

11. 5.4 · Cânon v1.2, "A Vigília" · "A noite é o mal que ninguém causou"

12. 5.4 · Tratado da Vigília, "Definição" · "Velar não é vigiar nem esperar"

13. 5.4 · Cânon v1.2, "As Águas Comuns" · "Ninguém navega um rio privado"

14. 5.4 · Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", IV, "Princípio" · "O corpo, o lugar, o ritmo — os 'tijolos do templo' — não são obstáculos ao espírito: são seu instrumento"

15. 5.4 · Cânon v1.2, "Independência confessional" · "A filosofia não decide isso por ninguém"

16. 5.4 · Decisão n.º 2 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII · "uma luz acesa dentro da noite, que não precisa do fim para valer"

17. 5.2 · Decisão n.º 5 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII · "a irreflexão não é noite"

18. 5.4 · Decisão n.º 3 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII · "o Abrigo revela e nada exige"

19. 5.2, 5.4 · Decisão n.º 4 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII · "O Abrigo não vai até a substituição"

20. 5.2 · Decisão n.º 5 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII · "a assimetria é de posição, não de valor"

21. 5.2, 5.4 · Decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · "O veto da Bússola é a própria Luz na pessoa, sem voz externa"

22. 5.2 · Decisão n.º 4 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · "A Bússola percebe o particular e veta"

23. 5.4 · Decisão n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · "nenhuma pessoa está fora da Lux"

24. 5.2 · Decisão n.º 4 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · "A margem é 'estar consigo'"

25. 5.2 · Decisão n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · "o caso que a Bússola percebe inclui as perspectivas dos outros"

26. 5.2 · Decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · "A irreflexão é figura do lobo 'sem intenção'"

27. 5.1, 5.4 · Decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo I · "a Lux é de alguém"

28. 5.2 · Decisão n.º 6 de 03/11/2026 sobre o Estudo I · "o cânon não diz que a vida é sofrer; diz que há noite"

29. 5.2 · Decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo II · "consentir ao destino"; "a Stoa consente, o cânon porta"

30. 5.2 · Decisão n.º 7 de 03/11/2026 sobre o Estudo II · "a Vigília promete presença, não vitória"

31. 5.2 · Decisão n.º 11 de 03/11/2026 sobre o Estudo II · "o padrão das fronteiras fixadas para os clássicos estende-se à Stoa"

32. 5.2 · Decisão n.º 7 de 04/11/2026 sobre o Estudo III · "A consciência como voz de Deus e a Bússola"

33. 5.2, 5.4 · Decisão n.º 8 de 04/11/2026 sobre o Estudo III · "a luz encoberta, a noite e o lobo"

34. 5.2 · Decisão n.º 11 de 04/11/2026 sobre o Estudo III · "O padrão das fronteiras fixadas para os clássicos estende-se ao cristianismo"

35. 5.2 · Decisão n.º 12 de 04/11/2026 sobre o Estudo III · "(g) segue aberta até o tratado"

36. 5.2 · Decisão n.º 11 de 04/11/2026 sobre o Estudo IV · "O padrão das fronteiras fixadas para os clássicos estende-se ao Vedanta"

37. 5.2 · Decisão n.º 12 de 04/11/2026 sobre o Estudo IV · "'atemporal' é letra do cânon [...] 'eterna' e 'imortal' não se dizem da Lux"

38. 5.1 · Ficha do Estudo V (outubro de 2026), toque 1 · “Contra a vida por papéis: a má-fé (Sartre) e o ‘a gente’ (Heidegger) nomeiam a ferida do Pilar I.” · [Ficha, não cânon]
39. 5.1 · Ficha do Estudo V, toque 2 · “Bússola e autenticidade: não ir aonde eu precisaria me trair.” · [Ficha, não cânon]
40. 5.1 · Ficha do Estudo V, toque 3 · “Kierkegaard, a ponte: querer uma só coisa.” · [Ficha, não cânon]
41. 5.1 · Ficha do Estudo V, fronteira 1 · “Invenção vs. revelação: para Sartre a existência precede a essência; para nós a luz precede a existência vivida.” · [Ficha, não cânon]
42. 5.1 · Ficha do Estudo V, fronteira 2 · “Absurdo vs. pertencimento: o rio não é indiferente — é a companhia de todos que já atravessaram.” · [Ficha, não cânon]
43. 5.3 · Estudo IX, 4.2 · “a ficha já disse que a luz precede a existência vivida” · [leitura do estudo]
44. 5.3 · Estudo III, 4.10 · “com Marcel e Jaspers” · [leitura do estudo]
45. 5.3 · Estudo IV, 4.9 · “pelo singular e pelo papel” · [leitura do estudo]

Capítulo 6 — Síntese, fórmula e questões abertas

O EXISTENCIALISMO

1. 6.1 · Heidegger, *Ser e tempo* (*Sein und Zeit*), §27, p. 128 da edição alemã · “Cada um é o outro e ninguém é ele mesmo” · «Jeder ist der Andere und Keiner er selbst» · [V-de; tradução do estudo]
2. 6.1 · Sartre, *O ser e o nada* (*L’Être et le néant*), Paris: Gallimard, 1943, I, 2, pp. 98–99; trad. Barnes, p. 59 · “joga a ser garçom” · «il joue à être garçon de café» · [V-fr; V-en: Barnes; tradução do estudo]
3. 6.1 · Kierkegaard, “Hjertets Reenhed”, *Opbyggelige Taler i forskjellig Aand* (1847), SKS 8, 138 · “a pureza de coração é querer uma só coisa” · «Hjertets Reenhed er at ville Eet» · [V-da; tradução do estudo]
4. 6.1 · Kierkegaard, *A doença para a morte* (*Sygdommen til Døden*), II, SKS 11, 191 · o desespero “diante de Deus” · «for Gud» · [V-da; tradução do estudo]
5. 6.1, 6.4 · Kierkegaard, *Ou–ou* (*Enten–Eller*) II, SKS 3, 172–173 · “escolhe a si mesmo, ou melhor, recebe a si mesmo” · «vælger sig selv, eller rettere, det modtager sig selv» · [V-da; tradução do estudo]
6. 6.1 · Sartre, *O existencialismo é um humanismo* (*L’existentialisme est un humanisme*), Paris: Nagel, 1970, p. 27; trad. Guedes · “escolhendo-me, escolho o homem” · «en me choisissant, je choisis l’homme» · [V-fr; V-pt: Guedes]
7. 6.1 · Kierkegaard, *O conceito de angústia* (*Begrebet Angest*), cap. II, §2, SKS 4, 365–366 · “a vertigem da liberdade” · «Frihedens Svimlen» · [V-da; tradução do estudo]
8. 6.1 · Heidegger, *Ser e tempo*, §40, p. 186 da edição alemã · a angústia diante do ser-no-mundo como tal · [V-de; paráfrase]
9. 6.1 · Heidegger, *Ser e tempo*, §47, p. 240 da edição alemã · “Ninguém pode tirar do outro o seu morrer” · «Keiner kann dem Anderen sein Sterben abnehmen» · [V-de; V-en: Macquarrie–Robinson; tradução do estudo]
10. 6.1, 6.4 · Sartre, *Entre quatro paredes* (*Huis clos*), Paris: Gallimard, 2012, p. 93, segundo Longo (2009) · “o inferno são os outros” · «l’enfer, c’est les Autres» · [V-fr via secundária: Longo]

11. 6.1 · Camus, *O mito de Sísifo* (*Le Mythe de Sisyphe*), Paris: Gallimard, 1942, p. 45 · "o silêncio desarrazoado do mundo" · «le silence déraisonnable du monde» · [V-fr; tradução do estudo]

12. 6.1, 6.4 · Heidegger, *Ser e tempo*, §26, p. 122 da edição alemã; trad. Macquarrie–Robinson, pp. 158–159 · "salta adiante"; "saltar em seu lugar" · «vorausspringt»; «einspringen» · [V-de; V-en: Macquarrie–Robinson; tradução do estudo]

13. 6.1 · Beauvoir, *O segundo sexo* (*Le Deuxième Sexe*), Paris: Gallimard, 1949, t. II, 1.ª parte, cap. I · "Ninguém nasce mulher: torna-se mulher" · «On ne naît pas femme : on le devient» · [V-fr; V-pt via secundária: Almeida; página a confirmar]

14. 6.1 · Camus, *O homem revoltado* (*L'Homme révolté*), Paris: Gallimard, 1951, cap. "L'homme révolté" · "há uma natureza humana" · «il y a une nature humaine» · [V-fr via secundária; tradução do estudo; página a confirmar]

15. 6.2 · Sartre, *O existencialismo é um humanismo*, pp. 17 e 46 · "a existência precede a essência"; "escolha, isto é, invente" · «l'existence précède l'essence»; «choisissez, c'est-à-dire inventez» · [V-fr; V-pt: Guedes]

16. 6.3 · Kierkegaard, *Temor e tremor* (*Frygt og Bæven*), "Stemning", trad. Marinho, em *Kierkegaard*, col. *Os Pensadores*, vol. 31, Abril Cultural, 1974, p. 271 · "creu pelo absurdo" · «Han troede i Kraft af det Absurde» · [V-pt: Marinho; V-da]

17. 6.3, 6.4 · Jaspers, *A questão da culpa* (*Die Schuldfrage*), Heidelberg: Schneider, 1946, p. 64 · "a falta da solidariedade absoluta com o homem como homem" · «der Mangel an der absoluten Solidarität mit dem Menschen als Menschen» · [V-de; tradução do estudo]

18. 6.4 · Ortega y Gasset, *Meditações do Quixote* (*Meditaciones del Quijote*), *Obras completas*, I, p. 322, segundo Lara Fernández (2013) · "eu sou eu e a minha circunstância" · «yo soy yo y mi circunstancia» · [V-es via secundária: Lara; tradução do estudo]

19. 6.4 · Camus, *O homem revoltado*, Paris: Gallimard, 1951, cap. "L'homme révolté", p. 38 da edição que Alves usa · "Eu me revolto, logo somos" · «Je me révolte, donc nous sommes» · [V-fr via secundária: Alves; tradução do estudo]

20. 6.4 · Heidegger, *Ser e tempo*, §57, p. 275 da edição alemã · "vem de mim e, no entanto, sobre mim" · «Der Ruf kommt aus mir und doch über mich» · [V-de; tradução do estudo]

21. 6.4 · Merleau-Ponty, *Fenomenologia da percepção* (*Phénoménologie de la perception*), 1.ª parte; trad. Smith (*Phenomenology of Perception*), pp. 145–146 · "nosso meio geral de ter um mundo" · 'The body is our general medium for having a world' · [V-en: Smith; tradução do estudo]

22. 6.4 · Merleau-Ponty, mesma obra, trad. Smith, pp. 197–198 · "eu sou meu corpo" · 'I am my body' · [V-en: Smith; tradução do estudo]

23. 6.5 · Sartre, *O existencialismo é um humanismo*, p. 38 · "condenado a inventar o homem a cada instante" · «condamné à chaque instant à inventer l'homme» · [V-fr; V-pt: Guedes]

O CÂNON E OS ESCRITOS

1. 6.1, 6.4 · Tratado da Luz Interior, "Objeção provável e resposta breve" · "encoberta — por medo, por hábito, por adaptação às expectativas alheias"

2. 6.1, 6.3, 6.4 · Cânon VI.2, "A Bússola" · "eu sem a minha luz sou uma mentira"; "Posso estar lá inteiro, sem me trair?"; "a pergunta decisiva é uma só"

3. 6.3 · Cânon v1.2, “Regra de Vida” · “a única coisa que hoje não pode ficar sem luz”
4. 6.1, 6.2, 6.3 · Catecismo, 24 · “Ela não escolhe os caminhos por ninguém; apenas veta os que exigiriam apagar a luz para percorrê-los. A decisão é sempre de quem caminha”
5. 6.1 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “A noite é o mal que ninguém causou”; “há escuridões que nenhuma bússola veta”
6. 6.1, 6.4 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “Ninguém navega um rio privado”
7. 6.2, 6.5 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, II · “A luz não se acende — ela se revela”; “Ninguém começa do zero”
8. 6.2, 6.3 · Cânon v1.2, “A Arquitetura” · a Bússola, “a decisão”
9. 6.3 · Catecismo, 8 · “vive dividido”
10. 6.3 · Estudo VII, 5.1 · a questão (j), citada na letra
11. 6.1, 6.4 · Decisão do fundador de 17/10/2026 sobre o Estudo VII: n.º 2
12. 6.1, 6.4 · Decisões do fundador de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII: n.º 3 e n.º 4
13. 6.3 · Decisão do fundador de 23/10/2026 sobre o Estudo X: n.º 7
14. 6.3 · Decisão do fundador de 31/10/2026 sobre o Estudo XI: n.º 7
15. 6.2, 6.3 · Decisão do fundador de 31/10/2026 sobre o Estudo XII: n.º 7
16. 6.1, 6.3, 6.5 · Decisão do fundador de 03/11/2026 sobre o Estudo I: n.º 3
17. 6.2, 6.3 · Decisões do fundador de 03/11/2026 sobre o Estudo II: n.º 1 e n.º 11
18. 6.1, 6.3 · Decisões do fundador de 04/11/2026 sobre o Estudo III: n.º 7, n.º 8, n.º 11 e n.º 12
19. 6.3 · Decisões do fundador de 04/11/2026 sobre o Estudo IV: n.º 11 e n.º 12
20. 6.4 · Fórmulas dos Estudos I, II, III e IV: decisões n.º 1 de 03/11/2026 sobre os Estudos I e II; n.º 1 de 04/11/2026 sobre os Estudos III e IV

Bibliografia

Bibliografia

Referências em ABNT simplificada: SOBRENOME, Nome. *Título*. Tradução. Cidade: Editora, ano. A numeração é contínua e corresponde aos blocos abaixo; as notas entre colchetes dizem como cada obra chegou ao estudo e em que seções ela é citada. Três estados são distinguidos: **edição de consulta** (a edição que a pesquisa de fontes do estudo abriu), **intermediário** (o leitor por cujo texto a passagem chegou) e **nomeada, não aberta** (a obra aparece no estudo, mas nenhuma edição foi aberta). Onde falta um dado, está escrito [dados a completar]; a cidade só aparece quando uma fonte a dá. Preferimos uma lacuna marcada a uma citação falsa. As edições brasileiras e portuguesas vêm primeiro em cada bloco que as tem. Nenhuma tradução portuguesa de Sartre (salvo a de Rita Correia Guedes, numa cópia sem a paginação do impresso), de Camus, de Merleau-Ponty, de Jaspers, de Marcel, de Ortega ou de Unamuno foi aberta; de Heidegger só se abriu a Parte I de Schuback e de Castilho; de Kierkegaard, só Marinho. Por isso todo o português do existencialismo é tradução do estudo, salvo o que vem por tradutor ou intermediário nomeado. O alemão de *Sein und Zeit*, o dinamarquês da *Søren Kierkegaards Skrifter* (as páginas são as do marcador "ed N" do portal tekster.kb.dk, tomadas como página da SKS), o alemão de Jaspers (*Einführung*, *Die Schuldfrage*), o francês de Sartre, de Camus (salvo *O homem revoltado*) e de Beauvoir (cópias digitais e escaneadas, com a paginação do impresso, a menos de uma página) e o castelhano de Unamuno e de *El hombre y la gente* foram conferidos; o francês de Merleau-Ponty, de Marcel e de *O homem revoltado*, o castelhano das *Meditaciones del Quijote* e o alemão de *Philosophie* II, de Jaspers (só Vela), não foram. Só entram obras citadas nos sete arquivos do estudo (Prólogo e capítulos 1 a 6); as que a pesquisa de fontes e o plano nomeiam e o estudo não usa ficam fora (ver as Conferências pendentes, "Intérpretes conhecidos só por intermediário ou só nomeados").

O EXISTENCIALISMO: EDIÇÕES E TRADUÇÕES EM PORTUGUÊS

1. GUEDES, Rita Correia (trad.). SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. [Cidade, editora e ano: dados a completar.] [Edição de consulta, em cópia aberta em PDF, sem a paginação do impresso: as páginas citadas (17, 21, 22, 27, 30–31, 36–38, 46, 95) são as da edição francesa de Nagel (n.º 19). A edição impressa em português (Abril, *Os Pensadores*, ou Vozes) não foi aberta, e as palavras de Guedes que o estudo cita como letra vêm da cópia. Prólogo e 1.2, 1.3, 1.5, 1.10, 2.4, 2.6, 2.11, 3.1, 3.3, 5.1, 6.1, 6.2, 6.5 [V-pt: Guedes].]

1. SCHUBACK, Marcia Sá Cavalcante (trad.). HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 2005 [a pesquisa de fontes dá também a Editora Universitária São Francisco como coeditora]. [Edição de consulta, só a Parte I (§§1–44); a Parte II (§§46–74) não foi achada em português aberto. O estudo cita o §9 ("A impropriedade [...] não diz 'ser' menos nem um grau 'inferior' de ser", p. 43 da edição alemã; 1.2, 4.14, 5.1 [V-pt: Schuback; página a confirmar]) e a nota N39, sobre *Fürsorge* e *einspringen/vorausspringen* (1.8). Schuback traduz *Dasein* por "pre-sença", *das Man* por "o impessoal", *Eigentlichkeit* por "propriedade" e *Fürsorge* por "preocupação" (Prólogo, 1.2, 1.4); o estudo não adota "pre-sença". As páginas da tradução, na pesquisa de fontes, foram inferidas do número impresso ao pé do escaneamento.]

1. CASTILHO, Fausto (ed. e trad.). HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Edição bilíngue. Campinas: Editora da Unicamp; Petrópolis: Vozes, 2012. [Edição de consulta, só a Parte I. Nomeada em 1.4 apenas pelo léxico: *das Man* vertido por "a-gente", ao lado do "impessoal" de Schuback (n.º 2). O estudo não cita página dela.]

1. MARINHO, Maria José (trad.). KIERKEGAARD, Søren. *Temor e tremor*. In: *Kierkegaard*, col. *Os Pensadores*, vol. 31. [Cidade a completar]: Abril Cultural, 1974. [Edição de consulta, pelo escaneamento (páginas do cabeçalho): Problema I, SKS 4, 148 = p. 282 e SKS 4, 159 = p. 284 (1.10); "Stemning", p. 271, "pelo absurdo" (3.13) [V-pt: Marinho; V-da via secundária]. *Rodemester* é "preceptor" em Marinho e *tax-collector* em Lowrie (n.º 51; 3.13). O restante do português de Kierkegaard é tradução do estudo.]

1. ZUBEN, Newton Aquiles von (trad.). BUBER, Martin. *Eu e Tu*. 10.ª ed. São Paulo: Centauro, 2006, partes I a III. [Intermediário: o Tratado das Águas Comuns, "Fundamentação" (n.º 80), que a cita em português; o alemão e as páginas não foram conferidos. "Toda vida atual é encontro" (e não "verdadeira") é a letra do Tratado. 1.8 [V-pt via secundária: Tratado das Águas Comuns].]

1. DINUCCI, Aldo; JULIEN, Alfredo (trad.). EPICTETO. *O Manual de Epicteto* (*Encheiridion*). 3.ª ed. São Cristóvão: EdiUFS, 2012. [Intermediário: o Estudo II, 1.5 (n.º 106), que leu a versão digital da *Prometeus*. O estudo cita só o cap. 17, "interpretar belamente o papel que te é dado — mas escolhê-lo, cabe a outro" (4.8) [V via secundária: Estudo II, 1.5; V-pt: Dinucci–Julien]. A edição impressa não foi aberta.]

1. BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Trad. [tradutor não nomeado nas fontes]. [Cidade a completar]: Nova Fronteira, 1980, p. 9. [Nomeada, não aberta: chega só por Almeida (n.º 8). "Ninguém nasce mulher: torna-se mulher" (t. II, 1.ª parte, cap. I). A tradução da fórmula francesa é "Ninguém nasce mulher" (Nova Fronteira) ou "não se nasce mulher" (1.12, 2.14, 3.14, 5.4, 6.1; Prólogo) [V-pt via secundária: Almeida; página a confirmar].]

1. ALMEIDA, Marlise Míriam de Matos. "Simone de Beauvoir: uma luz em nosso caminho". *Cadernos Pagu* 12 (1999), pp. 145–156. [Intermediário de Beauvoir em português (n.º 7). Abre com a fórmula citada da Nova Fronteira, [1949] 1980, p. 9; é testemunho da recepção brasileira, e não tese sobre Beauvoir e Sartre. 1.12, 2.14, 5.4, 6.1.]

O EXISTENCIALISMO: ORIGINAIS E TRADUÇÕES CONSULTADAS

1. KIERKEGAARD, Søren. *Enten–Eller* (*Ou–ou*) II, "Ligevægten mellem det Æsthetiske og det Ethiske i Personlighedens Udarbeidelse" ("O equilíbrio entre o estético e o ético na formação da personalidade"). In: *Søren Kierkegaards Skrifter* (SKS), vol. 3. Copenhague: Søren Kierkegaard Forskningscenteret [ano a completar]. [Edição de consulta, no portal tekster.kb.dk; as páginas SKS vêm do marcador "ed N" do portal e são inferência da pesquisa de fontes, a conferir contra o sks.dk (que não respondeu). SKS 3, 172–173: "escolhe a si mesmo, ou melhor, recebe a si mesmo" (Prólogo, 1.5, 2.4, 3.1, 5.4, 6.1); SKS 3, 207 (1.5); SKS 3, 165–166, o Ou–ou que não é a escolha entre o Bem e o Mal (3.3 [página a confirmar]; 2.4 [paráfrase; página a confirmar]). Todo o português é tradução do estudo.]

1. KIERKEGAARD, Søren. *Frygt og Bæven* (*Temor e tremor*), *Gjentagelsen* (*A repetição*) e *Begrebet Angest* (*O conceito de angústia*). In: *Søren Kierkegaards Skrifter*, vol. 4. [Edição de consulta, mesma ressalva do n.º 9. *Frygt og Bæven*: Problema I, SKS 4, 148, 155–156 e 159 (1.10, 3.13, 4.1, 6.3); "Lovtale over Abraham" (1.10 [localização a confirmar]); "Stemning" (3.13). *Gjentagelsen*, SKS 4, 9 (2.6). *Begrebet Angest*, cap. II, §2, SKS 4, 365–366: "a vertigem da liberdade" (Prólogo, 1.3, 3.6, 5.4, 6.1). O salto de fé, *Springet*, não se cita como letra (3.12).]

1. KIERKEGAARD, Søren. "Hjertets Reenhed er at ville Eet" ("A pureza de coração é querer uma só coisa"). In: *Opbyggelige Taler i forskjellig Aand* (1847), SKS 8, pp. 138 e 143–144. [Edição de consulta, mesma ressalva do n.º 9. Prólogo, 1.5, 2.3, 3.4, 5.1, 5.4, 6.1.]

1. KIERKEGAARD, Søren. *Sygdommen til Døden* (*A doença para a morte*; *O desespero humano*), 1849. In: *Søren Kierkegaards Skrifter*, vol. 11. [Edição de consulta, mesma ressalva do n.º 9. I, A, SKS 11, 129 ("o eu é uma relação que se relaciona consigo mesma"; 1.2) e 164 (1.10, 3.2); II, SKS 11, 191 (o desespero "diante de Deus" como pecado; Prólogo, 1.4, 3.2, 4.10, 5.4, 6.1) e 196 (1.10). A passagem de 191 vem numa só versão; Lowrie entra sempre como intermediário (n.º 51).]

1. KIERKEGAARD, Søren (Johannes Climacus). *Afsluttende uvidenskabelig Efterskrift* (*Pós-escrito conclusivo não científico às Migalhas filosóficas*), 1846. In: *Søren Kierkegaards Skrifter*, vol. 7. [Intermediário: o Estudo VII, 4.5 (n.º 98), que a leu na SKS 7; "não se pode dar nenhum sistema da existência" (4.1, 5.3) [V via secundária: Estudo VII, 4.5]. Edição brasileira (Valls, Vozes) não aberta pelo estudo.]

1. KIERKEGAARD, Søren. *Philosophiske Smuler* (*Migalhas filosóficas*), 1844, "Interlúdio", nota. [Intermediário: o Estudo XI, 4.4 (n.º 102), que a leu na tradução inglesa de Swenson; "está em começar pelo princípio de que tudo o que é necessário é possível" (4.5) [V via secundária: Estudo XI, 4.4; página a confirmar].]

1. KIERKEGAARD, Søren. *Om Begrebet Ironi* (*O conceito de ironia*), 1841. [Volume da SKS e página: dados a completar.] [Intermediário: Utterback (n.º 63), por meio do Estudo X, 4.4 (n.º 101). O estudo cita a "dialética negativa" e "a ideia da dialética" (4.4). A obra não foi aberta.]

1. HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit* (*Ser e tempo*). Tübingen: Max Niemeyer, 1927 [impressão e edição: dados a completar]. [Edição de consulta, em escaneamento da edição Niemeyer, com a paginação canônica, que as traduções trazem à margem. Citado por parágrafo (§) e página: §6 (4.5, por intermediário); §9, pp. 41–43; §26, p. 122; §27, pp. 126–128; §29, p. 134; §38, p. 175; §40, p. 186; §47, p. 240; §52, pp. 258–259; §57, p. 275; §60, pp. 296–297; §74, p. 385; §81, pp. 427–428 (via Agostinho, 4.6). Prólogo e capítulos 1 a 6. Todo o português é tradução do estudo, salvo o de Schuback (n.º 2); a Parte II (§§46–74) foi conferida só no alemão e em Macquarrie–Robinson.]

1. MACQUARRIE, John; ROBINSON, Edward (trad.). HEIDEGGER, Martin. *Being and Time*. Blackwell/SCM, 1962 [cidade a completar]. [Edição de consulta, em inglês. Páginas vistas só nos cabeçalhos do §26 (pp. 158–159: "salta adiante", "saltar em seu lugar"), do §27 (pp. 165–166) e do §38 (p. 220); nos demais parágrafos a pesquisa de fontes usou a página alemã, que a tradução traz à margem. Prólogo, 1.4, 1.6, 1.8, 5.1, 5.2, 5.4, 6.1 [V-en: Macquarrie–Robinson].]

1. HEIDEGGER, Martin. Entrevista a *Der Spiegel*, n.º 23, 31 de maio de 1976, pp. 193–219 ("Nur noch ein Gott kann uns retten"). Trad. inglesa de Richardson [prenome: William J., segundo a pesquisa de fontes]. [Edição de consulta, em inglês: "só um deus pode salvar-nos"; "uma prontidão para o aparecimento de um deus" (1.10) [V-en: Richardson; tradução do estudo; localização a confirmar]. O alemão e a página da frase não foram conferidos.]

1. SARTRE, Jean-Paul. *L'Existentialisme est un humanisme* (*O existencialismo é um humanismo*). Paris: Nagel, 1970. [Edição de consulta, em escaneamento com OCR; as páginas vêm dos cabeçalhos do OCR e valem a menos de uma página. Conferência de outubro de 1945, publicada em 1946; o capítulo 2 dá "Nagel, 1946" e os demais "Nagel, 1970" (ver Conferências pendentes, "Divergências de edição e dados"). Pp. 17, 21, 22, 27, 30–31, 36, 37, 38, 46, 95. "Estou condenado a ser livre" é letra de 1943; a forma plural corrente não é letra de obra alguma (1.3). Prólogo e capítulos 1 a 6 [V-fr; V-pt: Guedes (n.º 1)].]

1. SARTRE, Jean-Paul. *L'Être et le néant* (*O ser e o nada*). Paris: Gallimard, 1943 (col. Bibliothèque des idées). [Edição de consulta, em escaneamento com OCR, páginas a menos de uma página: I, 2, "La mauvaise foi", pp. 98–99 (o garçom; Prólogo, 1.4, 6.1); IV, 1, pp. 515–516 (1.3); pp. 651–652 (1.4, 4.14). A tradução portuguesa (Perdigão, Vozes) não foi aberta; o estudo cita o inglês de Barnes (n.º 21) e traduz o francês.]

1. BARNES, Hazel E. (trad.). SARTRE, Jean-Paul. *Being and Nothingness*. New York: Philosophical Library, 1956. [Edição de consulta, em texto com cabeçalhos de página (convenção "o cabeçalho abre a página"). Pp. 55–56, 59, 60, 65, 70 (e nota 9: Sartre cita a "autenticidade" como "recuperação de si" sem descrevê-la), 259–260, 288–289, 439, 479, 547, 565 (a classificação de Heidegger "tingida de preocupação ética"). 1.3, 1.4, 1.6, 1.7, 1.8, 2.2, 3.2, 3.8, 3.9, 5.1 [V-en: Barnes]. Em 1.6 (p. 547) o original francês não foi conferido.]

1. SARTRE, Jean-Paul. *Huis clos* (*Entre quatro paredes*). Paris: Gallimard, 2012, p. 93. [Intermediário: Longo (n.º 59). "Pas besoin de gril: l'enfer, c'est les Autres." A edição de 1945 não foi conferida. A cena final é citada em 2.10 [V-fr; página a confirmar]. 1.8, 3.9, 5.4, 6.1, 6.4 [V-fr via secundária: Longo].]

1. SARTRE, Jean-Paul. Glosa gravada de "l'enfer, c'est les autres" (disco, Paris: Gallimard, 2004) e *fiche* de ensino de 1964 (Longo dá 1965). [Intermediário: Longo (n.º 59), que remete a Ferraro, 1994, p. 9. "Se as relações com o outro são tortas, viciadas, o outro só pode ser o inferno." O disco não foi ouvido (1.8, 3.9) [V-fr via secundária: Longo; data a confirmar].]

1. SARTRE, Jean-Paul. *Questions de méthode* (*Questão de método*), p. 14. [Nomeada, não aberta: a frase "a filosofia insuperável do nosso tempo" (4.13) chega por uma mensagem de lista, sem a edição [V-fr via secundária; localização a confirmar].]

1. SARTRE, Jean-Paul. *Critique de la raison dialectique* (*Crítica da razão dialética*). [Nomeada, não aberta: citada só como a porta de Marx, questão (k) (1.12, 3.14, 4.13, 6.3). Nenhuma tese dela é lida.]

1. CAMUS, Albert. *Le Mythe de Sisyphe* (*O mito de Sísifo*). Paris: Gallimard, 1942 (col. Les Essais). [Edição de consulta, em edição digital da UQAC com a paginação do impresso entre colchetes: "L'absurde et le suicide", p. 15; "Les murs absurdes", pp. 45 e 48; "Le suicide philosophique", p. 57; "La liberté absurde", pp. 88–89; "Le mythe de Sisyphe", p. 168. 1.7, 2.8, 3.6, 3.8, 3.12, 5.4, 6.1 [V-fr; tradução do estudo]. A tradução portuguesa (Roitman–Wacht) não foi aberta.]

1. CAMUS, Albert. *La Peste* (*A peste*). Paris: Gallimard, 1947, pp. 170, 256 e 310–311. [Edição de consulta, em texto digital com a paginação do impresso entre travessões, a menos de uma página. 1.7, 2.9 [V-fr; tradução do estudo].]

1. CAMUS, Albert. *L'Homme révolté* (*O homem revoltado*). Paris: Gallimard, 1951, cap. "L'homme révolté". [Intermediário: um texto de prova de concurso, que reproduz a abertura do capítulo, e Alves (n.º 60), que dá a p. 38 da edição que ela usa. "Há uma natureza humana"; "eu me revolto, logo somos"; "que preexiste a toda ação"; o "sim" da revolta. Nenhuma edição impressa foi aberta, e o capítulo vem sem página: Prólogo, 1.2, 1.7, 2.11, 3.1, 4.13, 5.1, 6.1, 6.4 [V-fr via secundária; página a confirmar].]

1. MERLEAU-PONTY, Maurice. *Phénoménologie de la perception* (*Fenomenologia da percepção*). Paris: Gallimard, 1945. [Nomeada, não aberta: o francês não foi aberto, e "condenados ao sentido" fica sem o original. Chega por Smith (n.º 30) e por Cabanes (n.º 53).]

1. SMITH, Colin (trad.). MERLEAU-PONTY, Maurice. *Phenomenology of Perception*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1962. [Edição de consulta, em inglês, a menos de uma página: Prefácio; pp. 145–146 ("eu sou meu corpo"), 174 n. 1 (a nota sobre Marcel, que inverte o par ser/ter), 197–198, 454–455 ("A liberdade"). 1.3, 1.9, 2.12, 3.11, 5.4 [V-en: Smith; tradução do estudo].]

1. BEAUVOIR, Simone de. *Le Deuxième Sexe* (*O segundo sexo*). Paris: Gallimard, 1949, t. I, "Introduction"; t. II, 1.ª parte, cap. I, e conclusão. [Edição de consulta, pela cópia da France Loisirs (1990), sem paginação legível: "On ne naît pas femme: on le devient"; "Il est le Sujet, il est l'Absolu: elle est l'Autre"; "hommes et femmes affirment sans équivoque leur fraternité". 1.12, 2.14, 3.14, 5.4, 6.1 [V-fr; página a confirmar]. O português chega por Almeida (n.º 8) e pelo estudo.]

1. BEAUVOIR, Simone de. *Pour une morale de l'ambiguïté* (*Por uma moral da ambiguidade*). Paris: Gallimard, 2013, p. 31. [Intermediário: Teixeira (n.º 57). "Vouloir le dévoilement du monde, se vouloir libre, c'est un seul et même mouvement." O livro não foi aberto (1.5) [V-fr via secundária: Teixeira, *Griot*, 2018].]

1. JASPERS, Karl. *Einführung in die Philosophie* (*Introdução à filosofia*). Piper, Serie 13, nova edição de 1971 [cidade a completar; a primeira edição é de 1950, a confirmar]. [Edição de consulta, pelo alemão: pp. 18 (as situações-limite; "desespero e restauração" como segunda reação, e não "naufrágio"), 19 (o *Scheitern*), 88 e 94 (a comunicação). 1.6, 1.8, 2.7, 2.11, 3.6, 3.10 [V-de; tradução do estudo].]

1. JASPERS, Karl. *Die Schuldfrage* (*A questão da culpa*). Heidelberg: Lambert Schneider, 1946. [Edição de consulta, pelo alemão: p. 31 (a culpa metafísica, 1.11) e p. 64 (3.14, 6.3, 6.4; o original da p. 64 vem adaptado nas Fontes, ver Conferências pendentes, "Originais completados sem conferência direta") [V-de; tradução do estudo].]

1. VELA, Fernando (trad.). JASPERS, Karl. *Filosofía* (*Philosophie*, 1932), II. Revista de Occidente / Universidad de Puerto Rico [cidade e ano: dados a completar]. [Edição de consulta, em castelhano, com OCR ruim e paginação divergente entre as cópias (61 e 67). O alemão de *Philosophie* II não foi obtido. As situações-limite (1.6, 2.7) e "a liberdade é a escolha de mim mesmo" (3.3, cap. VI) vêm daí [V-es: Vela; página a confirmar]. "Sou só na medida em que me decido" não foi confirmada e não se cita. O inglês de Ashton e o português de Vallandro e Casanova não foram achados.]

1. JASPERS, Karl. *Philosophie* III (1932) e *Der philosophische Glaube* (1948). [Nomeadas, não abertas: a fé filosófica e as cifras da transcendência, em paráfrase sem aspas (1.10) [paráfrase; localização a confirmar].]

1. MARCEL, Gabriel. *Être et avoir* (*Ser e ter*). Paris: Aubier-Montaigne [ano a completar], pp. 145 e 237. [Intermediário: Grassi (n.º 54), na versão castelhana dele (notas 194 e 284), com as páginas do francês. "O corpo é o ter-tipo… e no entanto…" (p. 237). 1.9, 1.11, 2.12, 3.11 [V via secundária: Grassi; tradução do estudo]. O francês não foi aberto. "Meu corpo não é meu instrumento" não foi achada em letra de Marcel e não se cita.]

1. MARCEL, Gabriel. *Position et approches concrètes du mystère ontologique*. Louvain–Paris, 1933, p. 87. [Intermediário: Grassi (n.º 54), nota 598. A *disponibilité*, registrada como homônimo da Disponibilidade, sem glosa; a medição é do Estudo XIV. 1.11, 2.13, 3.10 [V via secundária: Grassi; tradução do estudo].]

1. MARCEL, Gabriel. *Du refus à l'invocation*. Paris: Gallimard, 1940 (reed. 1967 como *Essai de philosophie concrète*), pp. 34 e 149. [Intermediário: Grassi (n.º 54), nota 297. "Dizer 'eu sou meu corpo' é emitir um juízo negativo" (p. 34). 1.9, 2.12, 3.1 [V via secundária: Grassi; tradução do estudo].]

1. MARCEL, Gabriel. *Homo viator: prolégomènes à une métaphysique de l'espérance*. Paris: Aubier-Montaigne, 1944, p. 77. [Intermediário: Pugeda (n.º 55), que cita uma edição inglesa não identificada. "J'espère en toi pour nous" (3.10) [V via secundária: Pugeda; edição e localização a confirmar]. O francês não foi aberto.]

1. ORTEGA Y GASSET, José. *Meditaciones del Quijote* (1914). In: *Obras completas*, t. I. Madrid: Revista de Occidente, 1966, p. 322. [Intermediário: Lara Fernández (n.º 58), e um texto brasileiro (anais da UNESPAR) que dá a mesma página. "Yo soy yo y mi circunstancia, y si no la salvo a ella no me salvo yo." A seção da obra não foi conferida, e o texto de Ortega não foi aberto. Prólogo, 1.5, 2.6, 5.4, 6.4 [V-es via secundária: Lara; localização a confirmar].]

1. ORTEGA Y GASSET, José. *El hombre y la gente*. In: *Obras completas*, t. VII (1948–1958). 2.ª ed. Madrid: Revista de Occidente, 1964. [Edição de consulta, em PDF digitalizado com OCR; as páginas são aproximadas. "¿Qué hace lo que se hace? ¡Ah! Pues la gente..." (1.4) [V-es; página a confirmar]. A relação entre *la gente* e *das Man* não tem letra do próprio Ortega: é [hipótese do estudo].]

1. UNAMUNO, Miguel de. *Del sentimiento trágico de la vida en los hombres y en los pueblos*. Madrid: Renacimiento, 1912. [Edição de consulta, na Wikisource, sem paginação; cap. I, "El hombre de carne y hueso" (1.6); cap. II, "El punto de partida" (1.6); cap. III (3.12). A letra é "creer es querer creer" (cap. VI) e "crear en fuerza de fe" (cap. III); "creer es crear" não está no texto. 1.6, 3.12 [V-es; tradução do estudo; página a confirmar]. A edição portuguesa não foi aberta.]

1. NIETZSCHE, Friedrich. *Götzen-Dämmerung* (*Crepúsculo dos ídolos*), 1889, "Sprüche und Pfeile", 12. [Edição de consulta, no Projeto Gutenberg 7203; a edição de base não foi identificada. "Quem tem um porquê..." é de Nietzsche, citado por Frankl (1.6) [V-de; tradução do estudo].]

1. NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência* (*Die fröhliche Wissenschaft*), IV, §276 (*amor fati*). Tradução inglesa de COMMON [prenome e dados da edição a completar] (Projeto Gutenberg 52881). [Intermediário: o Estudo II (n.º 106), que a leu em inglês; o alemão não foi aberto. 1.1, 4.8 [V-en: Common; tradução do estudo].]

1. FRANKL, Viktor. *Man's Search for Meaning*. Trad. Ilse LASCH. [Edição e ano: dados a completar.] [Intermediário: uma transcrição do Wikiquote, sem página, para "a última das liberdades humanas" (1.6) [V-en: Lasch; página a confirmar]; Rider/Ebury, 2004, pp. 84 e 109, para a atribuição a Nietzsche, segundo Quote Investigator (2019) [V-en via secundária: Rider]. A edição brasileira (Vozes ou Sinodal) e o alemão (... *trotzdem Ja zum Leben sagen*, 1946) não foram abertos.]

1. DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Os irmãos Karamázov*. Trad. inglesa de Constance GARNETT (Projeto Gutenberg 28054); texto russo (lib.ru). [Edição de consulta, nos dois: "se não há imortalidade da alma, não há virtude, logo tudo é permitido" (I, II, 7, fala de Rakitin). A frase "se Deus não existe, tudo é permitido" não existe assim nos *Karamázov*; as formas reais são de Rakitin (I, II, 7), Ivan (II, V, 5), Dmitri (IV, XI, 4), Smerdiakov (IV, XI, 8) e o Diabo (IV, XI, 9). A divisão em Partes e Livros segue Garnett. 1.10 [V-ru; V-en: Garnett; tradução do estudo]; Prólogo [atribuição a confirmar].]

A TRADIÇÃO

1. KAUFMANN, Walter. *Existentialism from Dostoevsky to Sartre*. Meridian Books, 1956 [cidade a completar]. [Intermediário: Dunzweiler (n.º 49), p. 46. "Existentialism is not a philosophy but a label for several widely different revolts against traditional philosophy": a casa recusou o rótulo (1.1) [V-en via secundária:

Dunzweiler; página do livro de Kaufmann a confirmar]. A lista de existencialistas que acompanha a passagem é de Dunzweiler, e não necessariamente de Kaufmann.]

1. DUNZWEILER [prenome a completar]. *Systematic Theology I* [editora e ano: dados a completar], p. 46. [Intermediário de Kaufmann (n.º 48). Obra não aberta pelo estudo para outra coisa (1.1).]

1. SAFRANSKI, Rüdiger. *Ein Meister aus Deutschland: Heidegger und seine Zeit*. Munique: Hanser, 1994. *Heidegger: um mestre da Alemanha entre o bem e o mal*. Trad. Lya Luft. São Paulo: Geração Editorial, 2000. [Nomeada, não aberta pelo estudo: a pesquisa de fontes confirmou a edição e a tradutora por uma resenha (Numen/UFJF) e leu um OCR da edição espanhola (Tusquets) sem paginação. Heidegger reitor em Freiburg em 1933–34 e filiado ao partido nazista, em paráfrase sem aspas (1.12, 3.14) [paráfrase; fonte e página a confirmar em Safranski]; "o que disse e calou depois" é [tese a confirmar].]

1. LOWRIE, Walter (trad.). KIERKEGAARD, Søren. *The Sickness unto Death*. Princeton: Princeton University Press, 1941, p. 129 [a pesquisa de fontes de outro estudo da série a dá como Anchor/Doubleday; paginação 119/129 e 131 a confirmar]. [Intermediário, por meio do Estudo III, 1.5 (n.º 107): o estudo cita SKS 11, 191 no dinamarquês (n.º 12) e Lowrie só como leitor nomeado (Prólogo, 4.10) [página a confirmar]. Lowrie verte *Rodemester* por *tax-collector*, segundo a pesquisa de fontes; o estudo não cita essa passagem.]

1. CAPUZZI, Frank A. (trad.). HEIDEGGER, Martin. "Letter on 'Humanism'" ("Brief über den Humanismus"). In: *Pathmarks*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998, pp. 159–160 (com a paginação de *Wegmarken* entre colchetes). [Edição de consulta, em inglês: a tese de Sartre como inversão metafísica, em paráfrase sem aspas (1.2) [V-en: Capuzzi; paráfrase]. A tradução de Ernildo Stein (Os Pensadores 45) não é citada.]

1. CABANES, Jem (trad.). MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenología de la percepción*. Planeta-Agostini [cidade e ano a completar]. [Edição de consulta, em castelhano, para o Prefácio ("condenados ao sentido") junto de Smith (n.º 30), sem a página Gallimard (1.3) [V-es: Cabanes; V-en: Smith; tradução do estudo].]

1. GRASSI, Martín. *El hombre como ser encarnado y la "filosofía concreta" de Gabriel Marcel*. Tese de licenciatura. Buenos Aires: Universidad Católica Argentina, 2008, 218 p. [Edição de consulta, digital. As citações de Marcel são traduções do próprio Grassi para o castelhano, com as páginas do francês; tese de licenciatura, isto é, de graduação. Notas 194, 284, 297 e 598. Prólogo, 1.9, 1.11, 2.12, 2.13, 3.1, 3.10, 3.11 [V via secundária: Grassi].]

1. PUGEDA III, Teofilo Giovan S. "Journeying in Hope: Insights from Gabriel Marcel and Jürgen Moltmann". *Marcel Studies* 9/1 (2024). [Edição de consulta, em inglês: único intermediário de "J'espère en toi pour nous" (n.º 40). Prólogo, 1.11, 3.10 [V via secundária: Pugeda; edição e localização a confirmar].]

1. ZANER, Richard. "The Mystery of Body-qua-mine". In: SCHILPP, Paul A.; HAHN, Lewis E. (orgs.). *The Philosophy of Gabriel Marcel*. Library of Living Philosophers. Carbondale: Open Court, 1984, pp. 320–321 [o número do volume é XVIII em Grassi e XVII na série: a confirmar]. [Intermediário: Grassi (n.º 54). O corpo em Marcel como "protótipo do ter" e da "instrumentalidade": complica a fronteira "instrumento" × Marcel (3.11) [V-en via secundária: Grassi, 2008].]

1. TEIXEIRA, Nathan Menezes Amarante. "Querer-se livre e querer-se moral é uma só e mesma decisão: Simone de Beauvoir e a ética da ambiguidade". *Griot* 17/1 (2018), pp. 398–412. [Edição de consulta (o artigo); intermediário de Beauvoir (n.º 32): a ética do "desvelamento do ser", em oposição a um "querer o ser" de Sartre (pp. 399–400). 1.5 [V-pt; leitura de Teixeira].]

1. LARA FERNÁNDEZ, Bartolomé. "Antonio Machado, el soñador entre la niebla". In: CHICHARRO CHAMORRO, A. (ed.). *Antonio Machado y Andalucía*. Sevilla: UNIA, 2013, p. 435 do volume. [Intermediário de Ortega (n.º 41): cita "(Ortega: 1966, 322)". Prólogo, 1.5, 2.6, 5.4, 6.4 [V-es via secundária: Lara].]

1. LONGO, Marco. "Huis clos ou comment 's'apprivoiser' à l'enfer". *Thélème* (UCM), 2009 [volume e páginas: dados a completar; o autor é da Universidade de Catânia]. [Edição de consulta (o artigo); intermediário de *Huis clos* (n.º 22) e da glosa gravada (n.º 23). 1.8, 3.9, 5.4, 6.1, 6.4 [V-fr via secundária: Longo].]

1. ALVES, Ana Maria. "Le concept de révolte comme une réponse de la nature humaine d'après Camus". *Intercâmbio* (2.ª série) 13 (2020), pp. 111–121. [Edição de consulta (o artigo); intermediário de *L'Homme révolté* (n.º 28): a revolta como resposta à absurdidade "avec des moyens purement humains" e «Je me révolte donc nous sommes», p. 38 da edição que Alves usa. 1.7, 2.11 [V-fr via secundária: Alves].]

1. ALVES [prenome e título a completar]. *Revista da Abordagem Gestáltica* 13 (1), 2007, pp. 97–109. [Intermediário: o Estudo VII, 4.5 (n.º 98). Sartre rejeita o *Mitsein* (*O ser e o nada*, p. 481 do francês, segundo Alves; as páginas divergem em outro autor lido pelo Estudo VII). 5.3 [paráfrase; V via secundária: Alves; localização a confirmar]. Não é a Alves de Camus (n.º 60).]

1. SANTOS [prenome a completar; "Santos, 2019 e 2021" na pesquisa de fontes do Estudo XII]. *Trans/Form/Ação* 42 (2019) e *Aufklärung* 8 (1) (2021). [Intermediário: o Estudo XII, 4.5 (n.º 103). Heidegger leu *Confissões* X no curso de verão de 1921: o *curare*, o cuidado, a perda de si como *deformitas* e *defluxus* (4.6) [V via secundária: Santos]. Grondin data o curso em 1920–21.]

1. UTTERBACK [prenome e obra a completar]. [Intermediário de Kierkegaard (n.º 15), por meio do Estudo X, 4.4 (n.º 101): "fundador da dialética", "dialética negativa" (4.4) [V via secundária: Estudo X, 4.4; tradução do estudo].]

1. QUIGLEY, Carroll. Resenha de JASPERS, Karl, *Os grandes filósofos* (*Die großen Philosophen*), vol. I, trad. Manheim, 1962. *The Washington Sunday Star*, 28/3/1962. [Intermediário, por meio do Estudo X, 4.4 (n.º 101): "os indivíduos paradigmáticos", "os pensadores seminais, dos quais só há três (Platão, Agostinho e Kant)" (4.4) [V via secundária: Estudo X, 4.4; tradução do estudo]. A obra de Jaspers não foi aberta.]

1. TAYLOR, Charles. *The Ethics of Authenticity* (*A ética da autenticidade*). Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1991 (11.ª impressão, 2003), p. 15. [Edição de consulta, em PDF com a paginação do livro: "O ideal moral por trás da autorrealização é o de ser fiel a si mesmo" (4.14, a porta do Estudo XV) [V-en; tradução do estudo]. A edição brasileira (*A ética da autenticidade*, trad. Talyta Carvalho, É Realizações, 2011) não foi aberta.]

1. LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. Trad. José Pinto Ribeiro; rev. Artur Morão. Lisboa: Edições 70 [ano da tiragem a confirmar]. [Intermediário: o Estudo VIII, 4.2 (n.º 99), que a leu nessa edição; a paginação é a de Lisboa. Pp. 33, 134 e 303 (1.9, 4.2) [V via secundária: Estudo VIII, 4.2; V-pt, via Estudo VIII]. Levinas sobre *Ser e tempo* (1988), em 1.12.]

1. LEVINAS, Emmanuel. "O outro, utopia e justiça". In: *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Coord. Pergentino Stefano Pivatto. Petrópolis: Vozes, 2.ª ed., 2005, pp. 289–290 [edição e ano a confirmar]. [Intermediário: o Estudo VIII, 4.2 (n.º 99), que conferiu o trecho no digitalizado. 1.12, 4.2, 5.3 [V-pt, via Estudo VIII; V via secundária: Estudo VIII, 4.2].]

1. RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa* III. Campinas: Papirus, 1997 (trad. Roberto Leal Ferreira); São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010 [tradutor a completar]. [Intermediário: o Estudo IX, 4.2 (n.º 100). Pp. 115 e 436 da edição portuguesa (4.3, 4.8) [V via secundária: Estudo IX, 4.2]. Não se sabe qual das duas edições a paginação do Estudo IX segue [dados a completar].]

1. RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007 [tradutor a completar]; ed. francesa, p. 465. [Intermediário: o Estudo IX, 4.2 (n.º 100), na edição francesa: "o silêncio de *Ser e tempo* sobre o fenômeno do nascimento" (4.3, 5.3) [V via secundária: Estudo IX, 4.2; tradução do estudo].]

1. RICOEUR, Paul. *Soi-même comme un autre* (*O si-mesmo como um outro*). Edição espanhola, pp. 292–293. [Intermediário: o Estudo IX, 4.2 (n.º 100). Gabriel Marcel dá à fidelidade o nome de disponibilidade (2.13) [V-es via secundária: Estudo IX, 4.2]. A edição portuguesa (Papirus, 1991; WMF Martins Fontes, 2014, trad. Ivone C. Benedetti) não foi aberta.]

1. ARENDT, Hannah. "Martin Heidegger faz oitenta anos" e "Karl Jaspers: laudatio". In: *La pluralidad del mundo*. Ed. Andreu Jaume. [Madrid]: Taurus / Penguin Random House, 2019. [Intermediário: o Estudo XIII, 4.6 (n.º 104), que leu o e-book em acesso aberto. 4.7: Heidegger e Platão voltados para tiranos e *Führers* [V via secundária: Estudo XIII, 4.6; paráfrase], e *humanitas* e a mentalidade alargada, na *laudatio* a Jaspers [V via secundária: Estudo XIII, 4.6; paráfrase; localização a confirmar].]

1. HEGEL, G. W. F. *Phänomenologie des Geistes* (1807), Prefácio, §20. [Intermediário: o Estudo VII, 4.5 (n.º 98). A tradução brasileira de Paulo Meneses (Vozes, 1992) é a de referência do Estudo VII. 4.1 [V via secundária: Estudo VII, 4.5].]

1. ARISTÓTELES. *Física* IV, 11, 219b1–2. [Intermediário: o Estudo XI, 4.4 (n.º 102), que leu o grego de Ross (Oxford Classical Texts). "Número do movimento segundo o antes e o depois" (4.5) [V via secundária: Estudo XI, 4.4; tradução do estudo]. A *Física* IV não tem português aberto.]

1. AGOSTINHO. *Confissões* IV, 4, 9; X, 33, 50; XI, 26, 33. [Intermediário: o Estudo XII, 4.5 (n.º 103), que conferiu o latim da Nuova Biblioteca Agostiniana; XI, 26, 33 chega também por Heidegger, *Ser e tempo*, §81, pp. 427–428 (n.º 16). "Tornei-me para mim mesmo um problema" (X, 33, 50). 4.6 [V via secundária: Estudo XII, 4.5; página a confirmar; localização a confirmar].]

1. DAVIS, Bret W. "Kyoto School". *Stanford Encyclopedia of Philosophy*. [Intermediário: o Estudo I, 4.6 (n.º 105), que a leu; autoria e data a confirmar. Nishitani estudou com Heidegger entre 1937 e 1939 (4.9) [V via secundária: Estudo I, 4.6; tradução do estudo].]

1. DŌGEN. *Shōbōgenzō*, "Genjōkōan". In: *Treasury of the True Dharma Eye: Zen Master Dōgen's Shōbōgenzō*, vol. 1. Soto Zen Text Project. Sōtōshū Shūmuchō, 2023. [Intermediário: o Estudo I, 4.6 (n.º 105). 4.9 [V via secundária: Estudo I, 4.6; tradução do estudo].]

O CÂNON E OS ESCRITOS

1. LUMEN FLUENS. *Cânon v1.2*. [Autoridade final; só o fundador o altera. Citado por parte e título: "Os Quatro Pilares" (I a IV; "Princípio", "Virtude"), "A Bússola", "A Arquitetura", "As Águas Comuns", "A Vigília", "O Abrigo", "Independência confessional", "Regra de Vida" ("Manhã"), "Parte IV — Papéis". A Antífona, parte do cânon, não é tratada neste estudo.]

1. LUMEN FLUENS. *Tratado da Luz Interior*. [Seções citadas: "Definição", "Fundamentação", "O problema que responde", "Objeção provável e resposta breve".]

1. LUMEN FLUENS. *Tratado da Vigília*. [Seções citadas: "Definição", "Objeção provável e resposta breve".]

1. LUMEN FLUENS. *Tratado das Águas Comuns*. [Seções citadas: "Definição", "Fundamentação", "O problema que responde". Cita Buber, *Eu e Tu* (n.º 5).]

1. LUMEN FLUENS. *Disputatio da Luz Interior e do Mal*. [Seções citadas: "1. Objeção III", "Respondeo", "4. *ad tertium*".]

1. LUMEN FLUENS. *Catecismo*. [Perguntas citadas: 8, 14, 24, 25 e 35.]

1. LUMEN FLUENS. *Meditações Práticas*. [Citadas pelo título: "O Acender da manhã" e "A mudança deliberada da semana".]

1. LUMEN FLUENS. *Glossário*. Versão 1.0, validada pelo fundador em 4 de novembro de 2026. [Nomeado no Prólogo entre as fontes do cânon e das contagens de vocabulário; nenhum verbete é citado.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 17/10/2026* (n.º 1–7, numeradas como no Prólogo do Estudo VII). [Citadas: n.º 2, 3 e 5.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 19/10/2026* (n.º 1–12, como no Prólogo do Estudo VIII). [Citadas: n.º 2, 3, 4 e 5.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 23/10/2026 sobre o Estudo IX* (n.º 1–13). [Citadas: n.º 5, 7 e 10.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 23/10/2026 sobre o Estudo X* (n.º 1–10). [Citadas: n.º 3, 6 e 7.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 31/10/2026 sobre o Estudo XI* (n.º 1–11). [Citadas: n.º 4 e 7.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 31/10/2026 sobre o Estudo XII* (n.º 1–11). [Citadas: n.º 6, 7 e 8.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII* (n.º 1–12). [Citadas: n.º 2, 4, 6 e 7. As listas de 23/10 e de 31/10 são sempre citadas com o nome do estudo.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 03/11/2026 sobre o Estudo I* (n.º 1–12). [Citadas: n.º 1, 3 e 6.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 03/11/2026 sobre o Estudo II* (n.º 1–12). [Citadas: n.º 1, 3, 4, 7 e 11.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 04/11/2026 sobre o Estudo III* (n.º 1–12). [Citadas: n.º 1, 7, 8, 11 e 12.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 04/11/2026 sobre o Estudo IV* (n.º 1–12). [Citadas: n.º 1, 2, 9, 11 e 12.]

1. LUMEN FLUENS. *Ficha do Estudo V* (outubro de 2026). [Apontamento do fundador, não cânon: três toques e duas fronteiras, citados em 5.1 e no Prólogo ("Contra a vida por papéis…"; "Bússola e autenticidade…"; "Kierkegaard, a ponte…"; "Invenção vs. revelação…"; "Absurdo vs. pertencimento…"). A ser testada e, se o fundador quiser, reescrita (5.4).]

1. LUMEN FLUENS. *Fichas dos Estudos I–VII*. [Apontamentos, não cânon: citadas no Prólogo; a Ficha VI, que tocou o taoísmo (4.12).]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado VII* (Hegel). [Leitura anterior; seções 4.5 e 5.1.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado VIII* (Levinas). [Seção 4.2.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado IX* (Ricoeur). [Seções 3.3, 4.2 e 5.5.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado X* (Platão). [Seções 3.6 e 4.4.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado XI* (Aristóteles). [Seção 4.4.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado XII* (Agostinho). [Seção 4.5.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado XIII* (Arendt). [Seções 3.8 e 4.6.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado I* (o budismo). [Seções 4.6 e 4.8.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado II* (a Stoa). [Seções 1.5 e 4.7.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado III* (o cristianismo). [Seções 1.5 e 4.10.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado IV* (o Vedanta). [Seção 4.9.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado VI* (o taoísmo), escrito em paralelo a este. [Só apontado (Prólogo, 4.12); nenhuma seção é citada.]

Conferências pendentes

Conferências pendentes

Este estudo traz 652 marcas de verificação entre colchetes, contadas por grupo no Prólogo e nos seis capítulos (360 no corpo e 292 nas listas de Fontes; 17 delas, no "Como ler este estudo", definem as marcas e não marcam passagem). Dessas, 93 levam "a confirmar": 47 no corpo e 46 nas Fontes, que repetem em parte as mesmas passagens. Por tipo, são 51 "página a confirmar" (21 no corpo e 30 nas Fontes), 28 "localização a confirmar" (15 e 13), 7 "tese a confirmar" (todas no corpo) e 2 "atribuição a confirmar" (no corpo), mais 5 de outra forma ("data a confirmar", 4; "página do livro de Kaufmann a confirmar", 1). Quatro das 93, no Prólogo, só definem a marca; ficam 89 passagens a conferir. Os números saem de `tools/contar-marcas.py`, que conta por grupo (um grupo composto, como [V-fr; V-en: Barnes; tradução do estudo], vale uma marca). Nada abaixo é doutrina: são dados de fonte, página, edição e numeração que a leitura cuidadosa de um exemplar em mãos pode fechar. Os itens estão numerados entre parênteses dentro de cada célula, com o capítulo e a seção. Toda citação lida em reconhecimento óptico (Sartre, *L'Existentialisme est un humanisme* e *L'Être et le néant*; Vela, *Filosofía*; Ortega, *El hombre y la gente*; as cópias digitais de Camus e de Beauvoir) deve ser conferida na imagem da página antes de sair em PDF. Preferimos uma lacuna marcada a uma citação falsa.

TIPO	O QUE FALTA
Edições não abertas (traduções brasileiras não vistas)	(1) **Sartre**: *O ser e o nada* (Perdigão, Vozes) não foi aberto; o estudo cita o francês de 1943 e o inglês de Barnes (1.3, 1.4, 1.6 a 1.8, 2.2, 3.2, 3.8, 3.9, 5.1). *O existencialismo é um humanismo* só chegou numa cópia de Rita Correia Guedes sem a paginação do impresso (Abril, *Os Pensadores*, ou Vozes): as páginas são as do francês de Nagel, e as palavras de Guedes citadas como letra [V-pt: Guedes] (Prólogo, 1.2, 1.3, 1.5, 1.10, 2.4, 2.6, 2.11, 3.1, 3.3, 5.1, 6.1, 6.2, 6.5) devem ser cotejadas com o impresso. (2) **Camus**: nenhuma tradução portuguesa foi aberta (Roitman–Wacht, para *O mito de Sísifo*; *A peste*; *O homem revoltado*, que nem em francês impresso foi aberto). (3) **Beauvoir**: *O segundo sexo* (Nova Fronteira, 1980; também Milliet) e *Por uma moral da ambiguidade* só chegam por Almeida e por Teixeira (1.5, 1.12, 2.14, 5.4, 6.1). (4) **Kierkegaard**: Valls (*O conceito de angústia*; *Pós-escrito*, Vozes), Roos e Elisabete Sousa não foram abertos; Hong, Steere e Thomte (inglês) também não. Só Marinho (*Temor e tremor*, *Os Pensadores* 31) foi aberto e citado (1.10, 3.13); Casais Monteiro (*A doença para a morte*) foi visto e não é citado, porque o estudo cita o dinamarquês. Todo o português de Kierkegaard é tradução do estudo, salvo Marinho. (5) **Heidegger**: a Parte II de *Ser e tempo* (§§46–74) não foi achada em português aberto; Schuback e Castilho só na Parte I, e as páginas das duas, na pesquisa de fontes, foram inferidas do número impresso no escaneamento (1.2, 1.4, 1.8, 4.14, 5.1). Benedito Nunes e Ernildo Stein (Carta sobre o humanismo, *Os Pensadores* 45) não foram abertos. (6) **Jaspers**: *Filosofía* só em Vela; o inglês de Ashton e o português de Vallandro e Casanova não foram achados (3.3). (7) **Marcel**: nenhuma edição, francesa ou portuguesa, foi aberta (Aubier e Gallimard fechados; as cópias de empréstimo responderam 401); *Ser e ter* em português, a conferir (1.9, 1.11, 2.12, 2.13, 3.1, 3.10, 3.11). (8) **Outros**: Merleau-Ponty em português; Ortega e Unamuno em português (a edição portuguesa de Unamuno não foi identificada); Frankl em português (Vozes ou Sinodal) e no alemão de 1946; Buber no alemão e nas páginas de *Eu e Tu*, que chegam só pelo Tratado das Águas Comuns e pela tradução de Zuben (Centauro, 2006) (1.8); Taylor em português (Talyta Carvalho, É Realizações, 2011; 4.14). (9) **Edições dos Estudos VIII e IX** de que o estudo cita páginas por intermédio: Levinas, *Totalidade e Infinito* (Edições 70, ano da tiragem a confirmar) e *Entre nós* (Vozes, 2.ª ed., 2005,

TIPO	O QUE FALTA
	a confirmar); Ricoeur, *Tempo e narrativa* III (Papirus, 1997, ou WMF Martins Fontes, 2010: o Estudo IX não diz qual a paginação segue) e *A memória, a história, o esquecimento* (Unicamp, 2007) (1.9, 1.12, 2.13, 4.2, 4.3, 5.3).
Páginas a confirmar	(1) **Beauvoir**, *O segundo sexo*: t. II, 1.ª parte, cap. I ("Ninguém nasce mulher: torna-se mulher"; 1.12, 2.14, 5.4, 6.1 e as Fontes de 3.14); t. I, "Introdução" ("Ele é o Sujeito, ele é o Absoluto: ela é o Outro") e a conclusão (1.12). A cópia lida (France Loisirs, 1990) não tem paginação legível; a p. 9 da Nova Fronteira (1980) é de Almeida, e o tradutor não é nomeado. *Por uma moral da ambiguidade*, p. 31, só por Teixeira (1.5). (2) **Camus**, *O homem revoltado*, cap. "O homem revoltado": a abertura ("um homem que diz não… é também um homem que diz sim"), "há uma natureza humana", "que preexiste a toda ação" e "eu me revolto, logo somos" não têm página (Prólogo, 1.2, 1.7, 2.11, 3.1, 4.13, 5.1, 6.1, 6.4); a p. 38 vale para a edição que Alves usa (1.7, 2.11). (3) **Ortega**: *El hombre y la gente*, *Obras completas* VII, 1964, páginas aproximadas do OCR (1.4); *Meditaciones del Quijote*: a página 322 da *OC* I é de Lara, e a seção da obra não foi conferida (Prólogo, 1.5, 2.6 [localização a confirmar], 5.4, 6.4). (4) **Schuback**: §9, p. 43 da edição alemã, com a página da tradução por conferir (1.2, 4.14, 5.1); nota N39, sobre *Fürsorge* e *einspringen/vorausspringen* (1.8). (5) **Kierkegaard**, *Ou—ou* II, SKS 3, 165—166, o Ou—ou que não é a escolha entre o Bem e o Mal (3.3), e a paráfrase de SKS 3 em 2.4 [página a confirmar]; em geral, as páginas da SKS vêm do marcador "ed N" do portal tekster.kb.dk e são inferência da pesquisa de fontes, a conferir contra o sks.dk, que não respondeu (Prólogo, 1.2 a 1.5, 1.10, 2.3, 2.4, 2.6, 3.1 a 3.4, 3.6, 3.13, 5.1, 5.4, 6.1). (6) **Jaspers**, *Filosofía* II, cap. VI, "a liberdade é a escolha de mim mesmo" (3.3), em Vela, com OCR ruim e paginação divergente entre as cópias (61 e 67). (7) **Kaufmann**: a página do livro dele, de que Dunzweiler cita a passagem na p. 46 (1.1). (8) **Outras**: Unamuno, cap. I, II e III, sem paginação (1.6 duas vezes, 3.12); Frankl, "a última das liberdades humanas", só por transcrição (1.6); Agostinho, *Confissões* IV, 4, 9 (4.6); Heidegger, *Ser e tempo* §6, e Kierkegaard, *Migalhas*, "Interlúdio", nota (4.5); Safranski (1.12, 3.14); Marcel, *Homo viator*, p. 77, edição e localização (3.10).
Via secundária	(1) **Marcel** só por Grassi (tese de licenciatura, UCA, 2008, com traduções do próprio Grassi e as páginas do francês) e por Pugeda (2024): Prólogo, 1.9, 1.11, 2.12, 2.13, 3.1, 3.10, 3.11; "J'espère en toi pour nous" só por Pugeda, de uma edição inglesa não identificada (3.10). Zaner, "protótipo do ter", só por Grassi (3.11). (2) **Jaspers**, *Filosofia* por Vela, castelhano (3.3); *Philosophie* III e *Der philosophische Glaube*, só em paráfrase (1.10); *Os grandes filósofos*, só pela resenha de Quigley, por meio do Estudo X, 4.4 (4.4). (3) **Ortega** por Lara (Prólogo, 1.5, 2.6, 5.4, 6.4). (4) **Camus**, *O homem revoltado*, por Alves e por um texto de prova de concurso (ver "Páginas a confirmar"). (5) **Huis clos** por Longo: a p. 93 da edição de 2012 e a glosa gravada ("se as relações com o outro são tortas, viciadas…"), de uma *fiche* que Longo data de 1965 e que a pesquisa de fontes data de 1964; o disco de 2004 não foi ouvido e a edição de 1945 não foi conferida (1.8, 3.9, 5.4, 6.1, 6.4). (6) **Beauvoir** por Almeida e por Teixeira (1.5, 1.12, 2.14, 5.4, 6.1). (7) **Levinas e Ricoeur** pelos Estudos VIII e IX: Levinas, 4.2 do Estudo VIII (1.9, 1.12, 4.2, 5.3); Ricoeur, 3.3, 4.2 e 5.5 do Estudo IX (2.7, 2.13, 4.3, 4.8, 5.3). (8) **Merleau-Ponty** só por Smith e por Cabanes, sem página Gallimard (1.3, 1.9, 2.12, 3.11, 5.4); "condenados ao sentido" sem o francês. (9) **Dos Estudos anteriores**: Kierkegaard (*Pós-escrito*, *Migalhas*, *Conceito de ironia*) e Hegel (4.1, 4.4, 4.5, por VII, XI e X); Heidegger, curso de 1921, por Santos (4.6); Agostinho (4.6, por XII); Arendt (4.7, por XIII); Epicteto, por Dinucci—Julien (4.8, por II); Nishitani e Dōgen (4.9, por I). (10) **Buber** pelo Tratado das Águas Comuns (1.8); **Nietzsche** em Frankl, e Frankl, por Wikiquote e Quote Investigator (1.6).

TIPO	O QUE FALTA
Teses a confirmar	(1) **Heidegger em 1933**, por Safranski, que o estudo nomeia e a pesquisa de fontes não leu na página: a reitoria de Freiburg em 1933–34 e a filiação ao partido nazista são [paráfrase; localização a confirmar] (1.12), [paráfrase; Safranski, página a confirmar] (3.14) e [fato histórico; fonte e página a confirmar em Safranski] (Fonte de 1.12); "o que disse e calou depois" é [tese a confirmar] (1.12). (2) **Sartre e o stalinismo**: "o que Sartre disse e calou diante do stalinismo" é [tese a confirmar] (1.12); a ligação ao marxismo e ao comunismo soviético, [paráfrase; localização a confirmar] (3.14); 2.14, 5.4, 6.1 e 6.3 só o repetem. (3) **A ruptura de 1952** entre Camus e Sartre: [tese a confirmar] em 1.12 e em 3.14; 1.1 a diz sem marca ("no verão de 1952… nas páginas de *Les Temps modernes*"). (4) **Kierkegaard sobre as mulheres**: [paráfrase; localização a confirmar] (3.14); nenhuma passagem foi lida (1.12, 2.14, 5.4, 6.1, 6.3 apenas o nomeiam). (5) **Heidegger sobre a *Ética* no Estudo XI**: "Heidegger sobre a *Ética* (Estudo XI, 4.4)" é [tese a confirmar] (4.15); falta abrir o Estudo XI, 4.4, e ver se diz isso; as citações de Heidegger (§6) e de Kierkegaard (*Migalhas*) que 4.5 toma ao Estudo XI levam [página a confirmar]. (6) Outras: o "salto de fé" que "não se cita aqui como letra" de Kierkegaard (3.12); "meu corpo não é meu instrumento" (3.11); a posição de *Rodemester* no prelúdio dos *Problemata*, e não no Problema I (3.13).
Atribuições a confirmar	(1) **"Meu corpo não é meu instrumento"**, que corre como de Marcel: não foi achada em letra alguma. O que há é "o corpo é o ter-tipo… e no entanto…" (*Être et avoir*, p. 237) e "dizer 'eu sou meu corpo' é emitir um juízo negativo" (*Du refus à l'invocation*, p. 34), ambos por Grassi; Zaner lê o corpo como "protótipo do ter" e da "instrumentalidade". Que Marcel recuse "instrumento" é [hipótese do estudo], sem aspas dele (Prólogo; 3.11 [tese a confirmar]). (2) **"Não creio em Deus e não sou ateu"**, que corre como de Camus: não foi achada em fonte primária e não se cita (Prólogo, "Como ler este estudo"). (3) **A frase de Dostoiévski**: "se Deus não existe, tudo é permitido" não existe assim nos *Karamázov*; Sartre a atribui a Dostoiévski sem obra nem página (p. 36 da conferência), e a forma mais próxima é a de Rakitin, I, II, 7, em Garnett e no russo; as outras são de Ivan (II, V, 5), Dmitri (IV, XI, 4), Smerdiakov (IV, XI, 8) e do Diabo (IV, XI, 9). Marcada [atribuição a confirmar] no Prólogo; a citação de 1.10 vem com o texto e a numeração de Garnett, e a divisão em Partes e Livros segue os cabeçalhos dele. (4) **"Estamos condenados a ser livres"**, no plural, não ocorre na conferência de 1945 nem em *O ser e o nada*: a letra é "o homem está condenado a ser livre" (p. 37) e "estou condenado a ser livre" (1943, pp. 515–516 do francês); o plural corrente não é letra de obra alguma (Prólogo, 1.3). (5) **"O inferno são os outros"**: a letra é a de Garcin (*Huis clos*, p. 93, por Longo); a glosa de Sartre vem por Longo, com a data em disputa (1.8, 3.9). (6) **"Quem tem um porquê…"**, de Frankl: é de Nietzsche (*Crepúsculo dos ídolos*, "Máximas e flechas", 12), que Frankl cita, segundo Rider, pp. 84 e 109, via Quote Investigator (1.6).
Divergências de tradução registradas	(1) ***Das Man***: "a gente" (o estudo, em todos os capítulos) × "o impessoal" (Schuback) × "a-gente" (Castilho) (Prólogo, 1.4, 2.1, 6.1). Em 3.5 "impessoal" é adjetivo do *Es* do chamado, e não tradução de *das Man*. (2) ***Eigentlichkeit***: "propriedade" (Schuback; a impropriedade, *Uneigentlichkeit*, 1.2) × "autenticidade" (o uso corrente e o estudo, nos homônimos: Prólogo, 1.2, 1.4, 1.13, 4.14). (3) ***Dasein***: "pre-sença" (Schuback) não entra na tradução do estudo, que deixa *Dasein* e o explica uma vez (Prólogo, 1.2). (4) **Jaspers**, *Introdução à filosofia*, p. 18: "naufrágio" (*Scheitern*, p. 19) é o que as situações-limite mostram; a segunda reação a elas é "desespero e restauração", e não "naufrágio" (Prólogo, 1.6, 3.6). (5) ***Rodemester***: "preceptor" em Marinho × *tax-collector* em Lowrie, segundo a pesquisa de fontes; o estudo o põe no prelúdio dos *Problemata*, e não no Problema I (3.13). (6) ***Fürsorge***: "preocupação" e "antepor" (Schuback, nota N39) × "solicitude" (o estudo; 1.8, 2.10, 3.9); *Sorge*: "cura" (Schuback, segundo a pesquisa de fontes) × "cuidado" (o estudo; Prólogo). (7) **Beauvoir**: "Ninguém nasce

TIPO	O QUE FALTA
	mulher" (Nova Fronteira, 1980) × "não se nasce mulher" (o estudo, 1.12, 2.14, 3.14). (8) **Buber**: "toda vida atual é encontro" (o Tratado das Águas Comuns) × "toda vida verdadeira é encontro" (a forma corrente) (1.8). (9) **Sartre**, edição de 1945: "Paris: Nagel, 1946" no capítulo 2 e "Nagel, 1970" nos demais; uniformizar. (10) **Lowrie**: Princeton, 1941, p. 129 (Estudo III) × Anchor/Doubleday (pesquisa de fontes do Estudo V), com paginação 119/129 e 131 a confirmar (Prólogo, 4.10). (11) *Analectos*: não se aplica; a divergência de edição dos *Analectos* é do Estudo VI.
Originais completados sem conferência direta	(1) **Prólogo**: todos os originais em francês, alemão, dinamarquês e castelhano das Fontes (n.° 1 a 15) constam das fontes abertas pela pesquisa de fontes do estudo. (2) **Capítulo 6, Fonte 17 (6.3, 6.4)** e **capítulo 3, Fonte 37 (3.14)**: Jaspers, *A questão da culpa*, p. 64, «der Mangel an absoluter Solidarität mit dem Menschen als Menschen». A pesquisa de fontes leu «Metaphysische Schuld ist der Mangel an der absoluten Solidarität mit dem Menschen als Menschen»: o original das Fontes encurta a frase e muda "an der absoluten" em "an absoluter"; conferir na página e corrigir a Fonte. (3) Fora do que se pediu, mas do mesmo tipo: **capítulo 3, Fonte 2 (3.1)**, Sartre, p. 21, «l'homme existe d'abord, se rencontre, surgit dans le monde, et se définit après», sem o "qu'il" do original, que é «et qu'il se définit après»; **capítulo 1, Fonte 65 (1.8)**, Barnes, pp. 259–260, «it is not that there is someone there», cujo texto aberto é «…is not that there is someone there» no meio de uma frase maior.
Intérpretes conhecidos só por intermediário ou só nomeados	(1) Por intermediário: Kaufmann (via Dunzweiler); Marcel e Zaner (via Grassi e Pugeda); Ortega (via Lara); Beauvoir (via Almeida e Teixeira); *Huis clos* e a glosa gravada (via Longo, que remete a Ferraro); *O homem revoltado* (via Alves); Buber (via o Tratado das Águas Comuns); Frankl (via Wikiquote, Rider e Quote Investigator); Lowrie (via Estudo III); Santos, Utterback e Quigley (via Estudos XII e X); Levinas, Ricoeur, Arendt, Hegel, Aristóteles, Agostinho, Epicteto, Nishitani, Dōgen, Kierkegaard (*Pós-escrito*, *Migalhas*, *Conceito de ironia*) e Alves, sobre o *Mitsein* (via os Estudos VIII, IX, XIII, VII, XI, XII, II, I e X). (2) Só nomeados, sem obra aberta ou sem tese lida: Safranski; Castilho (só pelo léxico); *Philosophie* III e *Der philosophische Glaube* (Jaspers); Sartre, *Crítica da razão dialética* e *Questão de método*; Merleau-Ponty, em francês; Dunzweiler (obra e dados). (3) Nomes da Folha de estilo, do plano e da pesquisa de fontes que o estudo não usa e que ficam fora da bibliografia: Valls, Perdigão, Roitman–Wacht, Rumjanek, Milliet, Ribeiro de Moura, Kreuch, Casais Monteiro, Stein, Nunes, Roos, Elisabete Sousa, Hong, Steere, Thomte, Ashton, Vallandro e Casanova; Guignon, Westphal, Green, Pfeiffer, Garff, Hannay, Dreyfus, Flynn, Cooper, Crowell, Bakewell, Cohen-Solal, Todd; Leopoldo e Silva, Falcato, Souza, T. T. Santos, Trindade, Forneck, Pimenta, Pardelha, Bornheim; Troisfontaines, Treanor, Marías; Tillich (Serute e Silva).
Remissões a Estudos anteriores a conferir no texto publicado	(1) **Estudo VII, 4.5**: Kierkegaard no *Pós-escrito* ("não se pode dar nenhum sistema da existência"), a bela alma, Sartre diante do ponto de vista do Todo ("por princípio impossível", *O ser e o nada*, 1943) e Alves sobre o *Mitsein* [localização a confirmar] (Prólogo, 2.3, 4.1, 5.3). **Estudo VII, 5.1**: Moriá e a pergunta (j) (Prólogo, 1.10, 3.13, 4.1, 5.4, 6.3). (2) **Estudo VIII, 4.2**: Levinas diante de Heidegger e de Sartre, *Totalidade e Infinito*, pp. 33, 134 e 303, e *Entre nós*, pp. 289–290 (1.8, 1.9, 1.12, 4.2, 4.15, 5.3); conferir no texto publicado se o VIII, 4.2, trata ou não o §26 de Heidegger, a solicitude, que o estudo lê ao lado da n.° 4 de 19/10 sem dizer que o VIII o tenha tratado (1.8, 3.9, 5.2). (3) **Estudo IX, 3.3** (4.3: a voz da consciência em Ricoeur), **4.2** (2.13, 4.3, 5.3: a casa lida em quatro lugares, a promessa, a culpa, a morte e o nada; Marcel e a disponibilidade; *Tempo e narrativa* III, pp. 115 e 436; *A memória…*, p. 465; *O si-mesmo…*, pp. 292–293) e **5.5** (2.7, 2.13: as situações-limite tocam a Vigília "na medida em que sejam noite"; a morte que a letra do cânon não nomeia). (4) **Estudo X, 3.6** (4.5: o rio lido

TIPO	O QUE FALTA
	como histórico, e não cosmológico) e **4.4** (4.4, 4.15: Kierkegaard por Utterback; Jaspers por Quigley). (5) **Estudo XI, 4.4** (4.5, 4.15): Aristóteles em Heidegger (§6) e em Kierkegaard (*Migalhas*), e o que o XI não recolheu de Jaspers; o que o XI diria sobre Heidegger e a *Ética* é [tese a confirmar] (4.15). (6) **Estudo XII, 4.5** (4.6, 4.15): *Confissões* IV, 4, 9, X, 33, 50 e XI, 26, 33, e o curso de 1921 por Santos. (7) **Estudo XIII, 3.8** (2.1: a irreflexão) e **4.6** (1.12: "a biografia não é doutrina"; 2.1: o "a gente" ao lado do "social" de Arendt; 3.7, 5.3, 6.3: sem "natalidade × ser-para-a-morte"; 4.7, 4.15): confirmar que 4.6 não traz essa oposição nem põe a irreflexão ao lado de "a gente", como o estudo diz. (8) **Estudo I, 4.6** (4.9, 5.3: Nishitani, Dōgen, Heidegger e o Nada de Kyoto) e **4.8** (4.12, 5.3: a Ficha VI e o *wu wei*). (9) **Estudo II, 1.5** (4.8: Epicteto, *Encheirídion*, 17) e **4.7** (4.8, 4.15: Kierkegaard, Sartre e Camus sobre a Stoa). (10) **Estudo III, 1.5** (4.10: Lowrie, p. 129) e **4.10** (4.10, 4.12, 5.3: Kierkegaard e Dostoiévski; nada sobre o taoísmo). (11) **Estudo IV, 4.9** (4.11, 4.12, 4.15, 5.3: Heidegger e a Índia). (12) **As decisões** do fundador citadas pelo número: confirmar cada número e cada lista (17/10: n.° 2, 3 e 5; 19/10: n.° 2 a 5; 23/10, Estudo IX: n.° 5, 7 e 10; Estudo X: n.° 3, 6 e 7; 31/10, Estudo XI: n.° 4 e 7; Estudo XII: n.° 6 a 8; Estudo XIII: n.° 2, 4, 6 e 7; 03/11, Estudo I: n.° 1, 3 e 6; Estudo II: n.° 1, 3, 4, 7 e 11; 04/11, Estudo III: n.° 1, 7, 8, 11 e 12; Estudo IV: n.° 1, 2, 9, 11 e 12). A n.° 11 de 03/11 sobre o Estudo II e as n.° 11 e 12 de 04/11 sobre os Estudos III e IV aparecem ora separadas, ora juntas. (13) **O Estudo VI** (o taoísmo), escrito em paralelo: o estudo só o aponta (Prólogo, 4.12); conferir a remissão quando o VI estiver publicado.
O que a decisão do fundador pode resolver	Nada nas conferências é doutrina. À decisão do fundador cabem: (1) as perguntas abertas (cs) a (db), mais as herdadas (g), (j) e (k) (6.3); (2) a fórmula (6.2): "o Lumen Fluens aceita do existencialismo a escolha e recusa a invenção", com a glosa "a escolha como lugar da pessoa, não como função da Bússola" (cs); (3) a Ficha reescrita (5.4, pergunta (da)): oito toques e oito fronteiras, "inventar-se × revelar-se" no lugar de "a luz precede a existência vivida"; (4) o padrão da série diante da casa dividida (db): Heidegger em 1933, Sartre e o stalinismo, Kierkegaard sobre a mulher, como biografia, com Beauvoir do lado da disputa; (5) o homônimo *disponibilité* × Disponibilidade, registrado sem glosa, com a medição no Estudo XIV (cz). O que as conferências fecham é só o dado de fonte.

Painel de verificação

Contagem, feita sobre o texto final, das marcas entre colchetes que acompanham citações e leituras. “Corpo” é o texto do Prólogo e dos capítulos; “Aparato” são as fontes por capítulo. Neste estudo as passagens do budismo foram conferidas, quando possível, no páli (SuttaCentral) ou no sânscrito dos originais, com as traduções inglesas e portuguesas à vista (ver o Prólogo, “Como ler este estudo”); o que não foi conferido em edição brasileira ou portuguesa vai como [V-pi], [V-skt], [V-en] ou tradução do estudo (ver o Apêndice B).

MARCA	TOTAL	CORPO	APARATO
[leitura do estudo]	96	84	12
[V-fr; tradução do estudo]	86	39	47
[V-de; tradução do estudo]	84	34	50
[V via secundária]	71	34	37
[V-fr]	54	19	35
[v-da; tradução do estudo]	50	22	28
[V-en; tradução do estudo]	49	22	27
[hipótese do estudo]	48	48	0
[V-es; tradução do estudo]	18	8	10
[V-pt]	18	8	10
[... a confirmar]	13	8	5
[paráfrase; ... a confirmar]	10	6	4
[tese a confirmar]	7	7	0
[V-en]	7	4	3
[V-es]	4	2	2
[v-da; trecho truncado; tradução do estudo]	3	0	3
[paráfrase]	3	3	0
[v-ru; v-en: garnett; tradução do estudo]	2	1	1
[v-da via secundária: marinho; tradução do estudo]	2	1	1
[V-de]	2	1	1
[V-pt; conferido no digitalizado]	2	0	2
[inferência do estudo]	1	1	0
[tradução do estudo]	1	1	0
[decidida pelo fundador em 06/11/2026 (estudo v, n.° 9): (j) fica registrada com a leitura do estudo adotada: o veto é a própria luz, sem voz externa.]	1	1	0

Citações entre aspas e palavras, por capítulo:

CAPÍTULO	CITAÇÕES	PALAVRAS
Prólogo — O estado da questão e o método	135	5789
1. O existencialismo em sua melhor forma	128	5274
2. Onde nos tocamos	133	3966
3. Onde nos separamos	138	5543
4. O existencialismo diante das casas da série	75	3819
5. A Ficha e as prévias: o que a série já disse do existencialismo	81	2767
6. Síntese, fórmula e questões abertas	84	3935
Total	774	31093

Toda citação do corpo foi conferida, fragmento a fragmento, contra a pesquisa de fontes do estudo e contra o Cânon v1.2, os três Tratados, a Disputatio, o Catecismo, as Meditações, as decisões do fundador e os Estudos VII a XIII; nenhuma foi inventada. As que não puderam ser conferidas numa edição levam marca. Dentro das aspas fica a grafia da edição citada.